



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP DEPARTAMENTO DE  
CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICA – DCET  
ARQUITETURA E URBANISMO**

**REVITALIZAÇÃO E NOVAS FUNCIONALIDADES DO PARQUE DO  
JANDIÁ**

**MACAPÁ  
2018**



LUCAS CÉSAR PACHECO ROCHA

## REVITALIZAÇÃO E NOVAS FUNCIONALIDADES DO PARQUE DO JANDIÁ

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito para obter a graduação em Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, campus Zerão, 10º semestre, orientado pelo professor Mestre Felipe Moreira Azevedo.

**MACAPÁ**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá  
Bibliotecária: Thalita Ferreira (CRB2-1557)

712.5098116

R672r Rocha, Lucas César Pacheco.

Revitalização e novas funcionalidades do Parque do Jandιά / Lucas César Pacheco Rocha ; orientador, Felipe Moreira Azevedo. -- Macapá, 2018.

141 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

1. Complexo turístico – Parque do Jandιά – Macapá/AP. 2. Parque urbanos. 3. Projeto de revitalização. I. Azevedo, Felipe Moreira, orientador. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**LUCAS CÉSAR PACHECO ROCHA**

### REVITALIZAÇÃO E NOVAS FUNCIONALIDADES DO PARQUE DO JANDIÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de bacharel no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá.

Aprovada em 05 de Fevereiro de 2018

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Msc. Felipe Moreira Azevedo  
(Universidade Federal do Amapá)

---

Prof. Msc. Elizeu Corrêa dos Santos  
(Universidade Federal do Amapá)

---

Prof. Msc. André de Barros Coelho  
(Universidade Federal do Amapá)

MACAPÁ  
2018

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, que me deu energia e benefícios para superar as dificuldades e de concluir este trabalho.

A meus familiares e amigos, pelo incentivo, pelo apoio e ajuda para comigo, especialmente minha mãe Maria Lucinéa Nascimento Pacheco, meu Pai César da Silva Rocha e minha irmã Luana kamille.

A minha namorada Deise Silva pelo incentivo e apoio.

A Universidade Federal do Amapá, seu corpo docente, técnico-administrativo, direção e coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo pela a formação e qualificação técnica e profissional.

Ao meu Profº orientador Msc. Felipe Moreira Azevedo por acreditar, ajudar e orientar a desenvolver este TCC.

## RESUMO

A proposta central do estudo é trazer novamente uma movimentação cultural e financeira para o Complexo turístico Parque do Jandiá, em que será sugerida modificação na paisagem, nas estruturas e mobilidade, para que haja um equilíbrio com o entorno, onde o mesmo perdeu seu o atrativo, sua economia e encontra-se em completo abandono. Acredita-se que por meio deste estudo será possível levantar a importância cultural que esse local possui para a população do Bairro do Cidade Nova 1, e que será mais uma vez frequentado pelo mesmo. A metodologia utilizada foi em base as referências bibliográficas e/ou documentais como imprensa escrita; material cartográfico (mapas e gráficos); publicações (livros, teses, monografias, publicações avulsas, pesquisas etc.); pesquisa de campo, com levantamento de dados, entrevistas, questionários e fotografias no local e com as pessoas ligadas com o assunto de maneira direta ou indireta; Softwares: AutoCad, SketchUp, Google Earth, Google Maps, Power Point; e dados de órgão oficiais governamentais e não governamentais. A pesquisa objetiva a geração de uma nova dinâmica econômica, social e espacial, com a revitalização da área estudada e suas novas funcionalidades, uma vez que há diminuição de turista na área, atrelado a falta de ação do poder público, em buscar melhorias. O descaso atual prejudica a população e usuários do local. A ausência de conhecimento da importância deste espaço urbano para a economia, da importância para a movimentação turística, gera a falta de Investimento, caracterizando falta de planejamento e má distribuição de verba. Para a valorização e preservação das praças e parques públicos, conhecer a importância, os usos e funções destas áreas são essenciais para a sustentabilidade voltada ao meio ambiente e a qualidade de vida da população, no qual a proposta ao objeto de estudo foi pensada, a fim de atender as necessidades, tanto para a população quanto ao meio ambiente, de forma que ajude este espaço à obter, novamente, vida, assim como seu entorno.

**Palavras-Chave:** Complexo Turístico Parque do Jandiá; Bairro Cidade Nova I; Revitalização; Turismo; Macapá-AP.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - CAMELÔ E AMBULANTES USANDO A RUA COMO ESPAÇO DE COMERCIALIZAÇÃO .....	26
FIGURA 2 – COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE DO JANDIÁ ATUALMENTE .....	33
FIGURA 3 – PRAÇA FLORIANO PEIXOTO.....	33
FIGURA 4 – PRAÇA VEIGA CABRAL.....	34
FIGURA 5 - REGATÕES DE EMBARQUE E DESEMBARQUE .....	38
FIGURA 6 - VIAS COM ATOLAMENTOS.....	45
FIGURA 7 – DECRETO DE CRIAÇÃO.....	45
FIGURA 8 – CENTRO NOSSA SENHORA MARIA IMACULADA .....	46
FIGURA 9 – PROJETOS PARA UM FUTURO MELHOR .....	46
FIGURA 10 – AÇÕES SOCIAIS.....	47
FIGURA 11 – ENCANAMENTO INSTALADO PELOS MORADORES .....	48
FIGURA 12 – ANTIGA PONTE DO CANAL DO JANDIÁ.....	48
FIGURA 13 – ANTIGO DECK DE MADEIRA PARA AS EMBARCAÇÕES.....	49
FIGURA 14 – ENCANAMENTO DA CAESA .....	49
FIGURA 15 - ESCOLA ESTADUAL MARIA IVONE DE MENEZES.....	50
FIGURA 16 – FUTEBOL EM TERRA BATIDA .....	51
FIGURA 17 E 18 - ANINGA .....	52
FIGURA 19 – VISTA AÉREA DO COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE DO JANDIÁ DEPOIS DE SUA INAUGURAÇÃO.....	52
FIGURA 20 - MÁRIO FROTA, O PRESIDENTE DA FAF.....	52
FIGURA 21 - PRIMEIRO CAMPEONATO DE FUTLAMA EM 2002.....	54
FIGURA 22 – TABELA DE GÊNERO .....	56
FIGURA 23 – TABELA DE FAIXA ETÁRIA .....	56
FIGURA 24 – TABELA DE FAIXA ETÁRIA ENTRE JOVENS E IDOSOS .....	57
FIGURA 25 - LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.....	59
FIGURA 26 – ACESSO REDUZIDO NAS VIAS .....	60
FIGURA 27 – AUSÊNCIA DE ACESSIBILIDADE.....	60
FIGURA 28 E 29 – ACESSOS ESTREITOS .....	61
FIGURA 30 – VIAS SEM ASFALTO .....	62
FIGURA 31 – VIAS COM ALERTA DE PERIGO.....	63
FIGURA 32 – AUSÊNCIA DE CALÇAMENTO .....	64
FIGURA 33 - ARBORIZAÇÃO .....	66
FIGURA 34 – ESTADO DA ARBORIZAÇÃO NO BAIRRO. ....	66
FIGURA 35 – AMBIENTES DE SETOR MISTO .....	68
FIGURA 36 – ÚNICO COLÉGIO NO BAIRRO DO CIDADE NOVA I. ....	69
FIGURA 37 E 38 – CONSTRUÇÃO DA UBS; MAPA 12 – LOCALIZAÇÃO DA UBS.....	69

FIGURA 39 – ATUAL UBS DO BAIRRO CIDADE NOVA I .....	70
FIGURA 40 – POSTEAMENTO DO BAIRRO CIDADE NOVA I.....	70
FIGURA 41 – LIXEIRA VICIADA.....	71
FIGURA 42 – ACESSO PRINCIPAL AO COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE .....	73
FIGURA 43 – ASSOREAMENTO .....	73
FIGURA 44 E 45 – GUARITA E PLACA DE INAUGURAÇÃO.....	74
FIGURA 46 – RAMPA DE CONCRETO IMPRÓPRIO.....	74
FIGURA 47 – AUSÊNCIA DE PASSEIO .....	75
FIGURA 48 – ASSOREAMENTO EM MEIO AO PASSEIO COM CRESCIMENTO DE VEGETAÇÃO.....	75
FIGURA 49 – ABANDONO DO AMBIENTE .....	76
FIGURA 50 - PALCO EM ESTADO PRECÁRIO.....	76
FIGURA 51 – ESTUDANTES EM BUSCA DA BOLA.....	77
FIGURA 52 – AVAP - ASSOCIAÇÃO DOS VELEJADORES DO AMAPÁ.....	77
FIGURA 53 – FURTO DE FIOS DO POSTE DE ILUMINAÇÃO.....	78
FIGURA 54 – IMAGEM NOTURNA DO ACESSO PRINCIPAL AO PARQUE .....	78
FIGURA 55 - GUARITA EM FORMA OCTOGONAL.....	79
FIGURA 56 - DIAGNÓSTICO E PROGRAMAÇÃO PARA O PARQUE SETORIAL.....	81
FIGURA 57 - VISTA AÉREA DO PARQUE SETORIAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO.....	83
FIGURA 58 E 59 - VISTA AÉREA DA PRAÇA SAN MARTÍN DE LA MAR.....	84
FIGURA 60 - SECÇÃO TRANSVERSÃO DA PRAÇA DEMONSTRA AS DIFERENTES POSSIBILIDADES DE USO NO ESPAÇO.....	85
FIGURA 61 - CORTE DA PRAÇA MOSTRANDO OS BANCOS EM DIFERENTES NÍVEIS DE ALTURA .....	85
FIGURA 62 - LOCALIZAÇÃO DA ILHA DE MOSQUEIRO.....	86
FIGURA 63 – TRAPICHE EM UMA DAS PRAIAS EM MOSQUEIRO .....	86
FIGURA 64 – PRESENÇA DE QUIOSQUES EM MOSQUEIRO .....	87
FIGURA 65 E 66 - PRESENÇA DE ÁRVORES NESTA REGIÃO DE MOSQUEIRO.....	88
FIGURA 67 – EXEMPLO DE UM DETERMINADO TRECHO DE MOSQUEIRO COM A PRESENÇA DE CALÇADAS BEM PLANEJADAS E CONSERVADAS.....	88
FIGURA 68 E 69 – PRESENÇA DE ÁREAS DE DESPORTO EM UM DETERMINADO TRECHO DE MOSQUEIRO .....	89
FIGURA 70 - ANINGA OU ANINGUEIRA, COMO É CONHECIDA POPULARMENTE .....	90
FIGURA 71 – VENTILAÇÃO NO TERRENO.....	92
FIGURA 72 – INSOLAÇÃO NO TERRENO.....	92
FIGURA 73 – ARBORIZAÇÃO NA FACHADA OESTE.....	93
FIGURA 74 - ESQUEMA DE EQUIPAMENTOS INSTITUCIONAIS.....	95
FIGURA 75 - SÍMBOLO INTERNACIONAL DE ACESSO.....	100
FIGURA 76 – SINALIZAÇÃO DE PORTA .....	101
FIGURA 77 – DIMENSÃO EM MILÍMETROS.....	101
FIGURA 78 - SINALIZAÇÃO HORIZONTAL DE VAGAS.....	103



FIGURA 79 - VAGAS PARA ESTACIONAMENTO EM BAIAS AVANÇADAS NO PASSEIO.....	104
FIGURA 80 - VAGAS PARA ESTACIONAMENTO EM BAIAS AVANÇADAS NO PASSEIO.....	104
FIGURA 81 - VAGAS PARA ESTACIONAMENTO JUNTO A PASSEIO REBAIXADO .....	104
FIGURA 82 – EXEMPLO DE BANCO/ASSENTO .....	105
FIGURA 83 – MEDIDAS DO TERRENO. ....	106
FIGURA 84 - ORGANOGRAMA DO PARQUE DO JANDIÁ. ....	108
FIGURA 85 – SETOR 1 DO PARQUE DO JANDIÁ .....	110
FIGURA 86 – SETOR 2 DO PARQUE DO JANDIÁ .....	111
FIGURA 87 - SETOR 3 DO PARQUE DO JANDIÁ .....	112
FIGURA 88 – COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE DO JANDIÁ .....	113
FIGURA 89 – COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE DO JANDIÁ .....	113
FIGURA 90 – DEFESA CONTRA A MARÉ .....	114
FIGURA 91 - MURO DE ARRIMO EM CONCRETO ARMADO .....	115
FIGURA 92 – QUIOQUE REVITALIZAÇÃO .....	117
FIGURA 93 – MIRANTE.....	118
FIGURA 94 – BANHEIRO REVITALIZAÇÃO .....	119
FIGURA 95 - PALCO .....	12019
FIGURA 96 – QUADRA POLIESPORTIVAS .....	12120
FIGURA 97 – FAF ADMINISTRAÇÃO .....	121
FIGURA 98 – LOJA AVAP .....	121
FIGURA 99 – DEPÓSITO AVAP.....	122
FIGURA 100 – PLAYGROUND.....	123
FIGURA 101 – TRAPICHE.....	123
FIGURA 102 – DECK DE MADEIRA.....	124
FIGURA 103 – ACADEMIA AO AR LIVRE.....	125
FIGURA 104 – PISO TÁTIL.....	125
FIGURA 105 – CICLO FAIXA.....	126
FIGURA 106 – BANHEIRO.....	126
FIGURA 107 – MIRANTE NOVO.....	127
FIGURA 108 – ÁREA DE AMBULANTES.....	128
FIGURA 109 – POSTO POLICIAL.....	129
FIGURA 110 – ARQUIBANCADA.....	129
FIGURA 111 – CENTRAL PARK EM NOVA YORK.....	130
FIGURA 112 – OITI - LICAMIA TOMENTOSA.....	131
FIGURA 113 – PAU-FAVA - SENNA MACRANTHERA.....	131

## LISTA DE MAPA

MAPA 1 - ÁREA DO CIDADE NOVA I ANTES DA SUA CONSTRUÇÃO.....	39
MAPA 2- DELIMITAÇÕES DO BAIRRO CIDADE NOVA I.....	40
MAPA 3- BAIXADA DO JAPONÊS .....	41
MAPA 4 – ÁREAS DE PONTES .....	42
MAPA 5 – BARRAGENS PARA A NÃO CONCLUSÃO DAS VIAS.....	43
MAPA 6 – OCUPAÇÃO NO CANAL DO JANDIÁ.....	44
MAPA 7 – RELAÇÃO DE CIDADE E BAIRRO .....	58
MAPA 8 – FÁCIL ACESSO A OUTROS BAIRROS.....	61
MAPA 9 – INFRAESTRUTURA AS VIAS .....	63
MAPA 10 – HIERARQUIA DE VIA .....	65
MAPA 11 – PONTOS COMERCIAIS.....	67
MAPA 12 – LOCALIZAÇÃO DA UBS.....	70
MAPA 13 – ACESSOS AO COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE DO JANDIÁ.....	73

## LISTA DE TABELA

TABELA 1 – DIAGNÓSTICO SOBRE A CHANCE DE USAR A ÁREA DOS QUIOSQUES CASO ESTES SEJAM REVITALIZADOS. ....	69
TABELA 2 - QUADRO DAS OBSERVAÇÕES DO DIAGNÓSTICO E PROGRAMAÇÃO DO PARQUE SETORIAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. ....	83
TABELA 3 – DIMENSÃO DO PISO TÁTIL DE ALERTA .....	103
TABELA 4 - VAGAS EM ESTACIONAMENTO.....	105
TABELA 5 - TABELA DE SETORIZAÇÃO E PRÉ-DIMENSIONAMENTO DO PARQUE DO JANDIÁ. .....	108

## **LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS**

AVAP - Associação do Velejadores do Amapá

CAESA - Companhia de Água e Esgoto do Amapá

COMEL - Coordenadoria Municipal de Esporte e Lazer da Prefeitura de Macapá

FAF - Federação Amapaense de Futlama.

MPEG - Museu Paraense Emílio Goeldi

UFPA - Universidade Federal do Pará

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1. EMBASAMENTO TEÓRICO</b> .....	17
1.1 ORIGEM EPISTEMOLÓGICA .....	17
1.2 A IMAGEM DA CIDADE .....	20
1.3 ECONOMIA URBANA E A NATUREZA DO ESPAÇO .....	23
1.4 CONCEITOS DE PARQUES URBANOS .....	27
<b>1.4.1 História De Parques Urbanos</b> .....	30
1.5 CIDADE E A PRAÇA .....	32
<b>2. HISTÓRICO DO BAIRRO</b> .....	38
2.1 HISTÓRICO DO BAIRRO CIDADE NOVA I .....	38
<b>2.1.1 Educação</b> .....	50
<b>2.1.2 Lazer</b> .....	51
2.2 POPULAÇÃO – CIDADE NOVA .....	55
<b>2.2.1 Faixa etária da população de Cidade Nova – Macapá</b> .....	56
<b>3. DIAGNÓSTICO DO BAIRRO CIDADE NOVA I</b> .....	58
3.1 SITUAÇÃO DO BAIRRO CIDADE NOVA I NA CIDADE DE MACAPÁ .....	58
<b>3.1.1 Acessos</b> .....	59
<b>3.1.2 Infraestrutura</b> .....	62
<b>3.1.3 Hierarquia e composição viária</b> .....	64
<b>3.1.4 Arborização</b> .....	66
<b>3.1.5 Serviços</b> .....	67
<b>3.1.6 Iluminação pública</b> .....	71
<b>3.1.7 Segurança pública</b> .....	72
3.2 COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE DO JANDIÁ .....	73
<b>3.2.1 Acessos</b> .....	73
<b>3.2.2 Infraestrutura</b> .....	74
<b>3.2.3 Serviços</b> .....	78
<b>3.2.4 Iluminação pública</b> .....	79
<b>3.2.5 Segurança pública</b> .....	80
<b>4. PROPOSTA DO PROJETO</b> .....	81
4.1 ESTUDO DE CASOS .....	81
<b>4.1.1 Parque Setorial De São José Do Rio Preto</b> .....	81
<b>4.1.2 Praça San Martín De La Mar, Santander – ESP</b> .....	84

4.1.3 Vila de Mosqueiro, Belém – PA.....	87
4.1.4 Aninga .....	90
4.2 ESTUDO DO TERRENO E ENTORNO.....	92
4.2.1 Arruamento .....	93
4.2.2 Condicionantes morfológicos.....	94
4.2.3 Equipamentos Institucionais.....	95
4.3 NORMATIZAÇÃO DO PROJETO.....	96
4.3.1 Normas de Proteção Contra Incêndio .....	96
4.3.2 Legislação Específica .....	97
4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	106
4.4.1 Organograma.....	109
4.4.2 Partido.....	110
4.4.3 Muro de Arrimo.....	115
4.5 MEMORIAL JUSTIFICATIVO .....	117
4.6 MEMORIAL DESCRITIVO.....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>
<b>SITES.....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

A palavra “revitalização” sempre nos remete a ideia de ações que surgem com o objetivo de aplicar a determinada área um novo valor, também com o intuito de uma nova vida econômica e social. As cidades estão crescendo sem atentar ao planejamento urbano e esquecendo-se de espaços livres para construção e dos já existentes, onde surgem problemas no uso da área, desvalorização de outros e até abandono e marginalização dos mesmos.

As praças públicas em si, ao longo dos tempos, levando-se em consideração aos aspectos que os contornam como definição, funções, usos e concepções, sofreram significativas mudanças. Isso se diz respeito às transformações que são impostas pelo tempo, as praças ainda representam no cotidiano urbano um espaço de extrema importância ao setor público.

Diante disso, o presente trabalho destaca o Complexo Turístico Parque do Jandiá, tendo por objetivo a revitalização de alguns equipamentos do local, construção de novas funcionalidades para o espaço, mostrando sua importância, abordando também a força que esse espaço público pode trazer para aquele local de forma benéfica. Este conhecimento é primordial para a preservação e valorização destas áreas, que costumam ter relevância vital para a dinâmica das cidades.

O Complexo Turístico Parque do Jandiá tem como uma de suas importâncias a localização estratégica em relação a cidade, com fins de turismo e renda econômica para o mesmo. Para o bairro do Cidade Nova I onde está situado tem como suma importância o seu espaço de lazer, localização, e forma de renda para os moradores.

O objetivo geral da proposta da revitalização e de novos equipamentos do complexo é focado tanto na melhoria urbana do próprio complexo e do seu entorno, quanto para a cidade de Macapá, é proporcionar também qualidade de vida para os moradores e visitantes de modo geral. E de forma específica a proposta trás também a valorização do Futlana que já foi muito praticado no entorno do parque, melhoria para a equipe de velejadores que estão inseridos no complexo, segurança mais adequada, áreas de esporte e lazer de modo geral, gerar economia e emprego para os moradores e valorização do turismo para o local.

O motivo da escolha de fazer uma revitalização e gerar novas funcionalidades no Complexo foi justamente a questão do abandono de um espaço público onde a

população utilizava como renda e lazer de modo geral, que foi causado pela falta de segurança e manutenção do espaço, onde o mesmo tem como privilégio ser localizado em frente ao Rio Amazonas, com um potencial turístico e cultural não explorado com benefício ao bairro onde está instalado.

O presente trabalho aborda quatro capítulos onde o capítulo I trata-se de referências teóricas sobre parques, estudiosos como Kevin Lynch, com a finalidade de possuir maior conhecimento para um bom desenvolvimento do trabalho, o segundo capítulo fala sobre o histórico do complexo e do bairro onde está situado, explicando desde a criação de ambos até os dias atuais explicando as transformações ocorridas neles no decorrer desse tempo. O capítulo III refere-se ao diagnóstico aplicado tanto ao complexo como ao bairro, para que houvesse um conhecimento aprofundado dos problemas já instalados nos mesmos para que pudesse se pensar em soluções viáveis, e por fim o capítulo IV expõe a proposta sobre a revitalização e novas funcionalidades aplicadas ao Complexo Turístico Parque do Jandιά abordando estudo de casos para ideias, soluções para os problemas de assoreamento, segurança, iluminação, acessibilidade, esporte, lazer, além da aplicação de um paisagismo que atenda a necessidade do parque tanto para sombreamento e ventilação natural como um conforto e beleza do local.



# 1. EMBASAMENTO TEÓRICO

## 1.1 ORIGEM EPISTEMOLÓGICA

A palavra paisagem deriva do francês *paysage*. O prefixo “pays” (de origem francesa) há muito tempo é empregado na Europa, há pelo menos 1500 anos, significando segundo João Paulo Jeannine Andrade Carneiro (2011, p. 1-13) “tanto um indivíduo relacionado com seu lugar de origem como uma porção do território numa circunscrição determinada”. Grégoire de Tours, na sua obra *Histoire des Francs*, concebida no ano de 572, é considerado um dos primeiros a registrá-lo, tanto com o sentido de “habitante de um pãgus” como de “território de um pãgus”. (CARNEIRO, 2011, p. 3).

A forma mais antiga que encontra do vocábulo francês *pays*, do qual derivou a palavra portuguesa e espanhola “país”, vem de um verbo latino: *pangere* que significa “fixar”. Seu particípio quando julgado no passado, *pactum*, define outra conotação, com o sentido de “pactuar”, propondo, que para determinada comunidade se fixar em lugares era necessário fazer um acordo com outrem, um pacto. Desta mesma raiz, *pac*, surge a consequência desse “bom acordo” entre os homens sobre o território: *pacem*. Convertida para o português como “paz”. (...) De *pactum*, no sentido duplo de “fixar” e “pactuar”, tem o vocábulo latino *pagum* (pãgus) designando pequena povoação, aldeia, fora dos limites das cidades, isto já no século VI (CARNEIRO, 2011, p. 3).

Nas línguas românicas, a partir do termo latim *pagus* (país): paisagem, *paisage* (espanhol), *paysage* (francês), *paesaggio* (italiano). Passada o período da Revolução Francesa. Este mesmo sentido do termo será empregado por La Blache no final do século XIX, já que o geólogo belga foi um dos pioneiros da geologia moderna e, em particular lançou as bases do conhecimento geológico em áreas amplas.

Nas línguas germânicas, a partir do termo *land*: *landschaft* (alemão), *landscape* (inglês), *landschap* (holandês), *landskab* (dinamarquês). O termo alemão de *landschaft* é muito mais complexo do que seus homólogos ingleses ou de línguas latinas. O sentido colocado entre elas possuem grandes diferenças de reflexão sobre

o ser e, enquanto o conceito no francês se conecta ao olhar que se coloca sobre uma região, o conceito alemão abarca dimensões de “toda uma região com suas complexidades morfológicas, e não se limitando, portanto, ao sentido estrito daquilo que se abarca com o olhar, a cena” (HOLZER, 1998, p 52-53).

Neste período (1870 - 1871) surgem duas correntes do campo da geografia ganham proeminência para a contribuição do conceito de paisagem (feito pelos pesquisadores da história do pensamento geográfico): a alemã, representada por Friederich Ratzel e a francesa por Paul Vidal De La Blache. As obras “Cosmos” de Alexander von Humboldt, e a “Antropogeografia” de Friedrich Ratzel são alguns dos exemplos clássicos em que se utilizou o conceito da paisagem como método e transcrição de dados sobre áreas distintas do planeta (SAUER, 2015).

O primeiro tenta definir a paisagem como um conjunto de relações de fatos naturais - tendo a visão de geossistemas naturais - mas negam o elemento libertador e estético de acordo. No entanto a paisagem relaciona o espaço com o tempo e o espaço definido naturalmente por condições climáticas e condições do espaço geográfico, respectivamente.

O segundo, Friedrich Ratzel, diferentemente de Humboldt, empregou o conceito da paisagem em uma forma antropogênica, traduzindo que ela é o resultado da separação do espírito humano do seu meio natural. Desta forma, descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, como o solo, os rios, etc., com os elementos móveis, em geral humanos (SCHIER, 2003). O termo oriundo da adaptação do futebol tradicional pelos moradores macapaenses, com a única diferença é que ao invés de campos e arenas os jogadores utilizam a lama, com a separação do relacionamento homem-natureza, o homem modifica e se apropria da paisagem em benefício próprio e/ou coletivo.

A partir do momento que o homem consegue se separar da natureza após o Renascimento (final do século XIV) na qual este passa a dominar a natureza, adquiriu a técnica suficiente para vê-la (a paisagem) como algo passível de ser apropriado e transformado (MENDONÇA; VENTURI, 1998, p. 65). Segundo a *Bíblia Sagrada*, no primeiro livro, de Gênesis, (1: 26-30), Deus não deu apenas ao homem a ordem para povoar a terra, mas também para dominá-la. Toda a natureza foi criada para uso do homem. Neste mandamento vê-se o mandato para toda a verdadeira ciência. Todo

avanço na agricultura, criação de animais, transporte, energia, química, medicina e outros campos é incluído neste termo.

**26** Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". **27** Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. **28** Deus os abençoou, e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra". **29** Disse Deus: "Eis que lhes dou todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês. **30** E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão". E assim foi (BÍBLIA SAGRADA, Gn 1: 26-30, 2011).

A água é crucial à vida na Terra e essencial para a humanidade. Entretanto, as múltiplas e complexas atividades humanas impulsionam a alteração deste recurso (TUNDISI; TUNDISI, 2008), com isso o crescimento exponencial da população, da concentração urbana e do desenvolvimento tecnológico podem cooperar para o aumento do número e intensidade das interferências nos mananciais. Na orla de Macapá, o rio Amazonas, possui destinações diversas, como fonte principal de abastecimento público, receptor de refluxo do sistema de captação e abastecimento de água da cidade CAESA (Companhia de Água e Esgoto do Amapá), de água de drenagem fluvial e de esgoto doméstico. É utilizado também, dentre outros, como via de navegação de embarcações de pequeno, médio e grande porte de procedências locais, nacionais e internacionais, porto e recreação.

Devido à importância econômica que a atividade turística representa hoje para a capital amapaense, a prática de atividade física regular tem sido apontada como um relevante componente de um estilo de vida saudável. Apesar disso, estudos em diversos países e no Brasil, ratificam que grande parte da população não é suficientemente ativa e o aumento da prevalência de inatividade física tem sido causador de crescente preocupação em saúde pública. A percepção de locais e oportunidades para a prática de atividade física é muito importante, pois estudos mostram que as pessoas que receberam mais oportunidades para praticar atividade

física foram mais prováveis de responder as recomendações da prática do que aquelas que não recebiam (BAMANA; TESSIER; VUILLEMIN, 2008).

Nem sempre a paisagem foi considerada algo bom, depois foi supervalorizada por movimentos românticos, hoje é vista como espaço interativo. Tanto o oriente quanto o ocidente estabeleceram noções distintas de paisagem. Valem citar a Mesopotâmia com sua relação crucial Tigres e Eufrates, assim como os jardins babilônicos. Roma estabeleceu uma noção de lazer ao implantar parques públicos, em que o prazer e convivência eram funções da relação com a paisagem. Já os japoneses consideravam seus jardins como miniaturas do próprio cosmo com fins de harmonização espiritual.

Na Europa a paisagem estabelece relação com a arte, principalmente a poesia, rever o jardim francês de Versalhes. Dessa concepção e mais as particularidades da América, formulam as noções iniciais de paisagem no Brasil (MAXIMIANO, 2004). Para Humboldt categorias como clima, solo, fisionomia das plantas permitem estabelecer metodologicamente análises explicativas e comparativas. Aqui no Brasil, satisfaz a concepção de Burle Marx que não é indiferente à existência de relações entre as plantas e o meio, pressupondo aspectos ecológicos e até culturais, e ainda sua funcionalidade para a arquitetura.

O conceito de paisagem é muito diversificado, sendo uma área abrangente de geografia, artes, ecologia, arquitetura e urbanismo dentre outras. Mas existe um pequeno consenso que define a paisagem como um espaço geográfico, vivido por um observador, submete as transformações naturais ou antrópicas, podendo ser investigado para uma potencialidade econômica (METZGER, et al. 2001).

Em relação às concepções dos geógrafos, há diversas abordagens na relação paisagem e geografia. Mas em geral, consideram o fator humano e não somente natural. Sendo que a exemplo de Sauer, há de se acrescentar o fator cultural.

## 1.2 A IMAGEM DA CIDADE

“Um dos conceitos básicos apurados é o da legibilidade, compreendido como a predisposição com que cada uma das partes [da cidade] pode ser legitimada e

organizada em um padrão coerente” (LYNCH, 1960, p.2). É imprescindível ter claro que a legibilidade a que Lynch concerne é aquela oriunda dos aspectos visuais da cidade.

Estruturar e identificar o ambiente são competência vital para todos os animais que se movem e, em contrapartida, a sensação de desorientação é angustiante para quem vivência a cidade. Um ambiente legível disponibiliza segurança e oportuniza uma experiência urbana mais abundante, uma vez que a cidade explora seu potencial visual e expresse toda a sua complexidade.

Uma imagem do meio ambiente pode ser analisada em três componentes: identidade, estruturas e significados (LYNCH, 1960). Para Lynch, a identidade é a identificação do objeto, o que distingue de outras coisas; a estrutura é a relação estrutural e/ou espacial do objeto com o observador e com os outros objetos; e o significado, tem que ser ou prático ou emocional para com o observador.

O livro “A Imagem da Cidade” se concentra na identidade e estruturas das imagens na cidade. Se uma imagem deve ter um valor de propósito para a indicação no espaço vivo, deve ter diversas qualidades. Precisam ser suficientes, pragmáticas, de modo que o mapa deve ser suficientemente distinto para conduzir a pessoa de volta a casa, ser simples e bem integrado, poupando de esforços mentais, sendo legível (LYNCH, 1960).

Lynch destaca o conceito de *imaginabilidade* que de acordo com suas palavras é a “qualidade do objeto físico que lhe dá grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador” (LYNCH, 1960, p. 20). Formas, cores e disposições facilitam a produção destas imagens. Cidades altamente imagináveis convidam aos olhos e aos ouvidos a uma maior participação. Mas estas precisam ter uma qualidade em suas formas, na qual vale destacar 10 dentre os principais que o autor caracterizou:

- 1) SINGULARIDADE: É a clareza das figuras de fundo, tendo evidencia seus limites; fechamento; contrastes de superfície; forma; intensidade; complexidade; tamanho; hábito; localização espacial. São essas qualidades que tornam os elementos notório, vivo e reconhecível. Na área do Complexo Turístico, os quiosques, mirante e o palco apresentam essas características.

- 2) **SIMPLICIDADE DA FORMA:** Clareza e simplicidade de forma visual em sentido geométrico, como o formato do parque e dos decks à beira-rio do Complexo Turístico.
- 3) **CONTINUIDADE:** Continuação de uma um limite ou de uma superfície (como numa rua, canal, horizonte ou em um cenário); proximidade das partes, repetição de um intervalo rítmico (sequências de ruas); semelhanças; analogia ou harmonia de superfície; formas ou hábitos. Exemplo encontrado na área: A orla fluvial e a rua que margeia o parque.
- 4) **PREDOMINÂNCIA:** É quando uma parte tem predominância em relação a outro devido ao tamanho, intensidade ou interesse. Precisa ser simplificado, propondo uma “continuidade”. Exemplo encontrado na área: A entrada onde possui maior número de quiosques e o palco sobrepõe ao restante do complexo.
- 5) **CLAREZA DE LIGAÇÃO:** Boa visibilidade das ligações e costuras (como uma rua ou uma costa marítima) relação clara de interligação. Exemplo: a orla fluvial.
- 6) **DIFERENCIAÇÃO DIRECIONAL:** Assimetrias; mudanças e referencias radiais (tamanho, direção e sentido); Exemplo encontrado na área: A forma assimétrica do complexo, assim como o sentido da rua beira-rio, de norte-sul.
- 7) **ALCANCE VISUAL:** Qualidades que aumentam ou organizam uma possibilidade de visão, quer real ou simbólica. Exemplo: transparências, sobreposições, vistas e panoramas que aumentam a profundidade da visão, elementos articulantes, concavidade. Exemplo encontrado na área: o horizonte do rio.
- 8) **CONSCIÊNCIA DE MOVIMENTO:** Qualidades que tornam o observador sensível ao seu próprio movimento real ou potencial. É o caso dos indicativos que melhoram a clareza de desníveis, curvas e interpretações: dão a direção; tornam visível a distância interocular. Não apresenta esta característica no local.
- 9) **SÉRIES TEMPORAIS:** Série das quais o observador compreende, para além da questão temporal, incluindo ligações simples de elemento por elemento, onde um está associado ao que precede e ao que lhe segue e também “séries” que estão estruturados no tempo e assim, tornam-se “melodias na natureza” (espaço, textura, movimento, luz ou silhueta). No local apresenta variadas texturas, como grama, calçada cimentada, asfalto, parede alvenaria, telhas metálicas, telhas de barro, estruturas em madeira, água do rio, etc.

10)NOMES E SIGNIFICADOS: Importantes na cristalização da identidade. Significados e associações, históricas, sociais, ou funcionais, econômicas, ou individuais constituem um verdadeiro domínio para além das qualidades físicas que se ocupa. O complexo empregou valores econômicos e de lazer para o bairro, o futlama só teve uma projeção até em escala mundial, graças a implantação do parque.

### 1.3 ECONOMIA URBANA E A NATUREZA DO ESPAÇO

No decorrer da história da Geografia, espaço geográfico foi engendrado de diferentes maneiras, entretanto para Milton Santos tem-se um entendimento interessante e que sintetiza-o bem. Para Santos (1999), o espaço geográfico é parte essencial de um sistema de objetos e de ações que é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório dos mesmos, que não são considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá.

Além da abordagem ampla do espaço, Milton Santos procura valorizar a questão do tempo e sua estreita relação com o espaço, isto porque são dois conceitos que - embora com naturezas diferentes – estão sempre interagindo e se completando - graças a visão crítica da Geografia, passa a entender o tempo como espiral.

Ao longo de sua obra "A natureza do espaço", o geógrafo evidencia que não só a técnica atua na construção do espaço, como também aborda a questão do território e sua relação ontológica<sup>1</sup> com o mesmo, já que esse território é observado como um acrescento deste, extensão concretizada com a interação expressa através de um outro elemento importante: as ações, que junto com objetos articulados e atos integrados em um sistema, é que gera-se o espaço.

Trata-se, porém, de uma ação que remete-se e realiza-se no objeto, este, com independência de existência, mas não de significação, vê-se com a tarefa de

---

<sup>1</sup>**Ontologia:** significa “estudo do ser” e consiste em uma parte da filosofia que estuda a natureza do ser, a existência e a realidade. A palavra é formada através dos termos gregos *ontos* (ser) e *logos* (estudo, discurso). Engloba algumas questões abstratas como a existência de determinadas entidades, o que se pode dizer que existe, qual o significado do ser, etc. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/ontologia/>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

interação; nessa perspectiva, a intencionalidade causa um efeito importante, uma vez que as ações humanas tendem para a significação maior do objeto. Tem-se assim, a relação sujeito-objeto.

Relação à qual é frisada como notável agente na construção do espaço, posto que sem ação não há objetos. E sem objetos a serem efetuados, as ações seriam esvaziadas, o que exauriria bastante a produção do espaço. À medida que o homem correlaciona-se com técnicas mais modernas, as transformações se dão de forma mais frenética, dessa forma parte-se de uma época de mudanças mais vagarosas, até chegar aos dias atuais onde tudo muda-se velozmente. Não obstante, a industrialização, afortunada com o tempo, ao trazer progresso acompanhado de melhor qualidade de vida à maior parte da população das áreas industriais clássicas, não ocasionou o mesmo efeito nas áreas deprimidas, pelo contrário, majorou as desigualdades, devido ao fato de que muitas vezes a própria técnica priva boa parte do trabalho humano, avultando a massa de desempregados.

Esta massa que, ao procurar pela sua sobrevivência passa à buscar o mercado informal como meio de trabalho e renda, isso porque as pessoas pertencentes à uma classe inferior, tende a reinventar o sistemas de trabalho. Este fica mais óbvio nas áreas subdesenvolvidas do planeta, mas não deixa de existir também nas áreas centrais do modo capitalista de produção. Isto faz com que o setor terciário da economia passe em processo de hipertrofia, acima de tudo pelo caráter informal do processo. Camelôs, sacoleiras, trabalhadores temporários, todos adquirem papéis em uma história escrita dia após dia, que passa pelas relações de trabalho, de hierarquização, de adaptação de técnicas, enfim, ações que modificam o subespaço urbano. A cidade condensa os contrastes, mas o campo também se encontra nessa situação, até mesmo porque o emprego maciço de técnicas acabou "urbanizando" o espaço agrário, como observado por Santos (1999).

Voltando a questão dos pobres, deve-se entender a preocupação de Santos em explanar de forma precisa a ação dessa parcela da população, das quais são importantes agentes de transformação espacial. Ao averiguar a formalidade-informalidade do comércio varejista, no estudo de Santos (1979), estabeleceu-se em referência básica para a compreensão da estrutura comercial das cidades do Terceiro Mundo. A sua principal colaboração resulta na caracterização da economia urbana em dois sistemas: o "circuito superior" e o "circuito inferior".



O autor pondera que os dois circuitos estão articulados consigo mesmo. Porém a diferença principal entre as atividades desses dois sistemas está nas modalidades de capital, tecnologia e organização. Contudo, deve-se observar que há uma dependência do circuito inferior em relação ao superior. A economia informal é um princípio bastante abrangente, mas o comércio de camelôs e ambulantes é a parte mais simbólica desse setor. De acordo com o Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe (PREALC), citado em Singer & Pocchmam, (2001) o setor informal é mesclado por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do contexto normativo oficial, em mercados desregulamentados e competitivos, em que é difícil perceber as diferenças entre capital e trabalho. Essas atividades se empregam de pouco capital, técnicas rudimentares e mão de obra pouco qualificada, que promovem empregos instáveis de reduzida produtividade e baixa renda.

As praças, calçadas, parques e jardins, ruas e avenidas que conformam o espaço público na cidade tradicional, constituem o primeiro elemento de compreensão do lugar. Do embate que ele produza, dependerá um ato de rejeição ou afinidade do centro histórico da cidade e, por extensão às áreas centrais cidadãs.

Quando o espaço público está deteriorado, provoca uma refutação imediata. Se não está bem iluminado, se não possui atividade noturna que o anime, será constatado como perigoso e muito provavelmente é; se os edifícios que o rodeiam possuem funções inadequadas (como por exemplo: oficinas ruidosas ou estabelecimentos que geram tráfego pesado) – ou estão degradados, ninguém os procurará para passar seu tempo livre, interagir com outras pessoas e/ou com o lugar ou por simples curiosidade.

O que sucede no espaço público está bem relacionado com o emprego das edificações que o toleram. A monofuncionalidade com que foram ocupados muitos centros históricos e áreas centrais em geral, adicionado ao esvaziamento de habitações, criou uma deformidade perversa: o desequilíbrio polarizado de uso em horários. Durante o dia tornam-se centros caóticos, apinhados de odores e ruídos, de uma animação extrema, contudo bastam que os estabelecimentos venham finalizar suas atividades terciárias, os lugares voltam a ser solitários e geram insegurança ou a percepção dela, que é quase igual de fatalidade.

Um dos maiores exemplos quando refere-se as atividades terciárias são os camelôs (Figura 50). Os termos "camelô" e "ambulante", na maioria das vezes, são

aplicados como se tivesse o mesmo significado. No entanto ao se contrapor alguns autores pode-se entender algumas diferenças nos conceitos. Diante de Bertolucci (2003), os camelôs apresentam ponto fixo, trabalham em barracas de boa qualidade e, geralmente, têm autorização oficial para se estabelecerem em um determinado local. Já os ambulantes não possuem um lugar fixo e com mercadorias mais baratas se comparadas às dos camelôs.

Os espaços públicos com perspectiva para as praças, calçadas e ruas, são os ambientes que tem maior uso para localização dos ambulantes/camelôs, (figura 1) uma vez que estes espaços estão assentados em partes notáveis da área central e que venha possibilitar a circulação de pessoas e, desta maneira, o comércio. Os espaços públicos em questão passam a ter valor de mercadoria, pois os mercadores ambulantes tornam privado o lugar, por não terem nenhum custo de localização, não pagarem aluguel e nem impostos, sendo usado para o comércio informal e obtenção de lucros.

Figura 1 - Camelô e ambulantes usando a rua como espaço de comercialização



Fonte: < <http://willianvieira.com.br/comercio-ambulante-2.jpg>>, 2017.

A rua, na medida em que, como um espaço público apropria-se do papel multifuncional (de acordo com os diferentes períodos do dia), apresenta funções diferenciadas e públicos variados. As vias públicas representam o palco de uma realidade econômica em transformação e, ao mesmo tempo, salientam uma sociedade urbana que está instituída em valores consumistas e práticas exageradas quanto à aquisição de produtos. Sabe-se que grande parte da população brasileira

adquire produtos comercializados pelos trabalhadores informais, uma vez que o valor agregado aos mesmos é baixo, propiciando o poder de compra da população de baixa renda.

#### 1.4 CONCEITOS DE PARQUES URBANOS

Santos (2008) indaga procurando um entendimento as transformações no espaço geográfico através das categorias forma, função, estrutura e processo, porque, quando analisadas em conjunto, concebem a base teórica e metodológica para discutir os fenômenos espaciais em sua totalidade. Inclusive Santos (2008, p. 68) capta que “a compreensão da organização espacial, bem como sua evolução, só se torna possível através de primorosa interpretação do processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo”. Por este ângulo, é importante recobrar-se alguns dos principais conceitos e as questões essenciais que cercam o estudo das áreas verdes urbanas, enfim, os parques urbanos. Manifestam então o conceito de área verde elaborado por Lima *et al.* (1994), Cavalheiro (1992) e também já utilizado por Nucci (2001). Esses autores explicam áreas verdes como:

[...] espaços livres de construção onde o elemento fundamental da composição da vegetação juntamente com o solo permeável, deve ocupar no mínimo 70% da área. Inclui as praças, os jardins públicos e os parques urbanos. Os canteiros centrais das avenidas, os trevos e rotatórias permeáveis de vias públicas e áreas que exercem funções estéticas e ecológicas, são conceituados como área verde (LIMA *et al.*, 1994, p. 108).

Nesta pesquisa o parque é visto como área verde urbana, ou seja, na qualidade de um elemento integrante do sistema das áreas verdes urbanas. Carneiro e Mesquita (2000, p. 20) determinam parque urbano como um espaço livre público com função preponderante de ócio, que ocupe na malha urbana uma área em grau de paridade superior a uma quadra típica urbana, em regra apresentando componentes da paisagem natural, vegetação, topografia, elemento aquático, como também edificações designadas a atividades recreativas, culturais e/ou administrativas.

Nas obras de referência, o termo “parque” mostra um desarranjo conceitual que o assemelha-se à outros espaços livres como praça e jardim. Alguns autores procuram

estabelecer suas próprias definições. Kliass (1993) aponta que os parques urbanos são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, com o propósito de recreação. Para Macedo e Sakata (2002, p.14) o parque é “todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, seja o que for o seu tipo, capaz de absorver intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente”, isto é, não é diretamente influenciada em seu aspecto, por nenhuma estrutura construída em suas adjacências.

Na obra de Lima *et al.* (1994, p. 545) uma das ordens ilustres são os Parques Urbanos, ou seja, “uma Área Verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as chamadas Praças e Jardins Públicos”. Além disso, há o complexo de parques urbanos ou municipais que pode ser de dois tipos: parques urbanos, dentro do perímetro urbano, os quais retêm uma correlação especial com os problemas sociais e os parques rurais. O conceito mais abrangente, então, dentro de uma pesquisa feita por Lima *et al.* (1994) seria o de Espaço Livre, integrando os demais e contrapondo-se ao espaço construído, em áreas urbanas. Os espaços livres exercem papel ecológico, de integrador de espaços diferentes, baseando-se, tanto em enfoque estético, como ecológico e de oferta de áreas para o desempenho de lazer ao ar livre (CAVALHEIRO e DEL PICCHIA, 1992, p. 2).

Para Wright *et al.* citados por Escada (1992, p. 13) as atribuições dos espaços livres, inscritas aqui devido às relações com a vegetação, são agrupadas em três conjuntos distintos:

1. Espaços livres para recreação: devem proporcionar recreação física e psicológica e oferecer um local onde o ser humano possa ter um ambiente adequado ao lazer. Esses espaços são subdivididos em:
  - 1.1. Parque de vizinhança - áreas com função recreacional que podem abrigar alguns tipos de equipamentos ligados à recreação. São espaços livres pequenos inseridos no projeto de loteamento ocupando um ou mais lotes, devem conter vegetação, ambientes de jogos, bancos para descanso, etc. Para atender convenientemente a população devem estar entre 100 e 1000 m de distância das residências ou do trabalho.
  - 1.2. Parque de bairro - locais de maiores dimensões, além de terem funções recreacionais mais ativas, apresentam funções paisagísticas ou

bioclimáticas, não são entendidos, ao contrário dos primeiros espaços, como extensão das residências.

- 1.3. Parque distrital - de grandes dimensões, são áreas de bosques que contam com elementos naturais, de grande beleza, que devem ser conservados na condição original.
2. Espaços livres para a conservação de recursos biofísicos: são espaços que têm o objetivo de satisfazer às necessidades da sociedade em longo prazo. São espaços pouco ou não alterados destinados à proteção da água de abastecimento, preservação de enchentes pela absorção da água de declive acentuado, proteção de áreas de valor paisagístico, arqueológico ou biológico.
3. Espaços livres para o desenvolvimento da forma urbana: são os espaços que têm o objetivo de modelar o padrão do desenvolvimento urbano dando uma ideia de identificação e territorialidade, a título apenas de exemplo, pois não será discutido neste trabalho.

De acordo com Melazo e Colesanti (2003), os parques urbanos

[...] representam na dinâmica das cidades, um “espaço verde” fundamental no contexto de crescimento e desenvolvimento econômico e urbano, pois, através deles, proporcionam para a comunidade dos bairros que os circundam como também para toda a cidade, um espaço destinado ao lazer, ao contato com a natureza, onde o homem se encontra totalmente inserido (MELAZO e COLESANTI, 2003, p.06).

No Art. 103 do Código Civil brasileiro, os parques adentram nos bens públicos de uso comum do povo, os quais “são inalienáveis, enquanto conservarem a sua qualificação” e seu uso “pode ser gratuito ou retribuído, conforme for estabelecido legalmente pela entidade a cuja administração pertencerem” (BRASIL, 2002)<sup>2</sup>.

A despeito de serem diferentemente conceituados por variados autores, obedecendo diversas concepções, com vertentes ora mais paisagísticos, ora mais ambientalistas, ora mais arquitetônicos, os parques urbanos, tanto quanto um elemento agitado da cidade, são, na realidade o que a cidade percebe. Isso significa que independente de definições, conceitos e classificações, os cidadãos e mais

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/2002/L10406.htm>>. Acesso em: 12 out. 2017.

especificamente, os usuários dos parques, fixam um perfil do que compreendem como parque urbano e, mais do que isso, do que carecem como tal (MEUNIER, 2009).

### 1.4.1 História De Parques Urbanos

Os parques procederam da transformação progressiva dos jardins, como explica Laurie (1983), o significado da palavra jardim (*garden*) vem da combinação de dois termos hebreus: **gan**, que significa proteger ou defender, como no caso de uma cerca; e, **oden/eden**, que significa deleite ou prazer, dando então a ideia de terra para prazer e deleite. Considerando alguns pressupostos históricos, deve-se constar que os parques urbanos surgiram na Inglaterra, simultaneamente com a Revolução Industrial, processo desencadeado naquele país no século XVIII, apesar disso

[...] o parque urbano tem seu pleno desenvolvimento no século seguinte, com ênfase maior na reformulação de Haussmann em Paris, e o Movimento dos Parques Americanos - o Park Movement liderado por Frederick Law Olmstead e seus trabalhos em New York, Chicago e Boston (SCALISE, 2002, p. 02).

Naquela conjuntura, os parques urbanos tinham como função inicial a recreação e o lazer, pois a estrutura urbana, que crescia de maneira vertiginosa, solicitava por espaços que mitigassem os problemas urbanos, agindo como verdadeiros “pulmões verdes” para o contexto da cidade:

[...] defendia a utilização econômica dos espaços livres, criando oportunidades de recreação e também de preservar os recursos naturais, controle de enchentes, proteger os mananciais, criando espaços agradáveis para passear e morar. Esses trabalhos, além de inspirar a criação de inúmeros parques e da cidade-jardim de Howard, mudou (sic) o conceito de qualidade ambiental urbana (SCALISE, 2002, p. 02).

O mesmo autor comenta que

O parque, nesse período, preocupa-se com as demandas de equipamentos para recreação e lazer, a necessidade de expansão urbana, o novo ritmo de trabalho, além da necessidade de criação de espaços amenizadores da estrutura urbana, bastante adensadas, com funções de "pulmões verdes", saneadoras, representando oásis de ar puro, de contemplação, estimulando a imaginação. Os modelos paisagísticos dos parques ingleses do século XVIII

transformaram-se em fontes de inspiração para o parque urbano deste período” (SCALISE, 2002, p. 02-03).

A história dos parques urbanos se inicia no Rio de Janeiro, sobretudo com a fundação do Jardim Botânico em 1808, pelo então Príncipe Regente Dom João. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro, criado pela família real portuguesa, foi transformado, ao longo do século XIX, em um parque público, guardando as características dos jardins ingleses. Sabe-se que no Brasil, a origem dos parques urbanos é do século XVIII, e origina-se da necessidade de proteção de áreas para contemplação e lazer e da organização de jardins e passeios públicos voltada ao interesse da coroa portuguesa nas potencialidades econômicas da natureza brasileira (SEGAWA, 1996, p. 16).

Conforme Segawa (*op. cit.*), no final do século XVIII, o arquiteto naturalista Antônio José Landi teria plantado mangueiras nas ruas de Belém do Pará, com as finalidades de estudar e realizar a adaptação da espécie ao novo ambiente; bem como a ação do senador Antônio José Lemos, chefiando à administração do município, concedeu desenvolver uma política urbana de intensa arborização e criação de parques e jardins.

Os primeiros parques urbanos brasileiros são muito diferentes dos europeus, pois, não surgiram da urgência social de auxiliar às necessidades das massas urbanas das cidades do século XIX, posto que o Brasil, nessa época, não detinha uma rede urbana relevante e nem tinham o porte das cidades europeias. No Brasil, os parques foram criados como ilustração para complementar ao cenário das elites emergentes, que coordenavam a Nação e buscavam construir com o aspecto urbano semelhante aos modelos ingleses e franceses.

A função a que se destinavam esses primeiros parques nas emergentes cidades urbano-industriais europeias era o lazer e recreação, sendo que “a princípio, as ideias de parque na Inglaterra estavam ligadas ao modelo de jardins, com influências de culturas e artes orientais modelados e planejados paisagisticamente de acordo com a disposição dos elementos naturais preexistentes” (MELAZO e COLESANTI, 2003, p. 05).

Conforme comenta Macedo e Sakata (2003, p. 54), “O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um exemplo típico de fusão das duas vertentes projetuais”, em outras

palavras, o lugar do passeio, do “ver e ser visto”. Neste local a aristocracia passeava trajando a última moda francesa. Estes jardins eram espaços públicos quanto à sua localização, mas espaços restritos quanto ao seu uso. Apenas as pessoas com vestes apropriadas podiam circular entre as palmeiras imperiais e a vegetação nativa brasileira, logo, a maioria da população não tinha acesso a esses espaços.

## 1.5 CIDADE E A PRAÇA

A cidade é fruto da alteração da paisagem natural em paisagem artificial criada, modificada e intensificada pelo ser humano, na qual controla o meio em que vive, subjugando o espaço e em um determinado tempo. Este processo tende a ser acumulativo dentre um período cronológico. Com isso, confirma-se que a cidade é uma obra humana, ao longo da história.

Sabe-se que o atual regime econômico do capitalismo, ajuda a promover desigualdades urbanas. De acordo com Lojkin (1997) este fenômeno pode-se perceber com a acumulação do trabalho realizado, determinado historicamente do modo de produção capitalista. O autor defende que os interesses do Estado têm um papel fundamental nesse processo, pois este não apenas defende, mas assegura garantias de interesses do capital. Desta forma, investimento e a disposição de equipamentos públicos<sup>3</sup> dão-se de acordo com os interesses das classes respaldadas pelo Estado.

Provendo de forma desigual o acesso de equipamentos para a população, a cidade tende a ser segregacionista, uma vez que a parcela considerável dos moradores não tem o acesso facilitado destes meios, seja pelas condições econômicas, culturais, de identificação com o meio e de locomoção, uma vez que a maior parte destes equipamentos se restringe ao centro, restando muito pouco para a periferia (figura 2).

---

<sup>3</sup> Exemplos de equipamentos públicos: Escolas, transporte públicos, praças, equipamentos culturais, etc. Fonte: NOVAES, 2011.



Figura 2 – Complexo Turístico Parque do Jandiá atualmente



Fonte: <sup>4</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

Um exemplo dentre várias formas de segregação é a qualidade de certas praças. Normalmente, estas são localizadas em áreas nobres, centrais e contam com equipamentos públicos melhores como lixeira, bancos, postes de iluminação, arborização (algumas de maneira intensa e diversificada) apresentada na figura 3 e 4, jardins, bancas de revistas, calçadas e ruas pavimentadas e enquanto as locadas na periferia carecem disso ou apresenta-as em estado precário e/ou insuficiente. Com isso, tudo o que está na cidade se torna mercadoria, que tem valor de troca, ao invés de valor de uso (NOVAES, 2011).

Figura 3 – Praça Floriano Peixoto.



<sup>5</sup>Fonte: <<https://www.google.com/search?q=pra%C3%A7a+floriano+peixoto>>, 2017.

---

<sup>4</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, 2017. Acesso em: 10 mai. 2017.

<sup>5</sup> Fonte: <<https://www.google.com/search?q=pra%C3%A7a+floriano+peixoto>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Figura 4 – Praça Veiga Cabral



Fonte:<sup>6</sup><[http://s2.glbimg.com/g1/f/original/2016/06/24/veiga\\_cabral.jpg](http://s2.glbimg.com/g1/f/original/2016/06/24/veiga_cabral.jpg)>, 2017.

O conceito de “praça” não é restrito. Vários autores contrastam sobre o assunto, ainda assim é incontestável qualificá-la como um espaço público e urbano, local de celebração da convivência e do lazer dos habitantes urbanos, e por excelência um lugar de ricas trocas culturais. Para Segawa (1996, p. 15) “Ao caracterizar a praça e suas modalidades desde a Europa medieval, sua ocupação como espaço popular, permeado pelo universo do riso, do escárnio, da festa, numa dinâmica distinta da cultura religiosa ou aristocrática [...]”.

Conforme Rigotti, (1965, *apud* DE ANGELIS *et al*, 2005, p. 2) “as praças são locais onde as pessoas se reúnem para fins comerciais, políticos, sociais ou religiosos, ou ainda, onde se desenvolvem atividades de entretenimento.” Principal defensor das praças, Sitte (1992, p. 25, *apud* DE ANGELIS *et al*, 2005, p. 2) escreve que nelas “[...] Concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizava-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes”. Todavia “a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas” (LAMAS *apud* DE ANGELIS, 2005, p. 2).

As praças são espaços livres, tendo em conta, nos dias de hoje serem vistas pela maioria das pessoas como espaços abandonados, de mendicância, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, restando pouco uso para meditação, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda sociedade. O

---

<sup>6</sup> Fonte:< [http://s2.glbimg.com/KfYXqlVDDgeva-U3M35ouAw83Pc=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/06/24/veiga\\_cabral.jpg](http://s2.glbimg.com/KfYXqlVDDgeva-U3M35ouAw83Pc=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/06/24/veiga_cabral.jpg)> Acesso em: 10 jul. 2017

surgimento de outros espaços propensos para trocas e diversidade cultural, como a escola, parques, por exemplo, é decorrente ao surgimento da praça, definindo esta como local importante a ser estudado como o um dos primeiros, senão o primeiro espaço físico a propiciar condições (DA SILVA, 2010). Benévolo (2003) aborda uma sequência cronológica do uso que o homem deu ao espaço e o surgimento do conceito como atualmente conhece-se de praças:

- **SOCIEDADE NEOLÍTICA (10.000 a. C – 3.000 a. C)** O homem começa a intervir no espaço natural, não se utiliza só do que a natureza oferece para morar e viver e sim transforma este espaço de acordo com suas necessidades sociais. Espaço natural modificado preconizaria os primeiros esboços da praça, como lugar do encontro e convívio social. Todavia, o espaço ainda não é bem definido ou determinado.

- **GRÉCIA ANTIGA (1.100 a. C – 146 d. C)** Praça constitui-se de fato como um elemento marcante e de significativa relevância no desenho da cidade. Ela abrange duas funções básicas, sendo a primeira a de comércio e mercado, e a segunda como um local de reunião, para se pleitear sobre política, para ouvir decisões e juízos dos chefes, para assembleias públicas da população e é onde o cidadão grego relaciona com o outro.

- **ROMA (753 a.C. – 476 d. C)** O espaço da praça progride apenas na nomenclatura, conhecido agora como fórum ou foro romano, entretanto permanece com as mesmas características da ágora grega. Aqui este espaço continua a ser o centro comercial da cidade, urbe romana, sintetizando lojas, “praças” de mercado e de reunião, e continua a se caracterizar como um espaço político de grande importância, e exatamente onde se configurava o coração comunal, rodeando pelos edifícios de maior representatividade da cidade.

- **IDADE MÉDIA (476 d. C – 1453 d. C.)** Surge o conceito de praça como se conhece atualmente, tanto na nomenclatura como morfológicamente, atingindo seu ápice a partir do renascimento. No início a praça se constitui apenas de um espaço vazio na estrutura urbana, no entanto ainda preserva as funções contidas nas ágoras gregas e nos foros romanos, que é o comércio e o espaço da reunião social. Morfológicamente são classificadas em duas tipologias básicas, sendo a primeira a praça do mercado, e a segunda à praça da igreja (denominada adro).

- **PRAÇAS COLONIAIS BRASILEIRAS (1500 d. C – 1822 d. C.)** As cidades coloniais brasileiras formavam-se sempre partindo da igreja como primeira edificação, configurando um crescimento urbano radiocêntrico, pois a questão religiosa era sempre presente e influente, o que faz surgir como principal tipologia os adros de igreja (praças situadas em frente às igrejas, capelas ou paróquias), revivendo as antigas praças medievais.

- **RENASCIMENTO (1300 d. C. – 1700 d. C.)** Surgimento dos novos planos e das novas cidades ideias renascentistas, surgem simultaneamente às praças ideais. Diferente dos períodos anteriores a praça não é só mais um vazio no espaço urbano, é agora um lugar especial e de destaque no traçado, projetada por grandes arquitetos como Brunelleschi (Piazza di SS. Annunziata em Florença 1409), Lorenzo Bernini (Piazza Obliqua de São Pedro de Roma, 1647 a 1651), entre outros, segundo os ideais de simetria e regularidade, peculiares do movimento renascentista.

- **PÓS-RENASCENTISTA (ANTES DO MODERNISMO)** Passa a ser utilizada como um elemento urbanístico de grande importância, fracionando o comércio e o mercado desse espaço.

- **MOVIMENTO MODERNISTA (1900 d. C. – 1950 d. C.)** Propõe total ruptura com o passado clássico atinge também a tipologia e a morfologia da praça, É na Carta de Atenas, em 1933 que a praça entra na categoria do lazer que se insere as praças modernas, que abre mão dos comércios e mercados existentes nas praças clássicas, medievais e renascentistas, e propõe uma revisão significativa nesse espaço. A praça moderna inclui em seu programa espaços mais dedicados ao lazer e ao divertimento, para isso são agregados quadras poliesportivas, playgrounds, pistas de caminhada, espaços para o lazer cultural, além da inserção da paisagem natural em seu espaço, por isso como no renascimento, recebe a atenção de grandes arquitetos e paisagistas.

- **PÓS-MODERNA (1950 d. C – até os dias atuais.)** Capta o programa e a tipologia modernista, de utilização de tal espaço para o lazer e o divertimento, as quadras poliesportivas, as pistas de caminhada e os equipamentos, continuam a pertencer a este espaço. A principal mudança é a volta do mercado e do comércio, inseridos novamente ao espaço da praça. Outra mudança é devido ao estilo de vida rápido baseado na vida intensa capitalista, fazendo com que a praça se torne um espaço de fluxo contínuo das pessoas, insere-se nela também equipamentos públicos

como o ponto de ônibus, por se caracterizar como um espaço “seguro” em meio ao trânsito “louco” e intenso das metrópoles contemporâneas. A praça aqui se configura também como um espaço multifuncional e adaptável, podendo ter os mais variados usos pela população.

## 2. HISTÓRICO DO BAIRRO

### 2.1 HISTÓRICO DO BAIRRO CIDADE NOVA I

O atual bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro era conhecido como Igarapé das Mulheres, em função de suas moradoras que usavam a beira do rio para lavarem as roupas de suas famílias ou de suas patroas. Culturalmente, era caracterizado pela frequência de regatões que vinham das ilhas do Pará que eram movidos pela mudança de governo, incentivo de terra, educação e de trabalho para todos e do escambo usado nas negociações de gêneros alimentícios.

A partir de 1946, vários pesquisadores paraenses elaboraram projetos na área para estruturar o comércio emergente, por conta dos regatões, onde desembarcavam mercadorias e especiarias (frutas, raízes e outras especiarias, além de vestuário) figura 5, alavancando a iniciação do setor terciário local, começando com a agropecuária e agricultura, base de subsistência das famílias através da produção de fundo de quintal e que era trocada com os vizinhos, quando necessário. Nesse período, veio a contribuição também dos japoneses que residiam no Território, que acabaram incentivando o produtor rural a produzir mais por motivos da maioria serem agricultores, e de seus hábitos alimentares terem sido repassados para a população, como o consumo de alface, cheiro-verde, repolho, e outros legumes.

Figura 5 - Regatões de embarque e desembarque

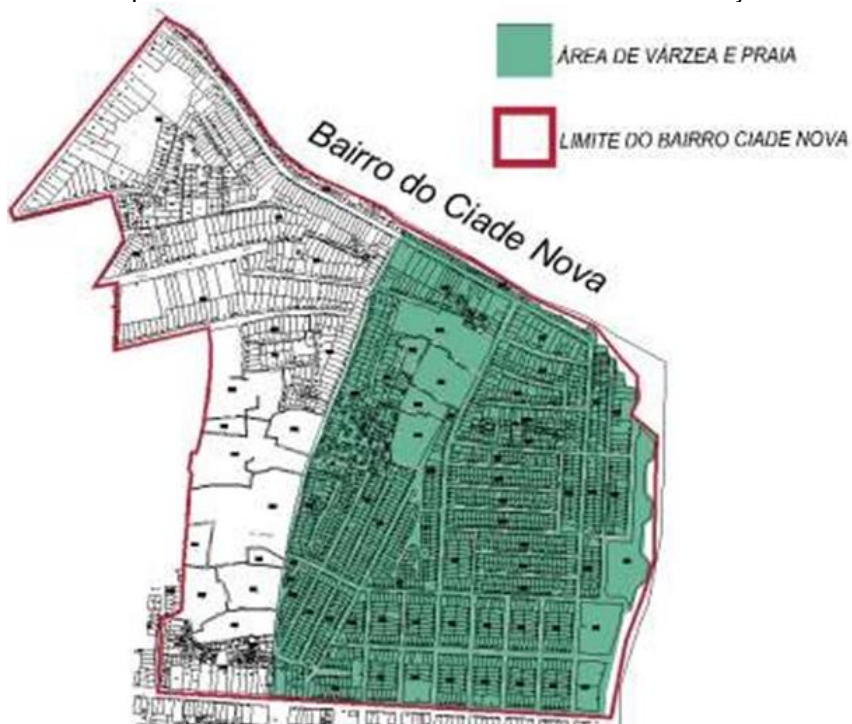


<sup>7</sup>Fonte: Colégio Maria Ivone de Menezes. S.d.

<sup>7</sup> Fonte: Colégio Maria Ivone de Menezes. S.d., acervo do Colégio Estadual Maria Ivone de Menezes,

O exercício do escambo, com essas mudanças, foi aos poucos sendo trocado pela “economia do contracheque” (devido a rara presença do papel-moeda) introduzida pelo Governo do Estado e Prefeitura de Macapá. O nome Igarapé das Mulheres foi trocado para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro já com status de bairro, haja vista a inauguração da paróquia de mesmo nome, onde os moradores passaram a centralizar os encontros religiosos com missas e ladainhas em honra à padroeira. Atualmente, a igreja se transformou em Santuário, cujas missas lotam todas as terças-feiras. Na década de 80, do século XX, o local em que hoje se situa o bairro do Cidade Nova I era a área de praia que ia desde a Rua Orivaldo Coelho Caxias até o Complexo Turístico Parque do Jandiá, mostrado no mapa 1.

Mapa 1 - Área do Cidade Nova I antes da sua construção



Fonte: <sup>8</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

No mesmo período, o governador, à época, Anníbal Barcelos, que foi governador do Amapá (1979-1985 e 1991-1995) teve o intuito de utilizar a área para a construção de um novo conjunto de casas populares. Para a execução desse projeto, ele mandou fazer um aterro hidráulico na área que era coberta pela praia e pela vegetação denominada de “aninga”. Foi a partir desse intuito que veio o nome

---

29 de Maio de 2017.

<sup>8</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 de Maio de 2017.



Azul Anníbal Barcellos, que ia desde a Av. José do Espírito Santo Araújo até a sexta casa que está situada depois da Avenida Manoel Domingos Medina. A partir desse lote até a Avenida Manoel Cardoso foram lotes doados pelo próprio governador Barcelos. Com a sua saída do governo, houve ocupações pelo entorno mapa 2, pois já não ocorria mais uma fiscalização.

Mapa 2- Delimitações do Bairro Cidade Nova I



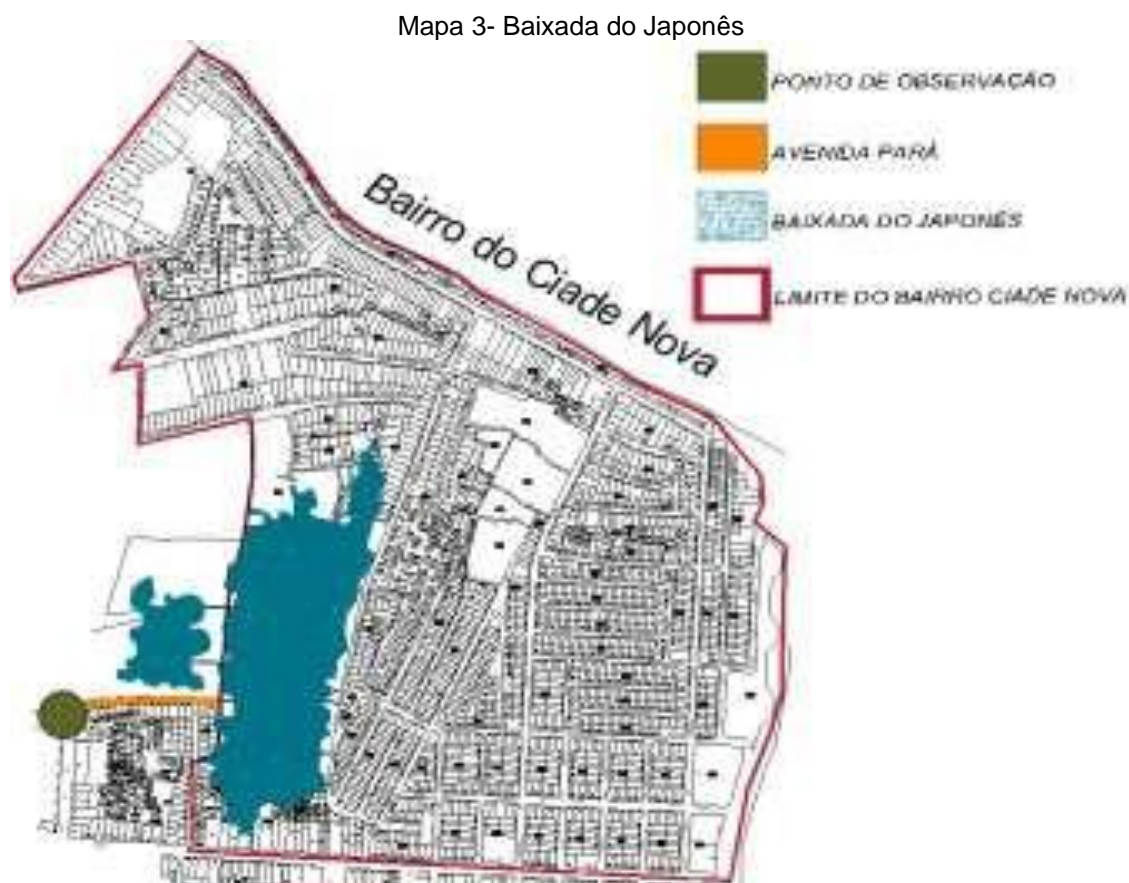
Fonte:<sup>9</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

No perímetro, já existia a conhecida Baixada do Japonês, como era antigamente chamado esse local. Os japoneses viviam e faziam plantação de hortas e vendiam em sua feira, que, nessa época, ainda fazia parte da área do bairro

<sup>9</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 mai. 2017.



Perpétuo Socorro. O perímetro em que esses agricultores estavam instalados era área de várzea. Nessa área, havia um japonês que controlava todo esse comércio. Ele ficava no ponto mais alto do entorno como estratégia e com o intuito de fiscalizar toda a área comandada por ele, para que se pudesse ter um controle da situação. Esse ponto alto hoje é a Av. Pará, que é popularmente chamada de Baixada Pará em homenagem a esse período, mapa 3.



Fonte:<sup>10</sup> ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

No período das ocupações, de onde vinham pessoas das proximidades, como os bairros do Perpétuo Socorro e Pacoval, o crescimento acabou se tornando desordenado, pois, como as residências eram feitas de formas e tamanhos diferentes e sem fiscalização, as vias começaram a acompanhá-las por conta dessa execução sem planejamento. Além de estreitas, as vias foram se transformando em curvas e também as construções de pontes nas áreas alagadas, mapa 4.

<sup>10</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 mai. 2017.

Mapa 4 – Áreas de Pontes



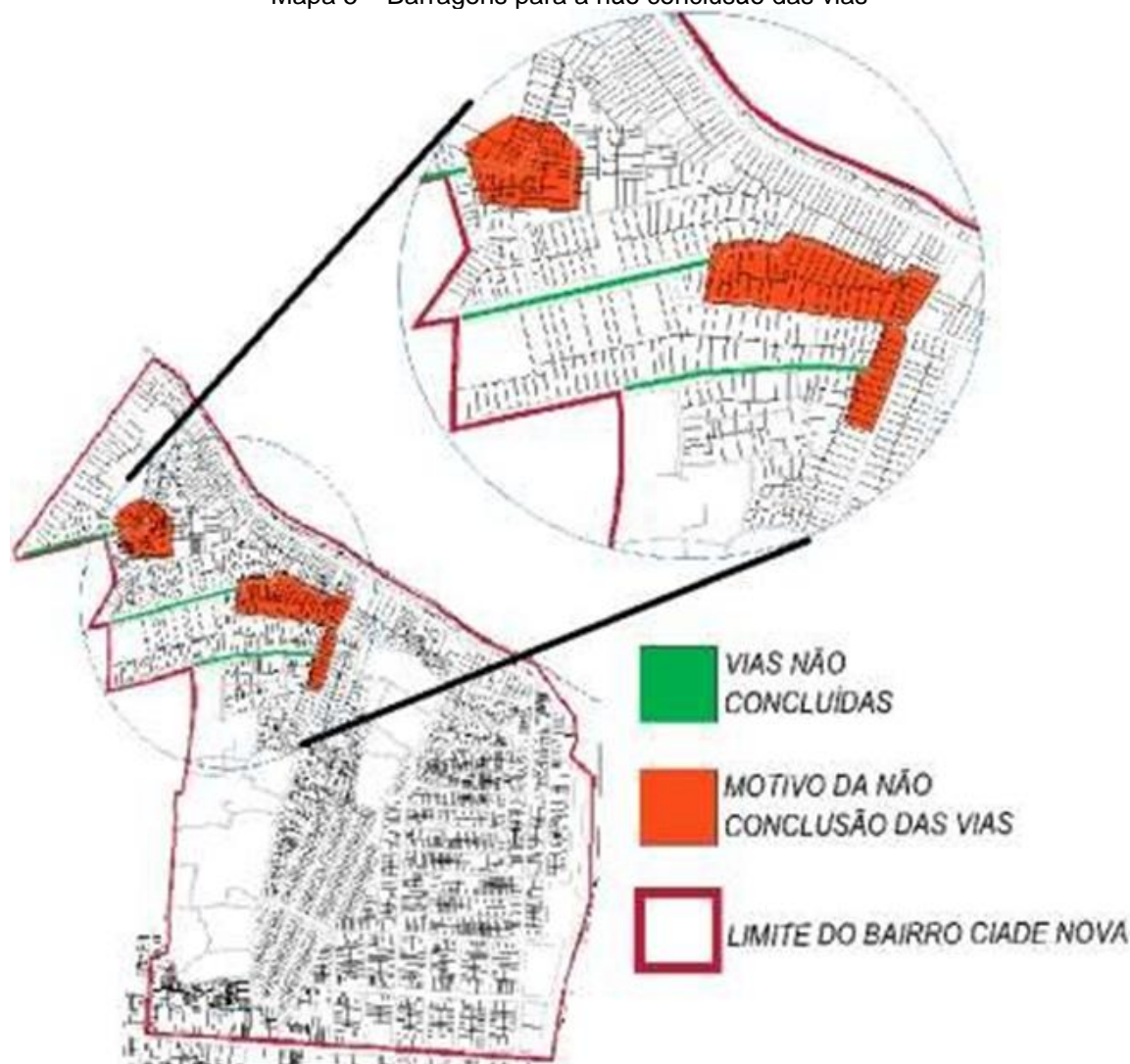
Fonte: <sup>11</sup> ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

Da Rua Orivaldo Coelho Caxias para os lados leste e oeste do bairro, encontram-se áreas de pontes em que hoje é situado o bairro Cidade Nova II, onde vias estavam sendo construídas para que o bairro Cidade Nova como era delimitado naquela época pudesse ter ligações diretas em todo seu perímetro, mas, com o término do mandato de A. Barcelos, essas vias não foram concluídas e também por conta de casas construídas em sua frente, na fase das ocupações, as ligações com outras vias foram impedidas (mapa 5).

---

<sup>11</sup> idem

Mapa 5 – Barragens para a não conclusão das vias



Fonte:<sup>12</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

No mesmo período, por volta de 25 anos atrás, as estâncias que se situavam na Avenida Canal do Jandiá foram transferidas para o Canal com o apoio posterior do governador Capiberibe (1995 à 2002) que, segundo <sup>13</sup>Raimundo Ferro Amaral, doou terrenos no trecho entre a Rua Antônio Pelas Trajano de Souza até a Rua Turíbio Orivaldo Guimarães para serem construídas essas estâncias, que antigamente eram localizadas no Igarapé das Mulheres. A partir da Rua Turíbio até a ponte que liga ao bairro do Pantanal, houve invasão, tornando hoje a Avenida Canal do Jandiá só com o comércio voltado à madeira, conforme apresentado no mapa 6.

<sup>12</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 mai. 2017.

<sup>13</sup> Raimundo Ferro Amaral, trabalhador há 25 anos na estância madeireira entrevistado em 23 mai. 2017.



Mapa 6 – Ocupação no Canal do Jandiá



Fonte: <sup>14</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

Sem implantação de mais escolas, sem hospitais, posto policial e entre outros serviços, as ruas não eram asfaltadas. Após a saída de Anníbal Barcelos, não se deu continuidade ao planejamento. Em períodos de chuva, todo o aterro das vias assoreava por conta da praia que havia embaixo, resultando em inúmeros atolamentos de pedestres e ciclistas. Em virtude da ausência desses serviços, a criminalidade começou a se alastrar para o bairro, crianças sem ter para onde ir ficavam na rua sem ter o que fazer, em seguida uma representação de como poderia ser a cena (figura 6).

<sup>14</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 de Maio de 2017.

Figura 6 - Vias com atolamentos



Fonte: <sup>15</sup> ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

Após a saída de Anníbal Barcelos do cargo de governador, a área de intervenção que ele havia criado, denominando de Conjunto do Cidade Nova, deixou de existir por conta do decreto de criação dos bairros, que nomeou a área como um novo bairro da cidade de Macapá, o Bairro do Cidade Nova I, em 1996 (figura 7).

Figura 7 – Decreto de Criação



Fonte: <sup>16</sup>Câmara Municipal de Macapá.

<sup>15</sup> ROCHA, Lucas Pacheco. Croqui criado pelo próprio autor com o intuito de representar de como seria o ambiente descrito. Data: 02 mai. 2017.

<sup>16</sup> Fonte: Câmara Municipal de Macapá, adquirido no dia 8 jun. 2017.

<sup>17</sup>Diante dos fatos apresentados, as irmãs Ester da Lena e Elizabete Marqueses de Santuário, as quais faziam parte do Centro da Nossa Senhora Maria Imaculada desde 1993 (figura 8), decidiram começar um processo de evangelização com as famílias que chegavam da zona rural para ocupar um pedaço de terra desapropriada pela prefeitura na época. Em 1996, começou a construção da escolinha (centro comunitário). Em 2004, a Dona Maria de Nazaré Monteiro Rodrigues<sup>18</sup> cita que “as ruas eram horríveis, lama batendo na altura da canela, sem nenhum asfalto, onde se colocava pneus nas ruas protestando com a frase - precisamos de Governo”.

Figura 8 – Centro Nossa Senhora Maria Imaculada



Fonte<sup>19</sup>: <<https://www.facebook.com>>, 2017.

Em época de chuva não se ia trabalhar. As crianças todas sujas, pessoas caindo na lama. Esse centro comunitário atende cerca de 100 crianças, todas do bairro Cidade Nova, para que elas não se percam no caminho das drogas, proporcionando oportunidades para seu futuro. Esse centro não é do bairro, mas atende às crianças do local e também atua no Projeto Esperança (figura 9).

Figura 9 – Projetos para um futuro melhor



Fonte<sup>20</sup>: <<https://www.facebook.com>>, 2017.

<sup>17</sup> Dona Maria de Nazaré Monteiro Rodrigues descreve para mim um trecho de seu acervo no dia 25 mai. 2017.

<sup>18</sup> Maria de Nazaré Monteiro Rodrigues entrevistada no dia 25 mai. 2017.

<sup>19</sup>Disponível em:<<https://www.facebook.com>>. Acesso em: 25 mai. 2017. Atrás das crianças foi o primeiro centro comunitário das irmãs.

<sup>20</sup> *Idem*.

Na época em que as irmãs chegaram ao local, não havia nada. Por isso, elas colocaram essa edificação como centro comunitário com a ajuda de seu país, a Itália. A finalidade do centro era ensinar corte e costura para as mães que não sabiam ler e escrever, as adolescentes que não tinham ocupação, que fumavam e bebiam. Depois que regulamentaram o centro, começou a se chamar Centro Maria Imaculada, que hoje recebe doações de empresas e ações sociais (figura 10).

Figura 10 – Ações Sociais



Fonte<sup>21</sup>: <<https://www.facebook.com>>, 2017.

Após as ocupações, o bairro tentou se desenvolver, mas sem a ajuda do Poder Público no início, isso se tornou muito difícil, pois não havia nenhuma infraestrutura adequada, eram apenas casas construídas pelos próprios moradores. Além disso, as vias eram apenas de terra batida, e não havia encanamento, pois, nesse período, a CAESA (Companhia de Água e Esgoto do Amapá) ainda não atuava então os próprios moradores cavavam e faziam um rasgo na via para passar a tubulação de água proporcionando que se chegasse a todos (figura 11).

---

<sup>21</sup> *Idem.*

Figura 11 – Encanamento instalado pelos moradores



Fonte: <sup>22</sup>Leonilda da Silva de Sousa, 2017.

Existia a famosa ponte que ligava o bairro do Cidade Nova e a outra área que o Canal do Jandiá cortava, que era popularmente conhecida como Galeria. Era apenas essa ponte que fazia fronteira ao outro lado em que hoje se situam os bairros da Zona Norte, mas como ela estava locada na entrada do canal impedia que as embarcações maiores entrassem para descarregar suas mercadorias. Como a ponte que liga o bairro do Pantanal e a Ponte Sérgio Arruda já estavam sendo implantadas, a ponto da entrada do canal foi demolida para que desse acesso livre aos barcos (figura 12).

Figura 12 – Antiga ponte do Canal do Jandiá



Fonte: <sup>23</sup>Leonilda da Silva de Sousa– 2017.

No período da chegada das estâncias e da área ocupada por outras, não se tinha um porto para carga e descarga de suas mercadorias, só existia um pequeno

---

<sup>22</sup> Fonte: ROCHA, Leonilda da Silva de Sousa, adquirida no dia 29 mai. 2017.

<sup>23</sup> ROCHA, Leonilda da Silva de Sousa, adquirida no dia 29 mai. 2017.



deck de madeira que foi instalado no perímetro dos lotes doados, mesmo assim não atendia toda a necessidade das embarcações (figura 13), pois havia o risco de acidentes com as pessoas que descarregavam os materiais por não ter uma segurança adequada já que juntavam duas tábuas para ligar o barco à margem da via. Contudo, foram construídos vários portos de madeira na beira do canal para o recebimento dos produtos onde todas as estâncias possuíam um porto.

Figura 13 – Antigo deck de madeira para as embarcações



Fonte: <sup>24</sup>Leonilda da Silva de Sousa– 2017.

Em 1997, a CAESA assume a frente de instalação de todo o encanamento do bairro após a saída de A. Barcelos, dando continuidade à tubulação que já se encontrava, com início pela via principal, no mesmo perímetro que se encontrava o conjunto Azul de Barcelos e as casas de madeira dos lotes doados por ele. Essas instalações não eram tão profundas, pois não havia tanta preocupação com o fluxo de cargas pesadas na época (figura 14).

Figura 14 – Encanamento da CAESA



Fonte: <sup>25</sup>Leonilda da Silva de Sousa– 2017.

---

<sup>24</sup> *Idem.*

<sup>25</sup> ROCHA, Leonilda da Silva de Sousa, adquirida no dia 29 mai. 2017. Essa via da foto é a Rua Antônio

### 2.1.1 Educação

Sobre o colégio que se encontra no bairro, a Escola Estadual Maria Ivone de Menezes, em entrevista com a professora Maria Regina de Souza, que trabalha na MIM desde a sua inauguração, foi informado que a Escola fora inaugurada em março de 1994. Seu primeiro nome foi Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, por ficar próximo ao bairro Perpétuo Socorro. Os alunos atendidos eram de 1ª e 2ª séries, que vieram transferidos da Escola Deuzuite Cavalcante para que a Maria Ivone pudesse funcionar. Sete meses depois, o decreto 5386/94-GEA, de 10 de novembro de 1994, faz com que a escola passe a se chamar Escola Estadual Maria Ivone de Menezes (figura 15).

A professora Maria Regina de Souza informou ainda que exercia a função de professora de 1ª a 4ª séries, depois trabalhou durante dez anos como secretária escolar e, hoje, desenvolve suas atividades profissionais na Telessala.

Figura 15 - Escola Estadual Maria Ivone de Menezes



Fonte: <sup>26</sup>Acervo do Colégio Maria Ivone de Menezes.

Raimundo Rodrigues Ferreira, mais conhecido como “Seu Manga”, foi um dos primeiros moradores do bairro. Ele ajudou a criá-lo, já que trabalhava para a empresa que estava implantando o aterro hidráulico no local, que não ficou em perfeito estado em algumas partes por conta do término do mandato de A. Barcelos. Seu Raimundo cita que “ajudou a lotear o conjunto azul e delimitou também a área que hoje está instalado o colégio Maria Ivone”.

---

Pelas onde se localiza o colégio Maria Ivone de Menezes.

<sup>26</sup> Acervo do Colégio Maria Ivone de Menezes, 29 de Maio de 2017.

Eu tive uma discussão muito grande, eu tive várias discussões quando eu comecei a fazer isso, até o revólver o Adonias mostrou para mim, eu estava com um facão, falei para ele – o senhor é quem sabe se sua vida aguenta dois, veja logo se aguenta se não vá logo que eu fico no meu –. Eu briguei porque eles iam invadir, pois aí já era uma escola, só não funcionava ainda<sup>27</sup>.

### 2.1.2 Lazer

Antigamente o bairro não possuía uma área de lazer. As crianças se divertiam com as brincadeiras que hoje quase não se veem, que são as de rua, como o pega-pega, pular corda, “pique-esconde”, bandeirinha e o famoso futebol, que era o mais cobiçado entre os meninos. Na época, já existia o Colégio Maria Ivone, porém ele não possuía ainda a quadra e não tinha onde se jogar futebol, mas atrás da escola havia uma área aterrada, mas sem uso, então as crianças jogavam bola por lá, que era um campinho de terra, mais conhecido como “terra batida” cita seu Óseas Ferreira da Silva<sup>28</sup>, por ausência de fotos em seguida terá uma tentativa de representar o ambiente descrito (figura 16).

Figura 16 – Futebol em terra batida



Fonte: <sup>29</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

No entorno do campinho se situava um aningal com vários troncos jogados, lugar que também pescadores utilizavam para pescar e amarrar seus barcos. Esse aningal é composto principalmente pela planta conhecida regionalmente como Aninga (*Montrichardia arborescens Schott*), uma *Araceae* que pode atingir de 3 a 4 metros de

<sup>27</sup> Informação obtida através de entrevista do Sr. Raimundo Rodrigues Ferreira, realizada no dia 10 mai. 2017.

<sup>28</sup> Entrevista feita com Óseas Ferreira da Silva, dia 10 mai. 2017.

<sup>29</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, croqui criado por mim com o intuito de representar de como seria o ambiente descrito em 2 de Maio de 2017.

altura, uma vegetação que só é encontrada na Amazônia (figura 17 e 18).

Figura 17 e 18 - Aninga



Fonte: <sup>30</sup><<https://www.google.com.br/search?q=aningal>>, 2017.

O Complexo Turístico Parque do Jandiá foi inaugurado no dia 3 de fevereiro de 2002, como presente à cidade de Macapá que completava 244 anos, tornando-se integrante da Orla Fluvial do Amazonas, cujos responsáveis foram o prefeito João Henrique Rodrigues Pimentel com os apoios do secretário Municipal de Obras e Serviços Públicos, Giovani Coleman de Queiroz, e do Superintendente da Suframa, Ozias Monteiro Rodrigues, como vetores fundamentais para o crescimento sócio-turístico-cultural do município, com o intuito de promover para aquela área um ponto de lazer e de renda para o bairro e a cidade. A ideia principal do complexo era gerar o convívio social, apreciação da natureza, um local de lazer atendendo a todas as classes, onde o ambiente possuía parquinho, quiosques com variedades culinárias e bebidas, bares no seu entorno, passeio acessível, um palco para eventos, além de possuir um mirante para a contemplação do Rio Amazonas e de todo o horizonte ao seu redor (figura 19).

Figura 19 – Vista aérea do Complexo turístico Parque do Jandiá depois de sua inauguração



Fonte: <sup>31</sup><<http://www.alcilenecavalcante.com.br/macapa-603.jpg>>, 2017.

<sup>30</sup> Fonte: <<https://www.google.com.br/search?q=aningal>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.alcilenecavalcante.com.br>>. Acesso em: 28 jun.2017.

### 1.1.1.1 Futlama

Um dos maiores atrativos do Parque do Jandiá se instalou junto a ele no dia de sua inauguração, que é o Futlama. O esporte surgiu na década de 90, do século XX, quando ainda se tinha poucas opções de lazer e esporte na capital do Amapá. Era praticado principalmente pelas classes sociais menos favorecidas. Esse esporte foi criado sem o uso da bola tradicional, e se tornou possível graças à imaginação e criatividade do povo ribeirinho.

Os jogadores antigos das margens do Rio Amazonas praticavam o futlama com um diferencial: no lugar de uma bola tradicional usavam a aninga que é o nome popular da espécie *Montrichardia linifera*- Araceae, tratando-se de uma planta aquática usada como cicatrizante natural encontrada nos rios amazônicos. O presidente da Federação Amapaense de Futlama (FAF), <sup>32</sup>Mário Frota, apresentado na figura 20, comenta que “Colheu relatos que há muitos anos a população pegava a planta e moldava até chegar a forma de uma bola de futebol. Faziam cinco de uma vez, quando uma ficava gasta já tinha outra de reserva. Não era comum a aquisição de bolas, devido aos custos. Bastava somente a natureza”.

Figura 20 - Mário Frota, o presidente da FAF



Fonte:<sup>33</sup> <<http://amazonnoticiasmoliveira.blogspot.com.br/2014/06/futlama-o-futebol-do-amapa-que-e-cara.html>>, 2017.

---

<sup>32</sup> Mario Frota foi jogador do futlama por 6 anos antes de ser presidente da FAF

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://amazonnoticiasmoliveira.blogspot.com.br/2014/06/futlama-o-futebol-do-amapa-que-e-cara.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.



A brincadeira na lama do rio acabou se tornando tão popular no Estado que virou esporte oficial do Amapá, dando início ao primeiro campeonato oficial de futlama em 2002, às margens do Complexo Turístico, logo após a sua inauguração (figura 21), realizado pela Coordenadoria Municipal de Esporte e Lazer da Prefeitura de Macapá (COMEL). Em 2007, foi criada a Federação Amapaense de Futlama, que passou a organizar campeonatos e a atrair centenas de pessoas, principalmente dos bairros localizados próximos ao Rio Amazonas, como o Perpétuo Socorro, Cidade Nova, Pacoval, Centro e o Araxá.

Figura 21 - Primeiro Campeonato de futlama em 2002.



Fonte: <<http://amazonnoticiasmoliveira.blogspot.com.br/2014/06/futlama-o-futebol-do-amapa-que-e-cara.html>>, 2017.

Seu Luís Antônio de Figueiredo Brito<sup>34</sup> comenta que o momento mais gostoso de se jogar futlama era à noite. Quando a maré secava, eles desciam e jogavam onde a lama estava fria, e vento refrescante, que só conseguiam praticar o esporte porque haviam refletores apontados para lá. Ele aborda também que, no início havia segurança a essa estrutura de iluminação, não tinha hora para se jogar, era de manhã, tarde e noite e que sente falta disso, pois não se tem um centro de administração para o esporte no local e sem a segurança, se tornou uma área de risco, e, por conta disso, a prática se perdeu e só agora com a ajuda do seu Ósseas estão resgatando o futlama, que se tornou cultura para se jogar novamente no limite do Parque do Jandiá.

<sup>34</sup> Entrevista feita ao Seu Luís Antônio de Figueiredo Brito, dia 10 mai. 2017.

### 1.1.1.2 Bar do Maguila

<sup>35</sup>O Bar do Maguila era um famoso bar que se situava em frente ao complexo que até o programa Fantástico, da TV Globo, quis conhecer devido o dono proibir beijos e abraços no estabelecimento. Maguila (falecido em 2005) era um maranhense muito parecido com o pugilista cujo nome inspirou seu apelido, que chamou atenção até do ex-governador João Alberto Capiberibe e sua mulher Janete Capiberibe, que, com um beijo no dia dos namorados, ousaram testá-lo dizendo:

“Sua Excelência vai me desculpar...! - Abordou Maguila suando frio, mas determinado”.<sup>36</sup> Por conta disso, Maguila era respeitado por todos, e seguiam suas regras, o seu recinto, sempre com muito movimento, era um ponto de lazer para as pessoas que queriam desfrutar das conversas entre amigos e contemplar o Rio Amazonas.

## 2.2 POPULAÇÃO – CIDADE NOVA

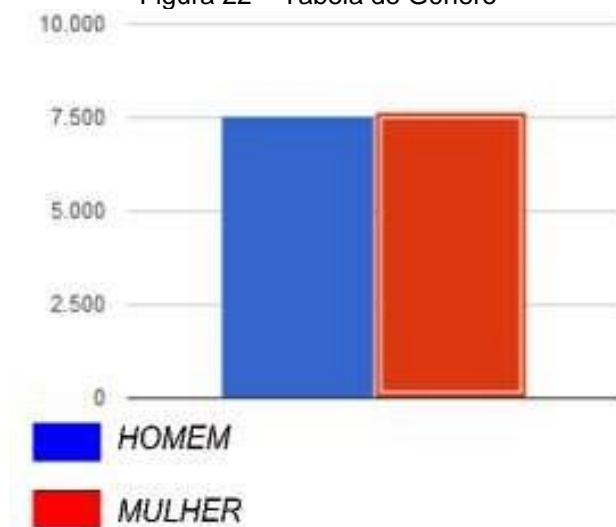
Com base na pesquisa do Censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as informações sobre a população do bairro Cidade Nova, em Macapá, dividem-se na composição entre homens x mulheres, faixa etária da população, índice de envelhecimento e a quantidade de domicílios através de gráficos. O bairro Cidade Nova possui cerca de 15.194 habitantes, onde é distribuída entre homens e mulheres. A população masculina representa 7.537 habitantes, e a população feminina 7.657. Conforme mostrado no gráfico abaixo (figura 22), em Cidade Nova, Macapá, existem mais mulheres do que homens, sendo composta de 50.39% de mulheres e 49.61% de homens.

---

<sup>35</sup> Fonte: <<http://www.altinomachado.com.br/2007/06/no-bar-do-maguila.html>>. Acesso em: 10 mai. 2017

<sup>36</sup> Fonte: <<http://www.altinomachado.com.br/2007/06/no-bar-do-maguila.html>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

Figura 22 – Tabela de Gênero

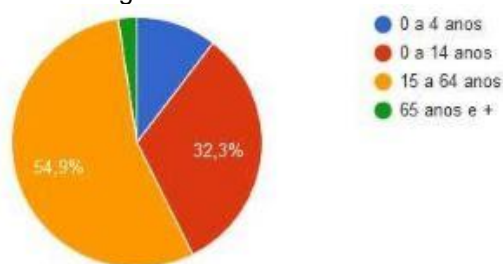


Fonte: <sup>37</sup>Censo do IBGE – 2010.

### 2.2.1 Faixa etária da população de Cidade Nova – Macapá

O Gráfico abaixo demonstra a faixa etária, agrupando em grupos de 0 a 4 anos, 0 a 14 anos, 15 a 64 anos e 65 anos e + (figura 23):

Figura 23 – Tabela de faixa etária



Faixa Etária	População	Porcentagem
0 a 4 anos	1763	11,6%
0 a 14 anos	5470	36%
15 a 64 anos	9314	61,3%
65 anos e +	410	2,7%

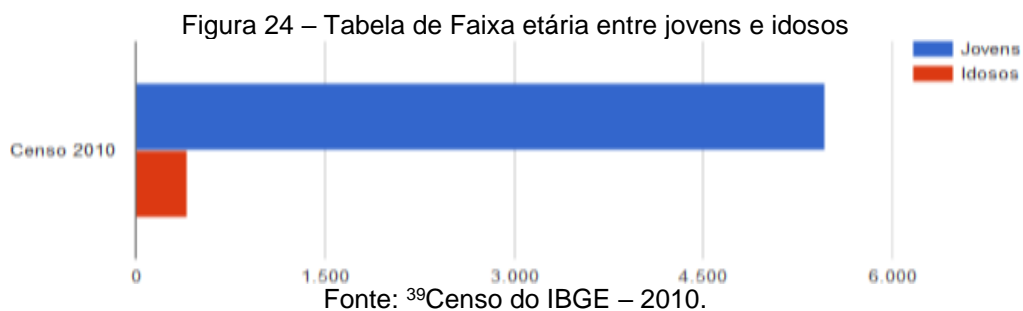
Fonte: <sup>38</sup>Censo do IBGE – 2010.

<sup>37</sup> Fonte: Censo do IBGE – 2010. Acesso em: 10 mai. 2017.

<sup>38</sup> Fonte: Censo do IBGE – 2010. Acesso em: 10 mai. 2017.



Foi realizado um gráfico de comparação entre jovens e idosos, onde jovens correspondem à faixa etária de 0 a 14 anos e idosos com mais de 65 anos. No bairro, existem mais jovens do que idosos, sendo a população composta de 36% de jovens e 2.7% de idosos, apresentada no gráfico a seguir (figura 24).



---

<sup>39</sup> *Idem.*

### 3. DIAGNÓSTICO DO BAIRRO CIDADE NOVA I

#### 3.1 SITUAÇÃO DO BAIRRO CIDADE NOVA I NA CIDADE DE MACAPÁ

O bairro Cidade Nova situa-se na periferia do município de Macapá, porém está no centro em relação à cidade por conta do crescimento dela para o Norte, conforme apresentado no mapa 7. É banhado pelo Rio Amazonas a Leste, situando-se a 7 minutos do centro de Macapá, possuindo diversos acessos para a sua chegada e próximo a pontos turísticos, como o Trapiche Eliezer Levy e a Fortaleza de São José.

Mapa 7 – Relação de cidade e Bairro



Fonte: <sup>40</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

De acordo com a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS), o bairro Cidade Nova I situa-se no Setor Residencial 5 (SR5) (figura 25). Nessa área, a lei permite o uso residencial, atividades comerciais e de serviços de apoio à moradia com restrição às atividades que causem impactos ambientais e incômodos à vizinhança. No entanto, que os usos permitidos sejam de residência uni e multifamiliar, comercial, de serviços

<sup>40</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Mapa de relação cidade – mapa criado no dia 18 mai. 2017.

e industrial níveis 1 e 2 e nas observações é permitido comercial nível 2, exceto atacadista.

Figura 25 - Lei de Uso e Ocupação do Solo



Fonte: <sup>41</sup>Lei do Uso e Ocupação do Solo do Município de Macapá, 2017.

### 3.1.1 Acessos

Devido ao inchaço populacional recente, o bairro se encontra com os mesmos problemas dos antigos bairros em relação a infraestrutura, saneamento básico e de segurança. Tanto a Rua Turíbio como a Rua Antônio Pelas Trajano de Souza são as principais vias que cortam o bairro, porém ambas são ruas estreitas que não conseguem atender ao fluxo de automóveis e ciclistas que por lá circulam. A Rua Turíbio, por ser o maior trecho de comércio, tem grande dificuldade para passagens por conta do maior movimento, provocando um encurtamento e a dificuldade do acesso, permitindo que passe apenas um carro por vez, conforme mostrado na figura 26.

<sup>41</sup> Fonte: Lei de Uso e Ocupação do Solo do Município de Macapá. Imagem modificada pelo próprio autor no dia 17 mai. 2017.

Figura 26 – Acesso reduzido nas vias



Fonte: <sup>42</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Essas vias antigamente eram de mão única, comentado por Ósseas Ferreira da Silva, o planejamento dessas ruas foi deixado de lado quando se tornaram mão dupla. A ausência de ciclofaixa, o calçamento inadequado e os estacionamentos resultaram em um local de constante perigo pelos diversos estilos de locomoção utilizados de forma aleatória. As calçadas tornaram-se estacionamentos de motos, carros e galões de água dos comércios e bancadas de verduras, conforme apresentado na figura 27.

Figura 27 – Ausência de acessibilidade



Fonte: <sup>43</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Há vias que são ainda mais estreitas que as principais, porém não possuem o mesmo fluxo intenso que as avenidas que concentram o comércio, proporcionando uma circulação mais tranquila. Os acessos de maior calma são as avenidas do bairro, como apresentado nas figuras 28 e 29. O entorno possui becos em que

---

<sup>42</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, 2017. Adquirido no dia 10 mai. 2017.

<sup>43</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 10 mai. 2017. Essa via apresentada na imagem é uma das ruas principais do bairro.

trafegam apenas bicicletas e motos. Em algumas, consegue-se acessar as ruas servindo como atalhos.

Figura 28 e 29 – Acessos estreitos



Fonte: <sup>44</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

As vias mais importantes são apenas quatro que praticamente fazem as fronteiras, divididas em duas avenidas e duas ruas que, por esse motivo, são as mais conhecidas (mapa 8).

Mapa 8 – Fácil acesso a outros bairros



<sup>44</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 10 mai. 2017.

<sup>44</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 mai. 2017.



Fonte: <sup>45</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### 3.1.2 Infraestrutura

O bairro possui uma infraestrutura precária. As principais vias são as menos defasadas, as ruas secundárias são mais estreitas e a maioria está sem asfalto, conforme mostrado na figura 30. Quase todas as avenidas encontram-se sem asfalto, constituindo-se apenas de terra batida que, em época de chuva, tornam-se um “lamaçal”. Para amenizar o estado, moradores jogam cacos de telhas, seixo e restos de alvenaria para nivelar o local.

O calçamento praticamente não é utilizado por pedestre, pois está sujeito a estacionamentos de veículos. Há áreas do bairro que possuem becos que foram abertos pelos próprios moradores para terem um melhor acesso às ruas principais cita Ósseas Ferreira da Silva. O transporte público não acessa o local, por conta da dinâmica que o comércio desenvolveu, aumentando o fluxo nas ruas estreitas. O mais próximo que o ônibus chega do bairro atualmente é na Av. José do Espírito Santo e depois sobe para a Rua São José, forçando quem depende do transporte coletivo sair do bairro para pegá-lo.

Figura 30 – Vias sem asfalto



Fonte: <sup>46</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

No final da Rua Turíbio existe cones e permanença indicando perigo, pois o esgoto está sem a tampa, provocando muitas vezes manobras arriscadas por essa obstrução estar locada logo na esquina, forçando todos os automóveis a pegarem a mão contrária com a que o carro (figura 31) utilizou com risco de acidente com a moto

---

<sup>46</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 10 mai. 2017, por motivos de segurança não pude adentrar a esta avenida, para mais informações.

ao se lado, que lá se encontram e ao lado direito do buraco interditado pelos moradores possui um posto de gasolina, contudo sem galeria para o escoamento adequado da água.

Figura 31 – Vias com alerta de perigo



Fonte: <sup>47</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Todas as vias do bairro estão defasadas, mas as avenidas são as mais decadentes. A maioria delas não consegue conexão com outros pontos, tornando-as esquecidas porque só transitar quem vive no bairro e por elas não terem ligação de importância como transição de comércio. Esses acessos de menor fluxo, por serem esquecidos, são os mais precários com ausência de asfalto e calçamento. O nível de precariedade das vias está apresentado no mapa 9.

Mapa 9 – Infraestrutura as vias

---

<sup>47</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 10 mai. 2017, essa rua é a que possui o maior calçamento do bairro, porém tomada pelos comerciantes.



Fonte: <sup>48</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Alguns trechos das vias do bairro possuem calçamento, mas em boa parte praticamente não existe. Os próprios moradores executam e sempre é acompanhando a via. As áreas que apresentam “passeio” são as do comércio, geralmente para atender suas mercadorias, não tendo o intuito de acessibilidade a pedestre (figura 32).

Figura 32 – Ausência de Calçamento



Fonte: <sup>49</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### 3.1.3 Hierarquia e composição viária

A dinâmica da cidade em relação à hierarquia viária é apresentada de forma

<sup>48</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 de Maio de 2017.

<sup>49</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 10 de Maio de 2017.



mesclada, porém planejada, tendo como avenidas e ruas preferenciais e como secundárias. Já a hierarquia viária do bairro é difícil de lidar. Por não ter sido planejada, todos os seus cruzamentos não possuem sinalização, elas são representadas pelas preferenciais, onde a dinâmica se dá por vias importantes no próprio local, causando uma divisão desordenada entre via preferencial e via coletora segundo César da Silva Rocha. As únicas vias preferenciais que aparentam não ter uma quebra para se tornar secundária são as Ruas Turíbio e Antônio Pelas Trajano de Souza, mostradas no mapa 10.

Mapa 10 – Hierarquia de via



Fonte: <sup>50</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### 3.1.4 Arborização

O bairro Cidade Nova I é muito carente de arborização. As únicas áreas que a possuem são a Rua Antônio Pelas Trajano de Souza, que está localizada em ao colégio Maria Ivone Menezes (figura 33), e o Complexo Turístico Parque do Jandiá, onde essa arborização caracteriza-se como de pequeno e médio porte. Essas ausências tornam-se prejudiciais para um bairro com ruas estreitas e sem espaçamentos adequados, tornando o lugar muito quente. Entretanto, pelo fato do Rio Amazonas banhá-lo, isso acaba amenizando o clima, tendo pouca ventilação e umidade.

Figura 33 - Arborização



Fonte: <sup>51</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

Porém, essa vegetação está morrendo por não ter manutenção. Foram apenas plantadas e depois esquecidas, algumas foram até derrubadas e outras estão secas prestes a serem retiradas (Figura 34). Essa vegetação é de médio porte.

Figura 34 – Estado da arborização no bairro.

---

<sup>50</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 mai. 2017.

<sup>51</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 28 mai. 2017.



Fonte: <sup>52</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### **3.1.5 Serviços**

Os serviços instalados na área são praticamente voltados ao comércio, e os de saúde e segurança não se apresentam no bairro. Apesar de ter vários pontos de comércio espalhados por ele, pode-se analisar, através do mapa 11, que a Rua Turíbio Orivaldo Guimarães concentra a maior parte dos setores comerciais, onde a rua faz ligação direta com as estâncias, unindo os dois pontos de economia do bairro, uma via terrestre e outra via hidroviária, onde se conecta também ao setor de pesca que chega pelo Canal do Jandiá e é distribuído para os vendedores. Na ligação da Rua Turíbio com a Av. Canal do Jandiá existe um posto de gasolina que atende tanto aos transportes terrestres como aos aquáticos, tornando-se um dos pontos nodais do bairro.

Mapa 11 – Pontos Comercias.

---

<sup>52</sup> Idem.



Fonte: <sup>53</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

O setor comercial do bairro concentra-se praticamente em seu centro como estratégia, porque outras vias têm a facilidade do acesso por conta de serem cortadas por essa via principal. Boa parte dessa área comercial é utilizada como moradia, tornando-a um setor misto, conforme mostrado na figura 35. Na tabela 1 pode-se observar a urgência que a população local demanda pela revitalização dos quiosques localizados no Parque do Jandá

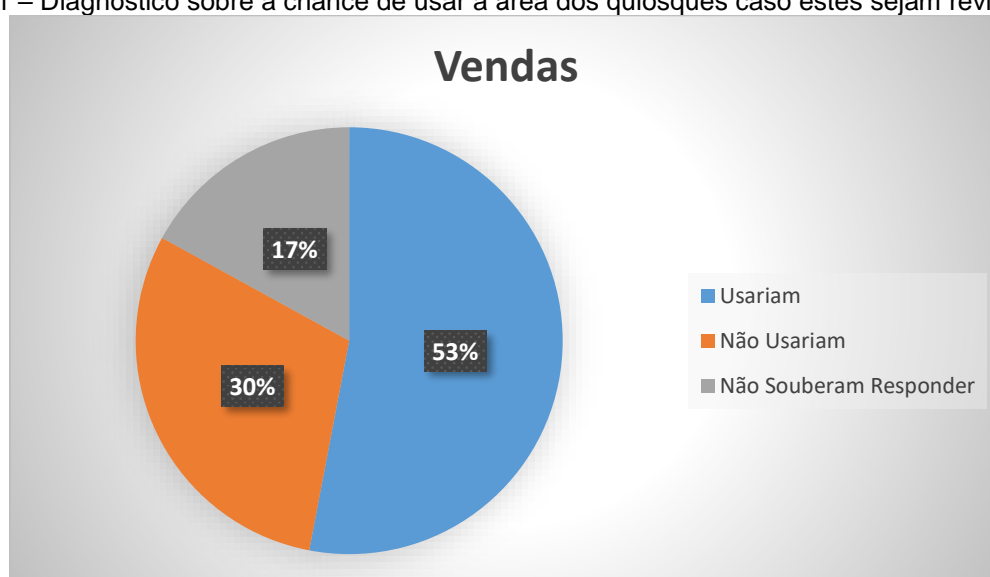
Figura 35 – Ambientes de setor misto

<sup>53</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 mai. 2017.



Fonte: <sup>54</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Tabela 1 – Diagnóstico sobre a chance de usar a área dos quiosques caso estes sejam revitalizados.



Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Já na área de educação, o bairro encontra-se em estado precário por apenas existir um colégio (figura 36) que atende todas as séries do fundamental 2 e médio, mas não acaba suprimindo a necessidade do mesmo, então a maioria das crianças e adolescentes estudam em escolas fora do bairro, e para tentar suprir necessidade de creche e fundamental de 1<sup>a</sup> a 3<sup>a</sup> série existe um centro comunitário que resgata essas crianças chamado Centro Comunitário Maria Imaculada.

Figura 36 – Único Colégio no bairro do Cidade Nova I.

<sup>54</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Foto tirada no dia 10 mai. 2017 Esse comércio frigorífico é alugado como alguns pontos comerciais do bairro.





Fonte: <sup>55</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Existe uma área delimitada para uma UBS com o intuito de atender à demanda da comunidade, mas ainda está em fase de construção. A data de início da execução da obra foi no dia 06 de abril de 2016 com o prazo de entrega de 120 dias, com o valor de 671.921,05 reais, porém a obra estava parada, e só retornou recentemente (figura 37), a UBS se localiza na extremidade do bairro para que pudesse ter um acesso fácil a todos. O único local que atende à população está situado na divisa do bairro Perpétuo Socorro e Cidade Nova I, que foi instalado próximo à área para atender a essa demanda (figura 38), contudo não consegue atingir essa meta, forçando uma parte da comunidade a se direcionar a outra UBS mais distante de suas moradias.

Figura 37 e 38 – Construção da UBS; Mapa 12 – Localização da UBS



Fonte: <sup>56</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.  
Figura 39 – Atual UBS do bairro Cidade Nova I

<sup>55</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Foto tirada da Escola Estadual Maria Ivone de Menezes no dia 28 mai. 2017.

<sup>56</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Foto tirada no dia 28 mai. 2017, mapa alterado no dia 29 mai. 2017.



Fonte: <sup>57</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### 3.1.6 Iluminação pública

A iluminação no bairro e o posteamento são relativamente bons. Seguindo a sua dinâmica, a aplicação é de posteamento unilateral que atende toda a extensão da via, porém nem todos funcionam por motivos de depredação e furto, chegando a não atender todas as áreas, mas iluminam pontos importantes do bairro, principalmente nas vias mais movimentadas mostradas na figura 40.

Figura 40 – Posteamento do bairro Cidade Nova I



Fonte: <sup>58</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Um dos moradores do bairro chega a comentar a situação do local:

Nas periferias do local acontecem muitos furtos de fios dos postes de

---

<sup>57</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco Foto tirada no dia 28 mai. 2017, UBS atende até as 18:00 horas por motivo de segurança.

<sup>58</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, Foto tirada no dia 10 mai. 2017. Iluminação boa pela parte da noite por ser uma via principal do bairro.

iluminação para trocarem por drogas, ajudando no aumento da criminalidade e limitando acessos e segurança para a população pelo fim da tarde e principalmente pela parte da noite, onde todos os moradores estão em suas casas já pelas 19:30, assim como os comerciantes (FIGUEIREDO, 2017).

<sup>59</sup>Muitas vias do bairro, principalmente avenidas, não têm uma iluminação pública por conta de vândalos, então a única forma de ter certa claridade é através das luzes das residências.

### 3.1.7 Segurança pública

O bairro é muito carente em todas as áreas que se abordam. Na segurança, este possui uma área voltada para construção de um centro policial, porém com a ausência de projeto, hoje só se encontra a área com um muro que o delimitava quebrado (figura 41), servindo de lixeira viciada, que trata-se de lixos jogados em um local baldio que mesmo com a limpeza sendo efetuada, despeja-se lixos constantemente no ponto, tornando-se um ciclo como se fosse um lugar de coleta de lixo, servindo de esconderijo para meliantes e pontos de drogas. A área está sendo coberta por mato e é próxima a casas e corta duas ruas, facilitando acesso para fuga.

Figura 41 – Lixeira viciada



Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

O bairro não possui uma segurança própria, dependendo de policiamento de outras áreas. A mais próxima dele é o centro policial do 6º batalhão, que fica situado no Perpétuo Socorro, que anteriormente tinha sido transferido para a Avenida FAB, mas como a criminalidade do bairro Cidade Nova I aumentou, o conselho dos moradores fez um abaixo-assinado para que o batalhão voltasse para seu local

---

<sup>59</sup> Por motivo de segurança não possuiu imagens representando as vias sem iluminação pública à noite.



original, com isso a criminalidade diminuiu.

## 3.2 COMPLEXO TURÍSTICO PARQUE DO JANDIÁ

### 3.2.1 Acessos

O Complexo Turístico Parque do Jandiá apresenta uma grande diversidade de problemas como nos acessos, passeio, segurança, paisagismo, área de lazer e estrutura dos edifícios. Os acessos que se dão ao complexo são as Avenidas José do Espírito Santo Araújo, Josefa Pelaes de Souza, Manoel Domingos Medina, Manoel Cardoso e Canal do Jandiá e Ruas Beira Rio e Antônio Pelaes Trajano de Souza, representadas no mapa 13.



Fonte: <sup>60</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

<sup>60</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Adaptado pelo mapa que tenho no dia 23 mai. 2017.

O acesso principal que se dá pela Rua Beira Rio ao objeto de estudo logo na sua entrada aparenta estar estruturado com poste de iluminação, guarda-corpo e passeio, com apenas alguns lixos na via, conforme mostrado na figura 42.

Figura 42 – Acesso principal ao Complexo Turístico Parque



Fonte: <sup>61</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### 3.2.2 Infraestrutura

Porém, no decorrer do trajeto, percebe-se que se encontra em estado precário, apresentando calçada inapropriada para os pedestres, com presença de mato, o piso quebrado, além de crateras que começam na calçada e invade a via por conta do muro de arrimo inadequado para suportar as ondas do Rio Amazonas, provocando assoreamento, sendo que nele são jogados lixos piorando ainda mais a situação, como mostrado na figura 43.

Figura 43 – Assoreamento



Fonte: <sup>62</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017

---

<sup>61</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 10 mai. 2017.

<sup>62</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 10 mai. 2017.

Após chegar à entrada do Parque Jandiá, pode-se destacar a ausência de guarda-corpo e o assoreamento na margem com uma guarita abandonada, com suas esquadrias destruídas e sem algumas telhas, pichação nas paredes e a placa do parque escondida pela vegetação que cresceu, no entorno (figura 44 e 45).

Figura 44 e 45 – Guarita e Placa de inauguração.



Fonte: <sup>63</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Junto ao muro de arrimo, existe uma rampa em concreto que os banhistas utilizam até hoje, mesmo com a água reprovada para banho conforme o <sup>64</sup>G1 Amapá. Ela está totalmente destruída pelas fortes ondas do rio, com risco de acidentes caso algum indivíduo queira mergulhar em maré cheia (figura 46).

Figura 46 – Rampa de concreto impróprio



Fonte: <sup>65</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

O passeio que é banhado pelo Rio Amazonas praticamente não existe por conta da força da maré que vem provocando o assoreamento, impossibilitando o acesso da população para uma caminhada, um passeio em família e entre outros

<sup>63</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 10 mai. 2017.

<sup>64</sup> Fonte: <<http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/07/agua-do-balneario-do-cidade-nova-em-macapa-e-reprovada-para-banho.html>>, acesso em: 10 mai. 2017.

<sup>65</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 10 mai. 2017.

atrativos. Na figura 47, pode-se ver que o muro de arrimo ainda está intacto nessa área e que o impacto das ondas está agindo por debaixo dele.

Figura 47 – Ausência de passeio



Fonte: <sup>66</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Seguindo um pouco mais pela beira do complexo, vê-se que o estado da sua estrutura está em declínio, com inexistência de passeio, crescimento de mato, escada para a praia inexistente, só estando de pé a sua estrutura apresentada na figura 48.

Figura 48 – Assoreamento em meio ao passeio com crescimento de vegetação



Fonte: <sup>67</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Na figura 49, observa-se do final do complexo o grande descaso que há com o espaço, tendo os quiosques abandonados, destelhados e depredados, passeio inadequado, mato cobrindo seu entorno. Dessa forma, a “morte” do complexo se torna evidente nessa perspectiva.

---

<sup>66</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 10 mai. 2017.

<sup>67</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 10 mai. 2017.



Figura 49 – Abandono do ambiente



Fonte: <sup>68</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

O palco mostrado na figura 50, que é utilizado para shows do Macapá Verão, considerada programação que já faz parte do calendário cultural da capital amapaense, atraindo os veranistas e pequenos, médios e grandes empreendedores da economia local junto com atrações musicais e palanques no período de eleição. Atualmente está com as áreas internas alagadas, sem uma parte da cobertura e com vegetação na sua fachada posterior cobrindo o assoreamento com risco de acidentes. O único espaço com movimento de pessoas no local é próximo ao palco onde existe uma área concretada, que é utilizada para fins recreativos do Colégio Estadual Maria Ivone Menezes.

Figura 50 - Palco em estado precário.



Fonte: <sup>69</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Os estudantes não têm nenhuma segurança ao praticar suas atividades físicas no parque, sem proteção na margem em toda a sua delimitação e com grandes

---

<sup>68</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 10 mai. 2017.

<sup>69</sup> *Idem*

buracos provocados pelas ondas, onde na figura 51 mostram-se alguns alunos indo atrás da bola de futebol.

Figura 51 – Estudantes em busca da bola



Fonte: <sup>70</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### 3.2.3 Serviços

O único setor de serviço instalado no complexo turístico é a AVAP - Associação do Velejadores do Amapá (figura 52), que veio com o intuito de resgatar as crianças das ruas e trazer de volta um pouco de movimento ao entorno, mas também aproveitar as ventanias que o local proporciona. Antigamente a área utilizada pelos mesmos era um centro cultural onde dava-se aula e fazia-se exposição de artesanatos. Com exceção disso, os quiosques estão abandonados e sem uso para fins lucrativos.

Figura 52 – AVAP - Associação dos Velejadores do Amapá.



Fonte: <sup>71</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

<sup>70</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 28 mai. 2017.

<sup>71</sup> *Idem*

### 3.2.4 Iluminação pública

O Parque do Jandiá está em completo abandono. À noite, torna-se intransitável por conta da iluminação e da vegetação que escondem boa parte do passeio. A distribuição dos postes atende à demanda, mas eles não funcionam por motivo de furto dos fios (figura 53). O Complexo Turístico Parque do Jandiá acabou se tornando um ponto perfeito para assaltos.

Pela noite, a entrada de acesso do complexo turístico muda completamente sua aparência. Percebe-se que apenas alguns postes funcionam, porém como não existem residências na entrada, os que ainda pegam não são suficientes para iluminar o caminho (figura 54). Nas imagens a seguir, apresenta-se também a escuridão que se encontra no fim do acesso, onde está situado o Complexo Turístico Parque do Jandiá, portanto veículo nenhum transita pelo trecho por motivo de segurança. Os moradores acessam a Rua Antônio Pelaes em que se localiza o colégio, e mesmo assim é uma área de risco.

Figura 52 – Furto de fios do poste de iluminação



Fonte: <sup>72</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Figura 54 – imagem noturna do acesso principal ao Parque



Fonte: <sup>73</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

---

<sup>72</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 28 mai. 2017.

<sup>73</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 30 mai. 2017.

### 3.2.5 Segurança pública

A segurança que existia no Complexo Turístico era uma guarita instalada na extremidade do parque, onde quem estivesse chegando ao mesmo avistaria a segurança, porém pela dimensão do mesmo necessitaria de mais guaritas em pontos estratégicos para que houvesse um melhor controle no entorno. Essa guarita atendia certa de três guardas, lógico, era um ponto de vigilância com uma visão de quase 360° graus com um lavabo central, sua forma é em octogonal com uma cobertura defasada e com as esquadrias depredadas apresentado na figura 55.

Figura 55 - Guarita em forma octogonal



Fonte: <sup>74</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

---

<sup>74</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, foto tirada no dia 30 mai. 2017.



## **4. PROPOSTA DO PROJETO**

### **4.1 ESTUDO DE CASOS**

#### **4.1.1 Parque Setorial De São José Do Rio Preto**

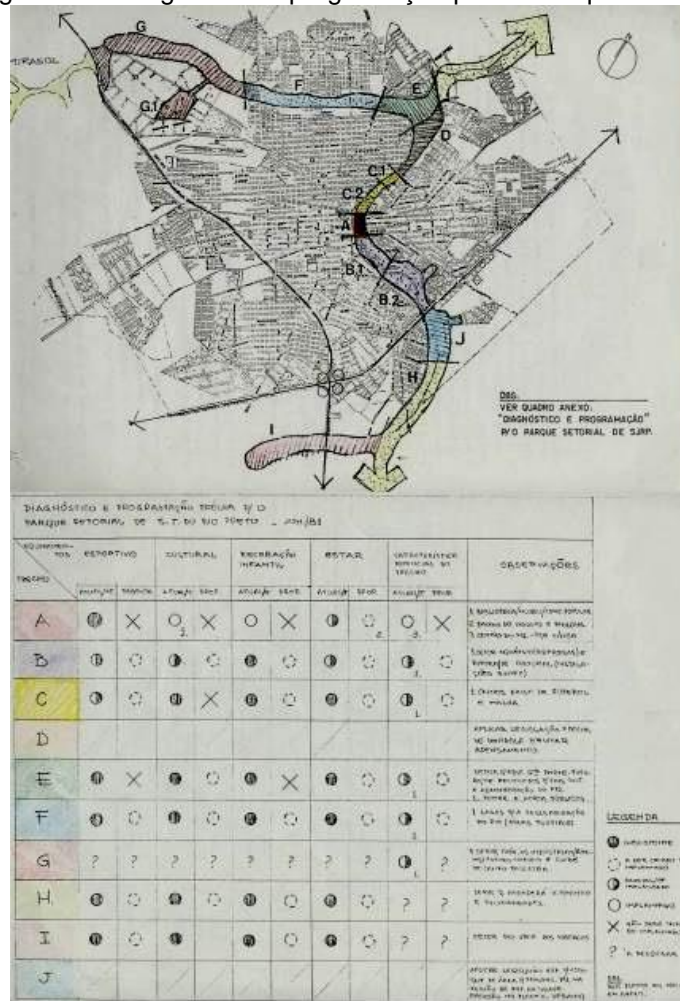
O engenheiro e arquiteto paulistano Heitor José Eiras Garcia convidado à São José do Rio Preto para resolver os problemas mascarados da década de 50, do século XX, ao mesmo tempo que cooperou para um impulso de modernização e progresso da cidade e destruição de seus edifícios históricos, seus planos tiveram alguns desdobramentos positivos. Em seu "Plano de Melhoramentos" que foi engendrado em 1958 indicou-se como uma das eminentes lacunas do planejamento da cidade, a ausência de espaços livres públicos, sendo então apresentado, de forma a abrandar esse problema, a construção de praças e de um parque municipal nos terrenos marginais à represa com atividades orientada para a população. Nascia assim a ideia para a construção de um projeto do Parque Setorial (FRANCISCO, 2011).

Por volta de vinte anos após ser desenvolvido, o plano de Eiras Garcia é recuperado através da contratação dos arquitetos da ERPLAN (Escritório Regional de Planejamento), Jamil José Kfourri e Mirthes I. Soares Baffi. O Parque Setorial foi proposto como "área verde destinada à recreação e esporte de toda a população, ocupando as grandes áreas contínuas disponíveis junto as grandes represas e rios e as áreas com vegetação significativas" (BAFFI&KFOURI, 1977, p.3).

Para a configuração do Parque Setorial, foram mapeadas as áreas livres e urbanizadas municipais e particulares nos vales destes córregos que viriam compor o parque. O seu projeto de implantação englobava áreas de proteção ao rio, áreas municipais urbanizadas, áreas livres municipais, áreas a serem desapropriadas, áreas a serem declaradas de utilidade pública e áreas onde deveria ser aplicado o código especial de obras, além do limite de influência do parque e das vias de maior fluxo (BAFFI & KFOURI, 1977). Deste modo, de acordo com o projeto, o Parque Setorial abrangeria 17 quilômetros de extensão e aproximadamente 300 metros de largura, num total de 510 ha, atribuindo-lhe grande importância como área verde significativa na cidade como um todo. Ao mesmo tempo em que valorizava a presença da água e

da vegetação, incluía diversas atividades esportivas e de lazer (KFOURI, 1980). Em virtude de ser muito extenso, o parque foi decomposto em dez setores, nomeados de A à J (ver Figura 56). Estes setores tiveram instruções de aplicação, e alguns encontram-se atualmente “desocupados”.

Figura 56 - Diagnóstico e programação para o Parque Setorial.



Fonte: Baffi&Kfourri (1977).

Segundo (BAFFI & KFOURI, 1977) deste foram feitos apenas os anteprojetos para os setores descobertos na área central, A, B1, B2 e C. O trecho A, no poder do parque, coincide à “Praça Cívica”, o trecho C2, ao “Conjunto de Lazer e Esportes Tuta Braga”, e os trechos B1 e B2, ao “Parque da Represa” – o trecho de maior evidência para a cidade.

A praça cívica previamente existente foi redesenhada. No projeto, no setor A foi sugerido um grupo de edificações com funções cívico-culturais como biblioteca, museu e anfiteatro; mas somente a biblioteca foi construída. O seu entorno

é marcado pelo Palestra Esporte Clube e pela Estação Ferroviária. No ano de 1997, a prefeitura da cidade desempenhou obras de revitalização da praça, impulsionada por intervenções na área central (FRANCISCO; FERNANDES; 2012).

De acordo (BAFFI & KFOURI, 1977) o setor B coincide à área da Represa Municipal, que foi dividido em B1 e B2, pois se tratava do Lago 1 e 2 da Represa, respectivamente. Na área já existiam vários equipamentos, como: o Centro Social e Esportivo Municipal; o Centro Social e Esportivo do Sesi e a Praça da Estação de Tratamento de Água. Foram construídos ainda um anfiteatro aberto, um circuito de ginástica e bicicleta, uma área para piquenique com núcleo de apoio, um mirante e equipamentos para atividades lúdicas.

Hoje em dia, este é o setor mais utilizado do parque e há uma disposição por parte do poder público, e que também estava antecipada no plano do parque, de se elaborar espaços para recreação, esporte, lazer e cultura, e talvez este seja um dos motivos para ser o trecho do parque mais conservado e utilizado (FRANCISCO; FERNANDES; 2012). A seguir, um quadro sintetizado com as diretrizes para a setorização do parque, concebido pelos arquitetos Baffi & Kfour (1977).

Tabela 2 - Quadro das observações do diagnóstico e Programação do Parque Setorial de São José do Rio Preto.

TRECHO	OBSERVAÇÕES
A	1. BIBLIOTECA/MUSEU/CON. POPULAR 2. BAIXOS DOS VIADUTOS E PROLONG. 3. CENTRO DO PQ - PRAÇA CÍVICA
B	1. SETOR AQUÁTICO (REPRESAS) E FUTURA/TE CULTURAL (INSTALAÇÕES SWIFT <sup>2</sup> )
C	1. CAMPOS EXIST. DE FUTEBOL E MALHA
D	APLICAR LEGISLAÇÃO ESPACIAL DE CONTROLE P/ EVITAR ADENSAMENTO
E	SETOR C/ EDIF. GDE PORTE. FUTURA/TE, RECICLADOS P/ FINS CULT. E ADMINISTRAÇÃO DO PQ. 1.POMAR E HORTA PÚBLICOS
F	1. LAGOS P/ A REGULARIZAÇÃO DO RIO (ÁGUAS PLUVIAIS)
G	1. SETOR PROX. AS INDÚSTRIAS/HORTO/FUTURO VIVEIRO E CLUBE DE CAMPO PALESTRA
H	SETOR Q. ATENDERÁ V. TONINHO E PROXIMIDADES
I	SETOR DO VALE DOS MACACOS
J	APLICAR LEGISLAÇÃO ESP. P/ ESTOQUE DE ÁREA P/ PROLONG. PQ NA REGIÃO DE EXP. DA CIDADE (PREVISÃO NO PLANEJ. URBANO)

Fonte: Baffi&Kfour (1977). Elaboração: Arlete Maria Francisco (2012).

Além de realizar o tratamento ambiental para os fundos dos vales do rio Preto e do córrego Piedade, atenderia grandes parcelas da população e permitiria, também, uma ligação entre as partes da cidade, principalmente com a zona norte segregada pela dinâmica do zoneamento e do mercado imobiliário e pela barreira física formada pelos cursos d'água e pela linha férrea. A imagem a seguir mostra uma vista aérea do parque.

Figura 57 - Vista aérea do Parque Setorial De São José do Rio Preto



Fonte: < <http://static.panoramio.com/photos/large/78672936.jpg>>, 2017.

#### 4.1.2 Praça San Martín De La Mar, Santander – ESP.<sup>75</sup>

A estratégia proposta pela Zigzag Arquitectura em 2014 para a cidade de Santander, Espanha para a criação da praça, foi adotar uma costura urbana através de uma sucessão de plataformas de terraços e planos inclinados formando bancos, cuja geometria solucionam as diferenças de nível do terreno conectando seus limites: a Avenida Reina Victoria ao norte, Rua da União à oeste e a porção sul da parte mais baixa ao sul da praça em si. Essas plataformas possibilitam, com leves mudanças de nível, a resolução da diferença topográfica e criam um novo território contínuo.

A figura 58 mostra a configuração do parque como um novo espaço flexível e aberto, um todo formado de diferentes situações, níveis e sistemas de dimensões espaciais e materiais, projetadas para serem apreciadas pelos usuários: um sistema com possibilidades múltiplas de uso e interpretação, um híbrido entre bancos, praça e parque. A nova Praça San Martín de la Mar procura redescobrir e dinamizar esta localização urbana privilegiada na cidade de Santander. A sua nova condição como ponto de vista urbano possibilita aos visitantes apreciar uma vista excepcional orientada para o sul, reincorporar a relação perdida com a baía e a passagem de

---

<sup>75</sup> Cita: "Praça San Martín de la Mar / Zigzag Arquitectura" [San Martín de la Mar Square / Zigzag Arquitectura] 09 Feb 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Santiago Pedrotti, Gabriel). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/781589/praca-san-martin-de-la-mar-zigzag-arquitectura>>. Acesso em: 9 Nov 2017.



navios. Sua nova configuração como um promontório<sup>76</sup> e a posição intencional de árvores e vegetação, proporcionam uma excelente captura das vistas (Ver Figura 59).

Figura 58 e 59 - Vista aérea da Praça San Martín de la Mar



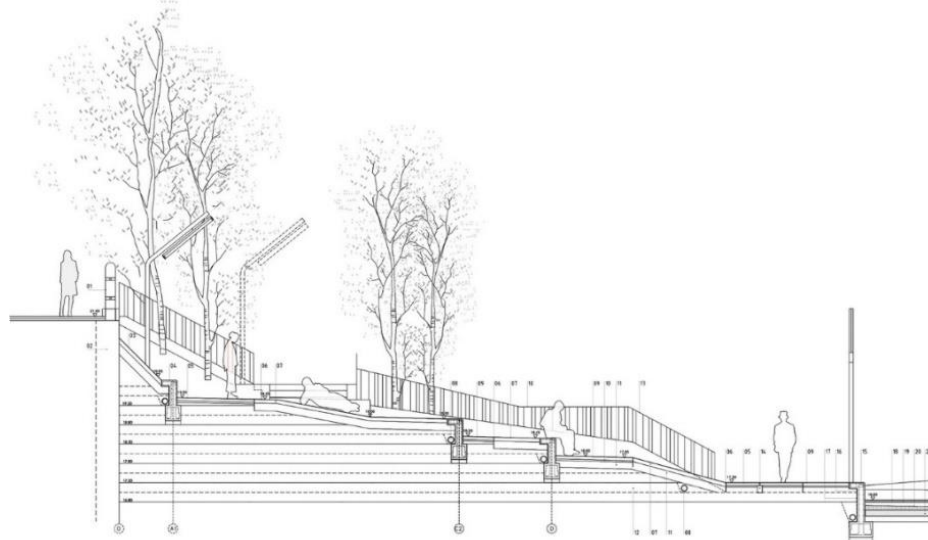
Fonte: <<https://www.archdaily.com.br/br/781589/praca-san-martin-de-la-mar-zigzag-arquitectura>>, 2016.

Os bancos têm diferentes dimensões e tipologias, variando desde espaços gradeados de acesso restrito às grandes plataformas abertas que permitem a criação de lugares com maior senso de espaço, bem como outras possibilidades de encontro e usufruto. Os terraços são feitos basicamente com elementos naturais: espaços com áreas gramadas e acabamentos com pavimentação ecológica que produzem situações intermediárias entre o artificial e o natural, que possibilita o crescimento de vegetação e a drenagem natural da água da chuva.

Os espaços pavimentados são feitos em concreto e localizados junto aos bancos, com intuito de facilitar o percurso e a conexão das novas entradas. Estes bancos pavimentados são caracterizados por relações naturais-artificiais, pois começam com o pavimento de concreto bruto - a condição mais urbana - às áreas gramadas - a condição mais natural - percorrendo por situações intermediárias resolvidas através de elementos de pavimentação ecológica no piso (Ver Figura 60).

<sup>76</sup> **Promontório**. [Substantivo masculino]. (1) Local mais elevado; saliência ou elevação. (2) Geografia. Cabo composto por rochas muito elevadas e por penhascos. Fonte: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

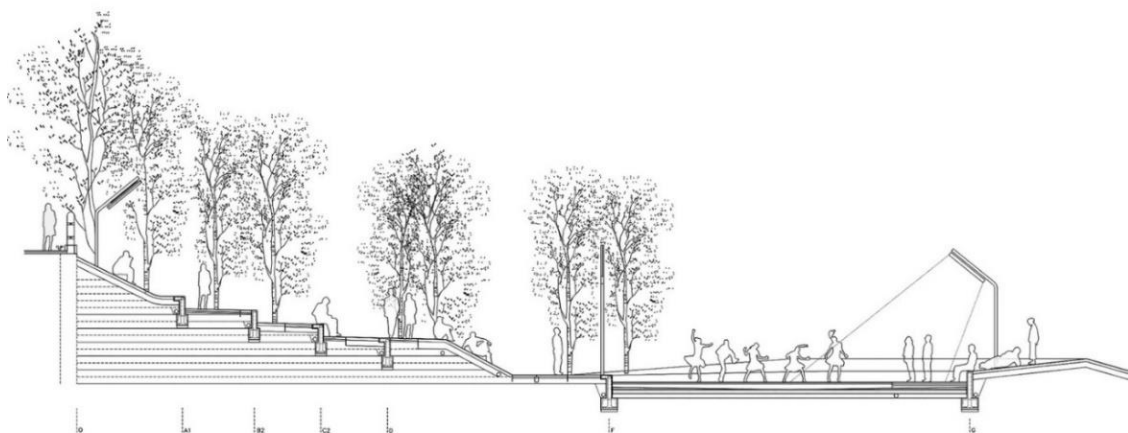
Figura 60 - Secção transversão da praça demonstra as diferentes possibilidades de uso no espaço.



Fonte: <<https://www.archdaily.com.br/br/781589/praca-san-martin-de-la-mar-zigzag-arquitectura>>, 2016.

Na figura a seguir, mostra a viabilidade de no local realizar atividades como passear, sentar para apreciar as vistas, descansar ao sol ou tirar um cochilo, levar o cachorro para passear, encontrar os amigos, um piquenique com vista para o mar, ler um livro no calor do sol de inverno ou assistir a um evento urbano com a baía de fundo para a plataforma lúdica como esta demonstrada em outro corte na figura a seguir; todas estas são parte das múltiplas possibilidades oferecidas por este novo espaço urbano.

Figura 61 - Corte da praça mostrando os bancos em diferentes níveis de altura



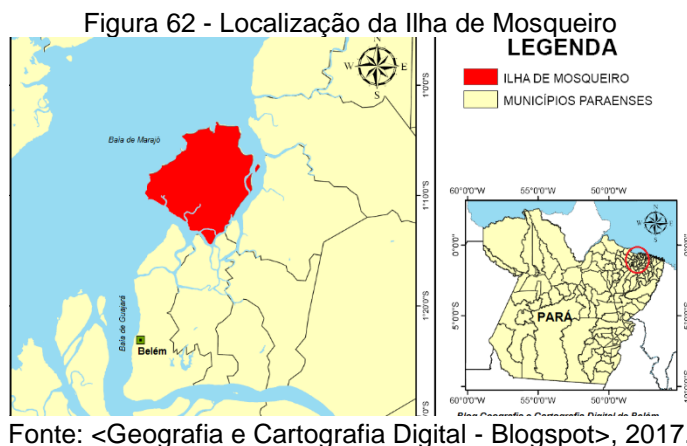
Fonte: <<https://www.archdaily.com.br/br/781589/praca-san-martin-de-la-mar-zigzag-arquitectura>>, 2016.

Todo o projeto tem como propósito gerar um espaço urbano que pode ser atravessado a pé e ser contornado por fora, que venha garantir quatro ações fundamentais nas bordas do projeto:

- Uma nova escadaria localizada na Avenida Reina Victoria - na esquina que entra em contato com o muro que divide a edificação existente - que conecta os diferentes níveis de uma maneira rápida e direta;
- Múltiplos acessos a partir da Rua União às diferentes plataformas, com rampas suaves que geometricamente resolvem a união dos bancos com a rua de grande inclinação mencionada anteriormente;
- A configuração de um acesso principal ao projeto a partir de seu nível mais inferior, com tratamento do começo da rota acessível através da praça e como conexão com a cidade;
- Uma nova disposição da escadaria mais ao sul na parte mais baixa como parte da ação de gerar um melhor acesso e uma melhor conexão com a baía, promovendo a relação do usuário com ela.

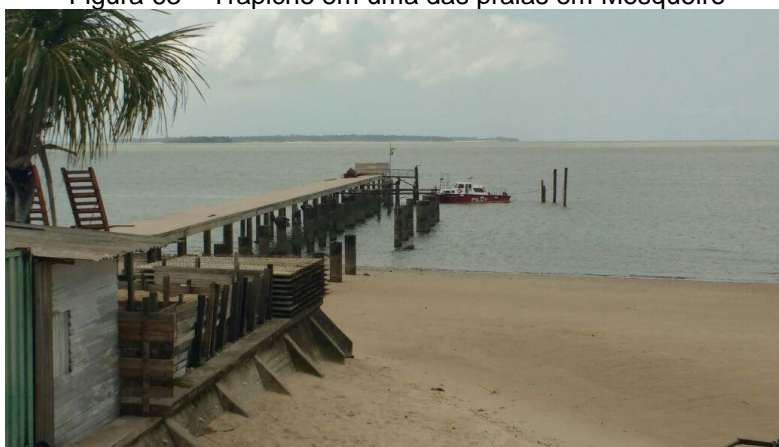
#### 4.1.3 Vila de Mosqueiro, Belém – PA

A ilha de Mosqueiro é um distrito administrativo do município de Belém (Ver Figura 62) sendo uma ilha fluvial localizada na costa oriental do rio Pará, um braço sul do rio Amazonas, em frente à baía do Marajó. Apresenta área de aproximadamente 212 km<sup>2</sup> e está localizada a 70 km de distância do centro de Belém. Possui 17 km de praias de água doce com movimento de maré.



Nesta região é famosa a presença de praias. Portanto, irá ser analisada a infraestrutura local, suas potencialidades e carências. Na figura 63 pode-se verificar a presença de um trapiche, um elemento que será usado no projeto de revitalização no Parque do Jandiá. Apesar de ser empregado o mesmo material do trapiche da foto, este por sua vez não conta com um guarda-corpo e corrimão, no projeto do Parque do Jandiá possuirá o guarda-corpo e corrimão, a fim de oferecer maior conforto e segurança para os usuários.

Figura 63 – Trapiche em uma das praias em Mosqueiro



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Na figura a seguir, percebe-se a presença de pequenos estabelecimentos comerciais (quiosques). No projeto em Jandiá, terá a presença destes quiosques adotando o mesmo modelo de cobertura (telha de barro) e infraestrutura de alvenaria.

Figura 64 – Presença de quiosques em Mosqueiro



Fonte: Acervo próprio, 2018.



Nas próximas figuras percebe-se a presença de uma vegetação expressiva com árvores de diferentes portes (incluindo as de grande porte), o que torna o local confortável e agradável de se frequentar, seja termicamente, esteticamente e/ou funcionalmente. Por isso, no projeto do Parque do Jandiá foi pensado em utilizar um número considerável de árvores, de variados tipos de portes (no projeto, foi definido o uso de 3 portes: pequeno, médio e grande porte).

Figura 65 e 66 - Presença de árvores nesta região de Mosqueiro



Fonte: Acervo próprio, 2018

Outra inspiração absorvida deste local para o projeto foi a questão da presença de uma ciclovia, além de calçadas largas e bem niveladas, o que garante maior conforto e segurança para os pedestres e ciclistas. Por fim, a presença de vagas de estacionamentos segregado do passeio (figura 67).

Figura 67 – Exemplo de um determinado trecho de Mosqueiro com a presença de calçadas bem planejadas e conservadas.



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Por fim, outro elemento a ser inserido que causou inspiração para a elaboração deste projeto (Parque do Jandiá) é a presença de uma área de lazer.

Contudo no projeto será destacada a presença de quadras poliesportivas, caminhos e a uso da orla para a prática de Futlama. (Figura 68 e 69).

Figura 68 e 69 – Presença de áreas de desporto em um determinado trecho de Mosqueiro



Fonte: Acervo próprio, 2018.

#### 4.1.4 Aninga

A Aninga (ver a figura a seguir), *Montrichardia linifera* (Arruda Schott), que pertence à família das Araceae, é uma macrófita<sup>77</sup> aquática amplamente distribuída nas várzeas amazônicas e do mesmo modo encontrada em inúmeros ecossistemas inundáveis como os igapós, margens de rios, furos e igarapés, dando-se também em outros Estados do Brasil e até no Suriname (AMARANTE *et al.*, 2009), em geral, dispõe-se nas regiões tropicais (MAYO *et al.* 1997), tem característica herbácea com 4-6 m de altura, limbo foliar de cerca de 45-66 cm de comprimento e 35-63 cm de largura (MACEDO *et al.*, 2005), com frequentes cristais de oxalato de cálcio (LINS; OLIVEIRA, 1994). Na literatura há informações de que suas folhas e frutos servem de alimento aos peixes e quelônios, como a tartaruga e o tracajá (LINS, 1994; PORTAL *et al.*, 2002) e também aos mamíferos de grande porte como o peixe-boi (LINS, 1994), o gado bovino (FURTADO, 2002) e o búfalo.

<sup>77</sup> **Macrófita(a)**. [Substantivo masculino] Qualquer vegetal visto a olho nu. Variação de macrófita. Fonte: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Figura 70 - Aninga ou Aningueira, como é conhecida popularmente



Fonte: <<http://ysefosse.blogspot.com.br/2017/05/aninga-ou-aningueir.html>>, 2017.

Devido ao fato da espécie ser desbravadora, apresenta expressiva importância ecológica na formação das margens de rios e igarapés de águas barrentas, pois é a primeira vegetação na formação de ilhas aluviais, o que forma extensas populações clonais pela brotação de caules subterrâneos e submersos. Para as comunidades que usam as várzeas para fins agropastoris, a Aninga representa um “problema”, pois a julgam como invasora competitiva, devido à rápida recuperação de seus rizomas depois da ação de cortar e/ou de tornar menos basto, espesso ou grosso, prejudicando, assim, a manutenção da área para plantio de culturas de subsistência dos pequenos agricultores (MACEDO *et al.*, 2005).

Além disto dificulta a visão do rio, permite abrigo a animais peçonhentos, também é considerada venenosa pelos ribeirinhos, em razão da sua seiva causar queimaduras na pele e em contato com os olhos poder causar cegueira, embora o caule dessa espécie é utilizada pelos caboclos ribeirinhos principalmente na cicatrização de cortes profundos (VFH, 2007) e bem como contra picadas de cobra e ferradas de arraia (AMOROZO E GÉLY, 1998). Todavia, apesar da ocorrência significativa, estudos químicos relacionados a esta planta ainda são desconhecidos e muito pouco se conhece sobre o seu valor nutritivo.

Um estudo administrado por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) sobre as propriedades terapêuticas da espécie aponta: suas folhas, que têm alto grau de toxicidade, absorvem metais (como manganês, magnésio e outros minerais presentes no solo), algo que os pesquisadores acreditam que isso pode ajudar no combate à poluição e que venha a

poder ser usada para controlar os níveis de contaminantes presentes no solo e na água. Ou seja, tem grande potencial para equilibrar um ecossistema, regulamentando os níveis de contaminantes orgânicos e inorgânicos, funcionando como um filtro natural para a limpeza de rios e do solo.

Outra característica que os pesquisadores descobriram sobre o aningal, é que este pode inibir em mais de 80% o crescimento do parasita causador da malária que estão desenvolvendo um larvicida e repelente à base de aninga, planta encontrada nas áreas alagadas da Amazônia. Segundo a pesquisadora Cristine Bastos do Amarante, os estudos para criar o repelente contra o *Aedes* começaram há três anos com a participação de 20 pesquisadores e devem durar mais cinco anos. Os cientistas trabalham no desenvolvimento de um composto produzido com os óleos essenciais e extratos das espécies do gênero *Montrichardia*, do qual a aninga faz parte. A pesquisa começou há dez anos, após a constatação de ribeirinhos de que não havia mosquitos transmissores da malária nos locais onde era encontrada a *Montrichardia linifera*, nome científico da aninga<sup>78</sup>.

O uso de aninga se explica através de pesquisa, é devido por ela conseguir amenizar as forças da maré do rio Amazonas, diante do muro de arrimo. Esta vegetação somada a uma barragem de madeira adiante, reforça a proteção do parque do Jandiá e assim evitar a deterioração do muro de arrimo, da infraestrutura do parque e do assoreamento. Além de ser uma espécie nativa, o que garante sua adaptação no local. Este tipo de vegetação, aliada à presença do manguezal, diminui toda a carga de força da onda após esta barreira<sup>79</sup>.

## 4.2 ESTUDO DO TERRENO E ENTORNO

O Complexo Turístico Parque do Jandiá se localiza na Zona Norte, com sua fachada situada de frente para o Rio Amazonas, aonde a ventilação predominante vem do Nordeste indo em direção ao Sudoeste, pegando em sentido transversal no

---

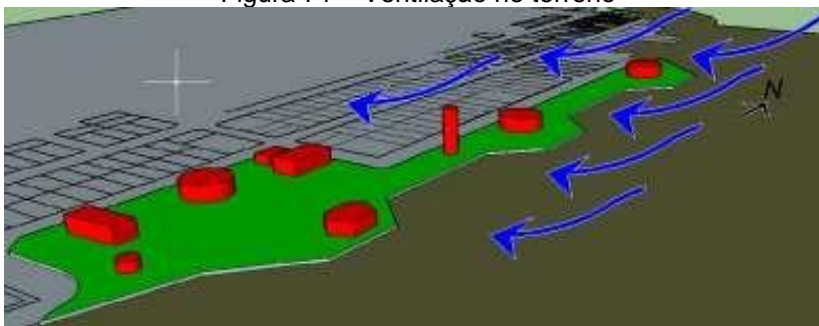
<sup>78</sup>Fonte: **GOVERNO DO BRASIL**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2017/06/pesquisadores-criam-repelente-contra-aedes-aegypti-a-partir-de-planta-amazonica>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

<sup>79</sup> Este estudo está registrado no facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/LinguagemGeografica/videos/1181122255303902/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.



parque (figura 71).

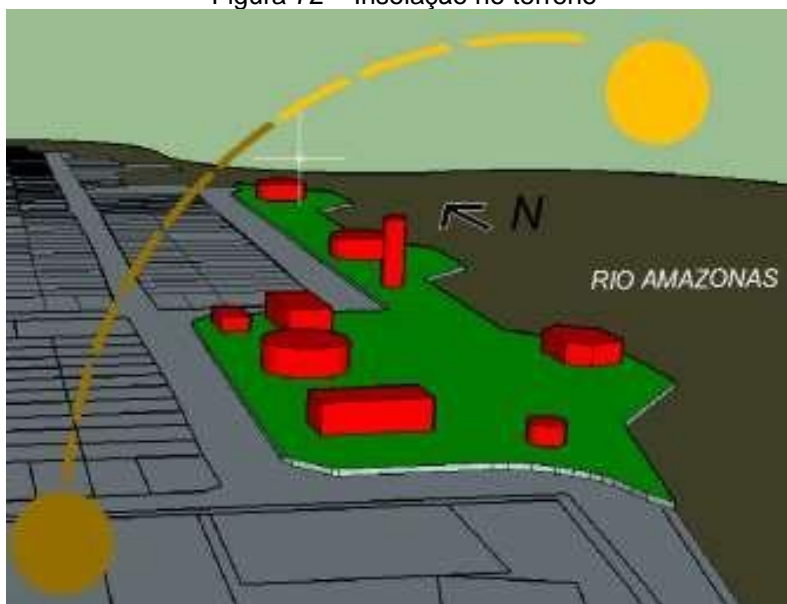
Figura 71 – Ventilação no terreno



Fonte: <sup>80</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

Sua insolação vem também de sentido Leste a Oeste, nascendo em frente ao complexo e se pondo em sua fachada posterior quase que na transversal apresentada na figura 72.

Figura 72 – Insolação no terreno



Fonte: <sup>81</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

#### 4.2.1 Arruamento

Na questão do arruamento presente no entorno do terreno, é possível perceber através de estudo prévio que existem alguns condicionantes em questão.

<sup>80</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Esquema criado através de moesyapa no dia 29 jul. 2017.

<sup>81</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Esquema criado por mim através do mapa que tenho no dia 29 de Julho de 2017.

Em relação ao calçamento ao redor do terreno só existe na fachada Oeste e Sul (Rua Beira Rio e Rua Comandante Barcelos) com 7 metros de largura na fachada oeste e sul (Vias Principais); já na fachada Leste não foi previsto nenhum tipo de calçamento, pois está sendo banhado pelo Rio Amazonas.

Também se encontram presentes arborizações no calçamento, principalmente na fachada principal (Oeste), onde existe o sombreamento feito por árvores de médio porte (figura 73). No entorno, porém existe muito pouco sombreamento em decorrência do abandono e falta de manutenção.

Figura 73 – Arborização na fachada oeste.



Fonte: <sup>82</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

#### **4.2.2 Condicionantes morfológicos**

Na topografia o terreno se encontra com um leve desnível com uma queda de 1m (um metro) onde sua inclinação alcança os 0,1%, tendo um terreno quase plano. Atualmente se encontra em estado de nivelamento. Além de estar nivelado o terreno apresenta excelentes condições para a execução do projeto proposto com apenas a interferência do Rio que banha seu lado leste, onde será utilizado a sua forma atual.

A parte frontal do terreno que se dá ao Rio Amazonas e a parte posterior do mesmo que se dá as Ruas Comandante Barcelos e Beira Rio se medem 315,95 m

---

<sup>82</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 10 de Maio de 2017.

(trezentos e quinze virgula noventa e cinco metros). O Acesso ao complexo que se encontra no terreno se dá exclusivamente pelos lados, posterior na região oeste e na lateral pela região sul do terreno, tanto a entrada como a saída de veículos.

Em relação à Geologia, o terreno se encontra em estado de desidratação. Em boa parte do mesmo e na sua extremidade se encontra em estado úmido, porém é um solo resistente, na presença de chuva o solo se transforma em algumas partes do terreno em estado pastoso (lama), mas só superficialmente, fazendo com que permaneça sua resistência abaixo desta crosta pastosa, não possui recalques em todo o seu perímetro só nas extremidades onde recebe pancadas do rio, o solo tem bons nutrientes, as árvores que são plantadas no terreno vingam.

O espaço todo mede cerca de 1, 816.54 m<sup>2</sup>, onde irá ser utilizado todo o seu percurso para a construção do complexo turístico, tendo em vista a utilização completa da taxa do terreno para a construção dos setores adotados junto com o passeio e paisagismo.

O grau de permeabilidade do solo do terreno onde se localiza o parque do Jandιά é de bom estado, dele se nutri água suficiente e o necessário para a hidratação do mesmo, ele absorve para que sempre se mantenha o solo estável e mantendo a arborização presente em bons estados.

#### **4.2.3 Equipamentos Institucionais**

Em relação a equipamentos Institucionais o local de aplicação do projeto da Revitalização do Complexo Turístico Parque do Jandιά está com um atendimento baixo, pois nas proximidades é possível chegar a alguns serviços que não atenderia toda a necessidade do usuário como bancos, restaurantes, entre outros, por isso esses equipamentos estarão inclusos no projeto, mas também no seu entorno possuem setores que estão bem situados para atender ao complexo, que através de uma simples caminhada de poucos minutos consegue-se chegar a locais que ofertam serviços importantes para o futuro usuário, órgãos como UBS, Supermercado, Escola, Comércio de extremas variedades, ainda com outros serviços que atendem o usuário do complexo (figura 74).

Figura 74 - Esquema de Equipamentos Institucionais.



<sup>83</sup>Fonte: Imagens do Google Maps, Google Earth e ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

### 4.3 NORMATIZAÇÃO DO PROJETO

Esta Norma estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quanto ao projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade.

#### 4.3.1 Normas de Proteção Contra Incêndio

As normas contra incêndio que serão utilizadas no projeto são as que atendem toda e qualquer necessidade ao projeto, cujo objetivo é o Parque do Jandiá. A seguir as normas que melhor atendem a segurança do projeto proposto.

- ✓ NBR 10898 – Iluminação de Emergência: Iluminação que deve clarear

<sup>83</sup> Fonte: imagem tirada do Google Maps, Google Earth e ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Adquirido no dia 10 de Maio de 2017.



áreas escuras de passagens, horizontais e verticais, incluindo áreas de trabalho e áreas técnicas de controle de restabelecimento de serviços essenciais e normais, na falta de iluminação normal. Essa iluminação deve ser suficiente para evitar acidentes e garantir a evacuação das pessoas.

✓ NBR 12693 – Esta Norma fixa para projeto e instalação de sistemas de proteção por extintores portáteis e/ou sobre rodas. Ela se aplica a riscos isolados que necessitem de sistema de proteção por extintores portáteis e/ou sobre rodas, para a salvaguarda de pessoas e bens materiais. Algumas características dessa norma é área protegida que área medida em metros quadrados de piso, agente extintor que é o que comporta dentro do mesmo, carga que é a quantidade, entre outros.

✓ NBR 14100 – Símbolos de Proteção Contra Incêndio: Esta Norma estabelece símbolos para serem utilizados nos projetos de proteção contra incêndio nas áreas de arquitetura, engenharia, construção e áreas correlatas, para prover detalhes sobre os equipamentos de proteção contra incêndio, combate ao fogo e meios de fuga em desenhos para projeto, construção, reforma ou certificação. Algumas delas são:

- Abrigo de mangueira: que é destinado aguardar e proteger mangueiras e acessórios.
- Avisador visual: Dispositivo que emite sinais visuais de alerta.
- Hidrante de coluna: Ponto de tomada de água instalado na rede particular, com tubulação emergente do solo.

#### **4.3.2 Legislação Específica**

• A norma que irá ser utilizada para o objeto de estudo será a NBR 9050 de 2004, onde se retrata sobre a acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Dentro do mesmo abrange diversas tópicos que serão utilizados no projeto proposto, que serão citados logo a seguir.

• Para os efeitos desta Norma, aplicam-se as seguintes definições que serão impostas no projeto:

• **Acessibilidade:** Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos.

- **Acessível:** Espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida. O termo acessível implica tanto acessibilidade física como de comunicação.

- **Adequado:** Espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento cujas características foram originalmente planejadas para serem acessíveis.

- **Altura:** Distância vertical entre dois pontos.

- **Área de aproximação:** Espaço sem obstáculos para que a pessoa que utiliza cadeira de rodas possa manobrar deslocar-se, aproximar-se e utilizar o mobiliário ou o elemento com autonomia e segurança.

- **Área de resgate:** Área com acesso direto para uma saída, destinada a manter em segurança pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, enquanto aguardam socorro em situação de sinistro.

- **Área de transferência:** Espaço necessário para que uma pessoa utilizando cadeira de rodas possa se posicionar próximo ao mobiliário para o qual necessita transferir-se.

- **Calçada:** Parte da via, normalmente segregada e em nível diferente, não destinada à circulação de veículos, reservada ao trânsito de pedestres e, quando possível, à implantação de mobiliário, sinalização, vegetação e outros fins - Código de Trânsito Brasileiro.

- **Circulação externa:** Espaço coberto ou descoberto, situado fora dos limites de uma edificação, destinado à circulação de pedestres. As áreas de circulação externa incluem, mas não necessariamente se limitam a, áreas públicas, como passeios, calçadas, vias de pedestres, faixas de travessia de pedestres, passarelas, caminhos, passagens, calçadas verdes e pisos drenantes entre outros, bem como espaços de circulação externa em edificações e conjuntos industriais, comerciais ou residenciais e centros comerciais.

- **Deficiência:** Redução, limitação ou inexistência das condições de percepção das características do ambiente ou de mobilidade e de utilização de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, em caráter temporário ou permanente.

- **Desenho universal:** Aquele que visa atender à maior gama de variações

possíveis das características antropométricas e sensoriais da população.

- Elemento: Qualquer dispositivo de comando, acionamento, comutação ou comunicação. São exemplos de elementos: telefones, intercomunicadores, interruptores, torneiras, registros, válvulas, botoeiras, painéis de comando, entre outros.

- Equipamento urbano: Todos os bens públicos e privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados.

- Espaço acessível: Espaço que pode ser percebido e utilizado em sua totalidade por todas as pessoas, inclusive aquelas com mobilidade reduzida.

- Faixa elevada: Elevação do nível do leito carroçável composto de área plana elevada, sinalizada com faixa de travessia de pedestres e rampa de transposição para veículos, destinada a promover a concordância entre os níveis das calçadas em ambos os lados da via.

- Faixa livre: Área do passeio, calçada, via ou rota destinada exclusivamente à circulação de pedestres.

- Faixa de travessia de pedestres: Sinalização transversal às pistas de rolamento de veículos, destinada a ordenar e indicar os deslocamentos dos pedestres para a travessia da via - Código de Trânsito Brasileiro.

- Guia de balizamento: Elemento edificado ou instalado junto aos limites laterais das superfícies de piso, destinado a definir claramente os limites da área de circulação de pedestres, perceptível por pessoas com deficiência visual.

- Linha-guia: Qualquer elemento natural ou edificado que possa ser utilizado como guia de balizamento para pessoas com deficiência visual que utilizem bengala de rastreamento.

- Mobiliário urbano: Todos os objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantada mediante autorização do poder público em espaços públicos e privados.

- Orla de proteção: Elemento edificado ou instalado, destinado a constituir barreira no piso para proteção de árvores, áreas ajardinadas, espelhos d'água e espaços similares.

- Passeio: Parte da calçada ou da pista de rolamento, neste último caso separado por pintura ou elemento físico, livre de interferências, destinado à circulação

exclusiva de pedestres e, excepcionalmente, de ciclistas - Código de Trânsito Brasileiro.

- Piso tátil: Piso caracterizado pela diferenciação de textura em relação ao piso adjacente, destinado a constituir alerta ou linha guia, perceptível por pessoas com deficiência visual.

- Rampa: Inclinação da superfície de piso, longitudinal ao sentido de caminamento. Consideram-se rampas aquelas com declividade igual ou superior a 5%.

- Rota acessível: Trajeto contínuo, desobstruído e sinalizado, que conecta os ambientes externos ou internos de espaços e edificações, e que possa ser utilizada de forma autônoma e segura por todas as pessoas, inclusive aquelas com deficiência. A rota acessível externa pode incorporar estacionamentos, calçadas rebaixadas, faixas de travessia de pedestres, rampas, etc. A rota acessível interna pode incorporar corredores, pisos, rampas, escadas, elevadores etc.

- Rota de fuga: Trajeto contínuo, devidamente protegido proporcionado por portas, corredores, antecâmaras, passagens externas, balcões, vestíbulos, escadas, rampas ou outros dispositivos de saída ou combinações destes, a ser percorrido pelo usuário, em caso de um incêndio de qualquer ponto da edificação até atingir a via pública ou espaço externo, protegido do incêndio.

- Tecnologia assistiva: Conjunto de técnicas, aparelhos, instrumentos, produtos e procedimentos que visam auxiliar a mobilidade, percepção e utilização do meio ambiente e dos elementos por pessoas com deficiência.

- Uso comum: Espaços, salas ou elementos externos ou internos que são disponibilizados para o uso de um grupo específico de pessoas (por exemplo, salas em edifício de escritórios, ocupadas geralmente por funcionários, colaboradores e eventuais visitantes).

- Uso público: Espaços, salas ou elementos externos ou internos que são disponibilizados para o público em geral. O uso público pode ocorrer em edificações ou equipamentos de propriedade pública ou privada.

- Uso restrito: Espaços, salas ou elementos internos ou externos que são disponibilizados estritamente para pessoas autorizadas (exemplos: casas de máquinas, barriletes, passagem de uso técnico e espaços similares).

- Símbolos: Representações gráficas que, através de uma figura ou de uma

forma convencionada, estabelecem a analogia entre o objeto ou a informação e sua representação. Todos os símbolos podem ser associados a uma sinalização direcional.

- **Representação:** A indicação de acessibilidade das edificações, do mobiliário, dos espaços e dos equipamentos urbanos deve ser feita por meio do símbolo internacional de acesso. A representação do símbolo internacional de acesso consiste em pictograma branco sobre fundo azul (referência Munsell 10B5/10 ou Pantone 2925 C). Este símbolo pode, opcionalmente, ser representado em branco e preto (pictograma branco sobre fundo preto ou pictograma preto sobre fundo branco), conforme figura 75, a figura deve estar sempre voltada para o lado direito.

Figura 75 - Símbolo internacional de acesso



Fonte: <sup>84</sup>NBR 9050 de 2015.

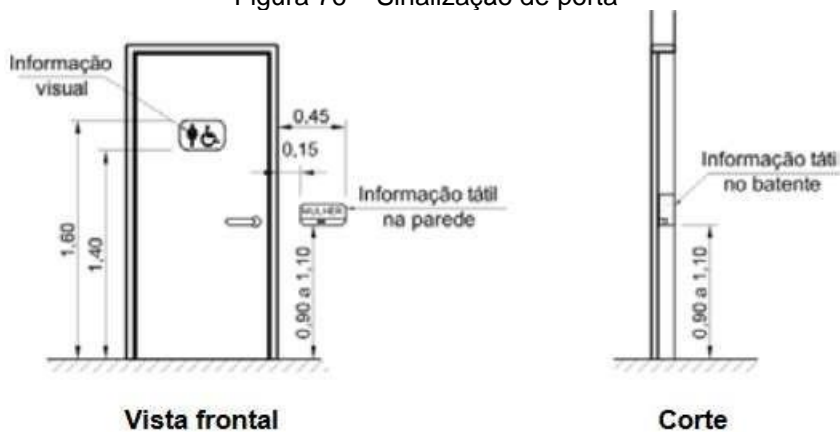
- **Sinalização tátil:** A sinalização tátil vertical deve atender aos requisitos de espaçamento, proporção e altura do texto, acabamento e contraste, conforme 5.6. Os símbolos em relevo devem ser instalados entre 1,40 m e 1,60 m do piso. A sinalização vertical em Braille ou texto em relevo deve ser instalada de maneira que a parte inferior da cela Braille ou do símbolo ou do texto esteja a uma altura entre 0,90 m e 1,10 m do piso. A sinalização vertical deve ter a respectiva correspondência com o piso tátil.

- **Sinalização de portas:** Nas portas deve haver informação visual (número da sala, função etc.) ocupando área entre 1,40 m e 1,60 m do piso, localizada no centro da porta ou na parede adjacente, ocupando área a uma distância do batente entre 15 cm e 45 cm. A sinalização tátil (em Braille ou texto em relevo) deve ser instalada nos

<sup>84</sup> Fonte: NBR 9050 de 2015. Obtido no dia 29 jul. 2017

batentes ou vedo adjacente (parede, divisória ou painel), no lado onde estiver a maçaneta, a uma altura entre 0,90 m e 1,10 m, conforme figura 76.

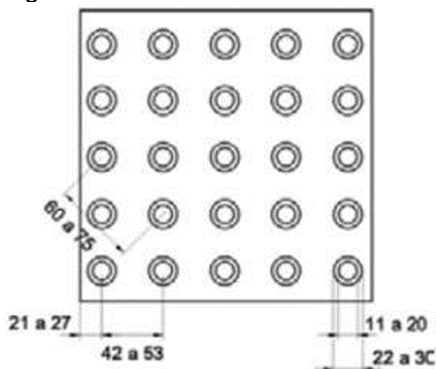
Figura 76 – Sinalização de porta



Fonte: NBR 9050 de 2015.

- Sinalização tátil de alerta: A textura da sinalização tátil de alerta consiste em um conjunto de relevos tronco-cônicos conforme tabela 1, dispostos conforme figura 77, a modulação do piso deve garantir a continuidade de textura e o padrão de informação.

Figura 77 – Dimensão em milímetros



Fonte: NBR 9050 de 2015.

Sinalização tátil direcional:

- A sinalização tátil direcional deve:
- Ter textura com seção trapezoidal, qualquer que seja o piso adjacente;
- Ser instalada no sentido do deslocamento;
- Ter largura entre 20 cm e 60 cm;
- Ser cromo, diferenciada em relação ao piso adjacente.

Tabela 3 – Dimensão do piso tátil de alerta

	Mínimo mm	Máximo mm
Diâmetro de base do relevo	22	30
Distância horizontal entre centros de relevo	42	53
Distância diagonal entre centros de relevo	60	75
Altura do relevo	Entre 3 e 5	
NOTA Distância do eixo da primeira linha de relevo até a borda do piso = 1/2 distância horizontal entre centros. Diâmetro do topo = 1/2 a 2/3 do diâmetro da base.		

Fonte: NBR 9050 de 2015.

- **Inclinação transversal:** A inclinação transversal de calçadas, passeios e vias exclusivas de pedestres não deve ser superior a 3%. Eventuais ajustes de soleira devem ser executados sempre dentro dos lotes.

- **Inclinação longitudinal:** A inclinação longitudinal de calçadas, passeios e vias exclusivas de pedestres deve sempre acompanhar a inclinação das vias lindeiras. Recomenda-se que a inclinação longitudinal das áreas de circulação exclusivas de pedestres seja de no máximo 8,33% (1:12).

- **Inclinação:** Calçadas, passeios e vias exclusivas de pedestres que tenham inclinação superior a 8,33% (1:12) não podem compor rotas acessíveis.

- **Dimensões mínimas de faixa livre:** Calçadas, passeios e vias exclusivas de pedestres devem incorporar faixa livre com largura mínima recomendável de 1,50 m, sendo o mínimo admissível de 1,20 m e altura livre mínima de 2,10 m.

- **Sinalização e tipos de vagas:** As vagas para estacionamento de veículos que conduzam, ou seja, conduzidos por pessoas com deficiência devem:

- Ter sinalização horizontal.

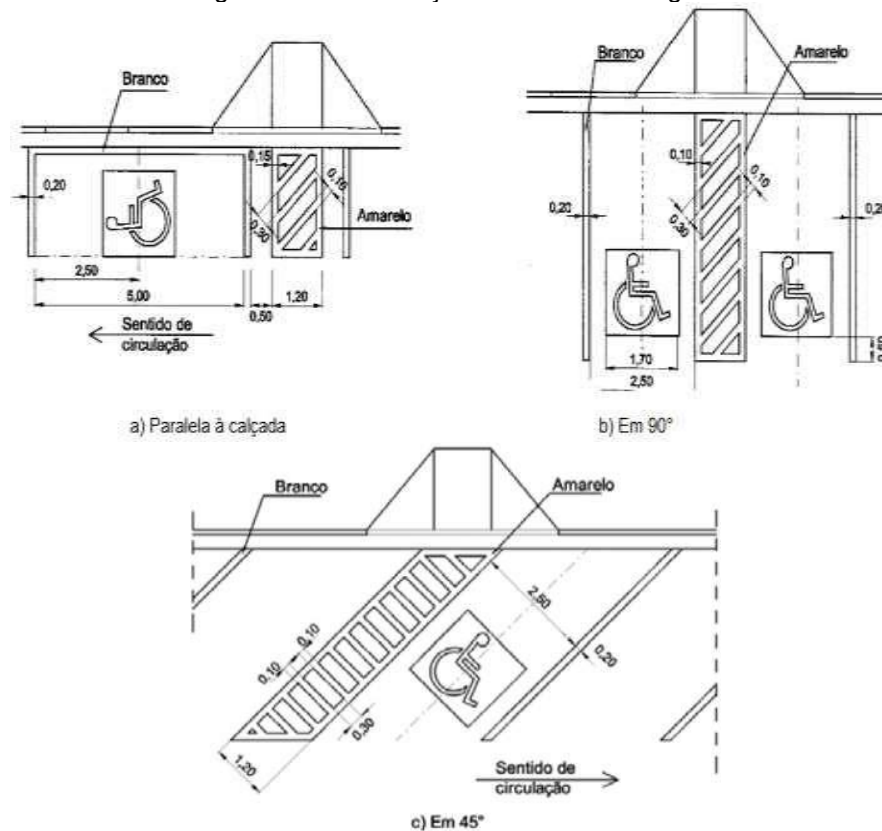
- Contar com um espaço adicional de circulação com no mínimo 1,20 m de largura, quando afastada da faixa de travessia de pedestres. Esse espaço pode ser compartilhado por duas vagas, no caso de estacionamento paralelo, ou perpendicular ao meio fio, não sendo recomendável o compartilhamento em estacionamentos oblíquos;

- Ter sinalização vertical para vagas em via pública, e para vagas fora da via pública.



- Quando afastadas da faixa de travessia de pedestres, conter espaço adicional para circulação de cadeira de rodas e estar associadas à rampa de acesso à calçada;
- Estar vinculadas a rota acessível que as interligue aos polos de atração;
- Estar localizadas de forma a evitar a circulação entre veículos (ver figura 78).

Figura 78 - Sinalização horizontal de vagas.

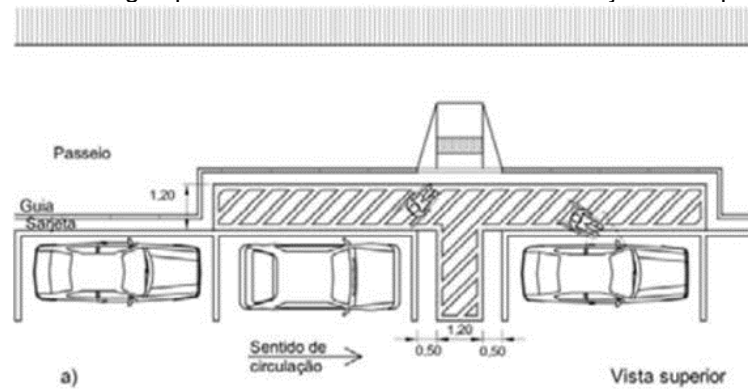


Fonte: NBR 9050 de 2015.

Outros tipos de vagas: Podem ser ainda previstas providências adicionais, como:

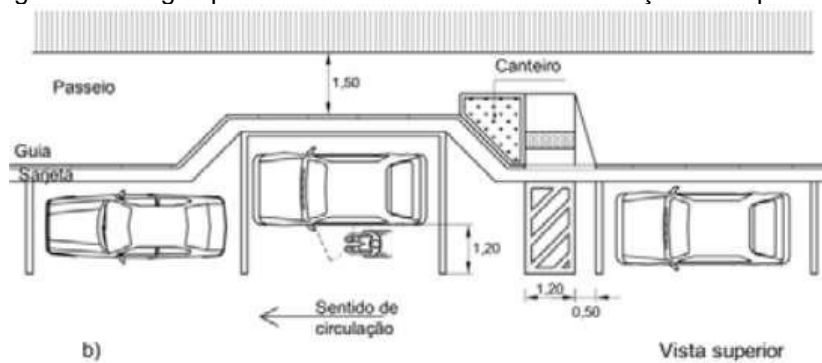
- Construção de baia avançada no passeio se a largura deste e o volume de pedestres permitirem (figura 79 e 80);
- Rebaixamento total do passeio junto à vaga, conforme figura 81, observando que a área rebaixada coincida com a projeção da abertura de porta dos veículos.

Figura 79 - Vagas para estacionamento em baias avançadas no passeio.



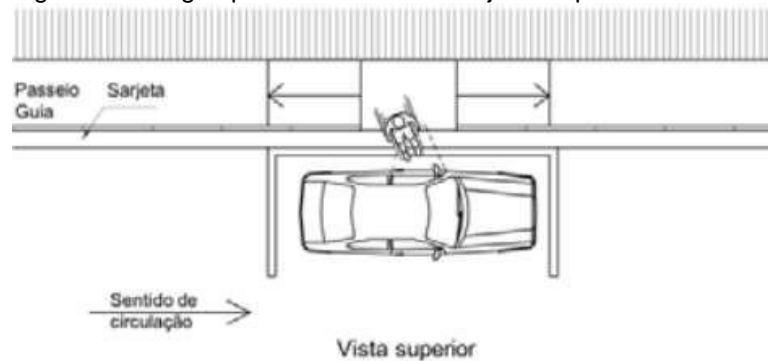
Fonte: NBR 9050 de 2015.

Figura 80 - Vagas para estacionamento em baias avançadas no passeio.



Fonte: NBR 9050 de 2015.

Figura 81 - Vagas para estacionamento junto a passeio rebaixado



Fonte: NBR 9050 de 2015.

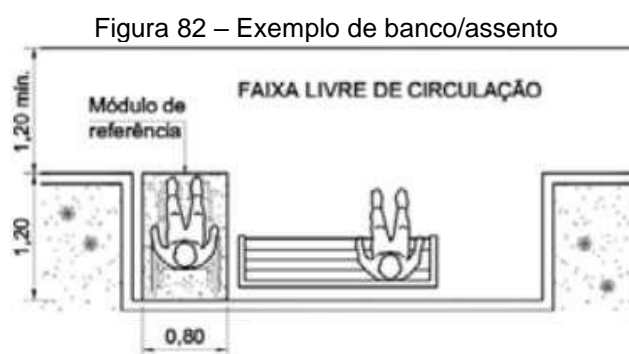
Previsão de vagas: O número de vagas para estacionamento de veículos que conduzam, ou seja, conduzidos por pessoas com deficiência deve ser estabelecido conforme tabela 4.

Tabela 4 - Vagas em estacionamento

Número total de vagas	Vagas reservadas
Até 10	-
De 11 a 100	1
Acima de 100	1%

Fonte: NBR 9050 de 2004.

Assentos fixos: Ao lado dos assentos fixos em rotas acessíveis deve ser garantido um M.R., sem interferir com a faixa livre de circulação, conforme figura 82. Este espaço deve ser previsto ao lado de pelo menos 5%, com no mínimo um do total de assentos fixos no local. Recomenda-se, além disso, que pelo menos outros 10% sejam adaptáveis para acessibilidade.



**Vista superior**

Fonte: NBR 9050 de 2015.

#### 4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Atualmente as pessoas procuram as praças e parques para terem em seu final de semana um lazer perto de suas casas e de qualidade, esse projeto tem intuito de promover um espaço que o público possa levar suas famílias para desfrutarem da paisagem, seus filhos se divertirem, também um encontro para uma “roda de bate-papo” entre amigos, caminhar, onde eventos tanto como religioso ou festas em modo geral possam ser realizados de maneira segura, atendendo todas as áreas de lazer e idades.

**Nome do Empreendimento:** Complexo Turístico Parque do Jandiá

**Dados Gerais sobre o empreendimento:** o Complexo Turístico é composto por compartimentos diversificados nos setores sociais, comerciais e administrativos como bares, quiosques, banheiros, parquinho, quadra de esportes trapiches e entre outros, oferecendo conforto e qualidade através do estudo de técnicas de materiais adequados a região. O Complexo ocupa um terreno de 1,816.54 m<sup>2</sup> (Figura 83).

Figura 83 – Medidas do terreno



Fonte:<sup>85</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

**Dados sobre o usuário:** Será planejado para atender ao público em geral, que requer agilidade, qualidade e segurança. A proposta é voltada para todas as classes sociais, oferecendo acessibilidade, onde cada espaço do complexo proporcionará sofisticação, funcionalidade, conforto, além da interação com a natureza.

**Composição do Parque do Jandiá:** O projeto é pensado de forma a atender a necessidade de esportes e lazer dos usuários, além de ofertar serviços secundários como: alimentação, descanso e segurança.

**Setor de serviço:** Posto policial, estacionamento carro, estacionamento moto, ponto de táxi, acessos, bloco de banheiro, vestiário masculino, vestiário feminino.

**Setor Comercial:** Quiosques, ambulantes, Vestiário masculino, vestiário feminino.

**Setor Administrativo:** Vestiário masculino, vestiário feminino, sala de som, copa, depósito, administração da FAF (Federação Amapaense de Futlrama).

O setor social terá um grande conforto natural de ventilação e insolação e sombreamento através de coberturas e arborização, atendendo todos os públicos atendendo o necessário para um projeto de qualidade. A seguir a tabela 4 apresentando o programa de necessidades do complexo turístico.

<sup>85</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco. Medidas feitas através de mapa, no dia 29 jul. 2017.

Tabela 5 - Tabela de setorização e pré-dimensionamento do Parque do Jandιά.

	AMBIENTE	QTD.	DESCRIÇÃO	ÁREA (M <sup>2</sup> )
AVAP	Copa	1	Área de descanso (func.)/preparo de alimentos/armazenamento de materiais	8,86 m <sup>2</sup>
	Lavabo	1	Higiene	3,05 m <sup>2</sup>
	Depósito	1	armazenamento de materiais	11,30 m <sup>2</sup>
	Loja	1	Vendas de materiais	17,89 m <sup>2</sup>
	Sala de espera	1	aguardar	7,42 m <sup>2</sup>
	Atendimento	1	Informar, orientar e auxiliar	7,71 m <sup>2</sup>
FAF	Copa	1	Área de descanso (func.)/preparo de alimentos/armazenamento de materiais	9,84 m <sup>2</sup>
	Lavabo	1	Higiene	2,56 m <sup>2</sup>
	Vestiário	1	necessidades/troca de roupa de funcionários	7,32 m <sup>2</sup>
	Sala de espera	1	aguardar	10,90 m <sup>2</sup>
	Atendimento	1	Informar, orientar e auxiliar	11,26 m <sup>2</sup>
LAZER	Playground	1	Brinquedos infantis para o lazer	300 m <sup>2</sup>
	Palco	1	Pratica de eventos diversos	61,89 m <sup>2</sup>
	Quadra Poliesportiva	2	Pratica de esportes	535 m <sup>2</sup>
	Mirante	2	Contemplar a paisagem	6,35 m <sup>2</sup>
	Academia ao ar livre	1	Pratica de exercícios físicos	73,71 m <sup>2</sup>
	Cozinha do Quiosque	2	Preparo de alimentos/armazenamento de materiais	34,91 m <sup>2</sup>
	Vestiário Masculino	2	necessidades/troca de roupa de funcionários	3,25 m <sup>2</sup>
	Vestiário Feminino	2	necessidades/troca de roupa de funcionários	3,47 m <sup>2</sup>
	Depósito	2	armazenamento de materiais	4,06 m <sup>2</sup>
	Circulação	2	acesso	12,65 m <sup>2</sup>
	Banheiro Feminino	5	necessidades	5,60 m <sup>2</sup>
	Banheiro Masculino	5	necessidades	5,60 m <sup>2</sup>
	Banheiro PNE	5	necessidades	4,30 m <sup>2</sup>
	Estacionamentos	29	parada de veículo	12,50 m <sup>2</sup>
ÁREA TOTAL			1.161,49 m <sup>2</sup>	

Fonte: <sup>86</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

<sup>86</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 8 de Agosto de 2017.

#### 4.4.1 Organograma

Para o estudo preliminar da proposta de revitalização do Complexo Turístico, foi realizada a elaboração de diagramas visando a idealização dos espaços. Objetivando melhor interação entre os ambientes e os espaços, assim compreender a circulação e acessos, utilizou-se da setorização, conexão, estudo de fluxos nos ambientes do parque.

No diagrama a seguir destaca-se os ambientes, suas conexões, espaços de circulação, acessos e todos setorizados de acordo com a legenda. Visando também facilitar no momento da elaboração do projeto, para que a partir dele os espaços sejam pensados de forma organizada e setorizada (Figura 84).

Figura 84 - Organograma do Parque do Jandiá.



Fonte: <sup>87</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

<sup>87</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco, 2017. Produzido por mim no dia 8 ago. 2017.

#### 4.4.2 Partido

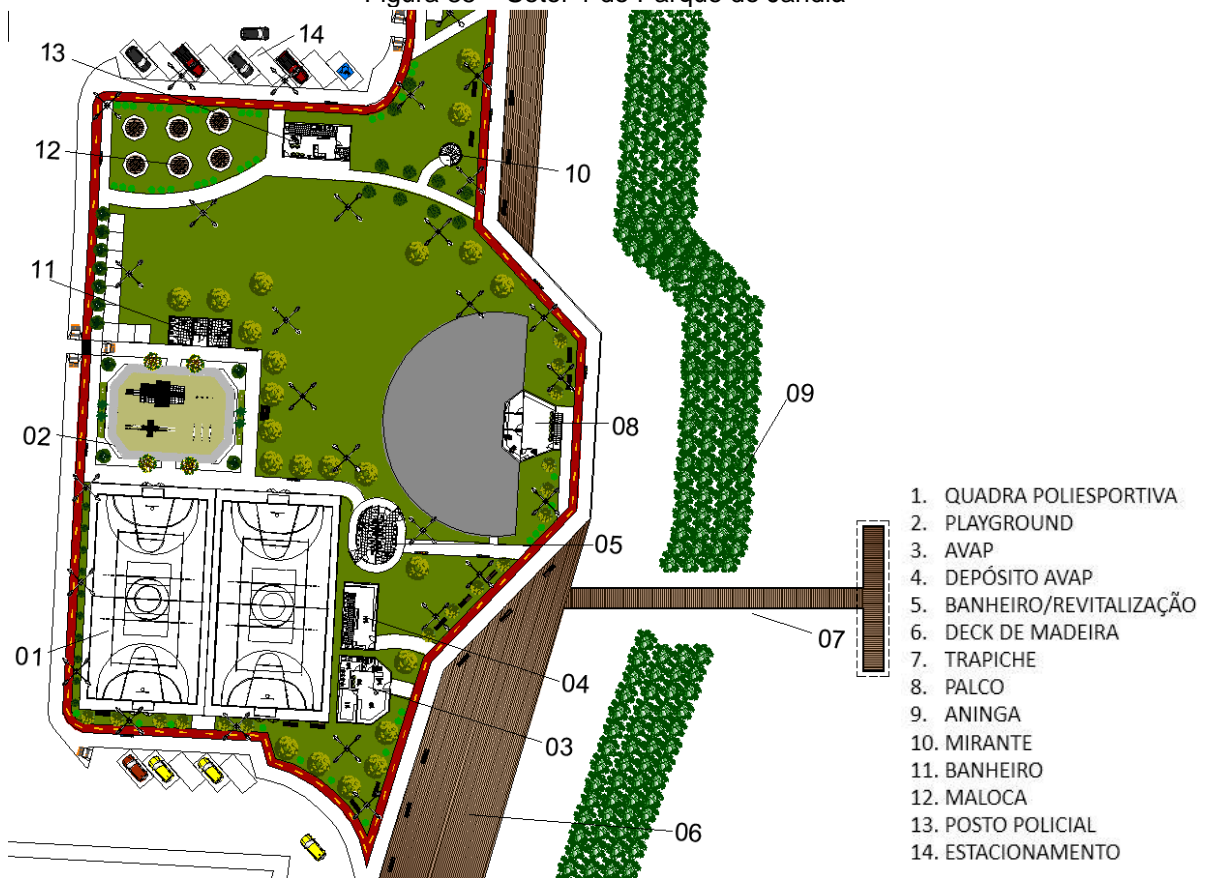
Tendo em vista a tipologia de projeto (Regional e Revitalização) para o desenvolvimento do trabalho ao longo do curso, optou-se por desenvolver uma revitalização com novas funcionalidades no Complexo Turístico Parque do Jandiá, aproveitando o espaço já existente na cidade (onde encontra-se o Parque do Jandiá) e propondo novos ambientes e edificações para atender as necessidades da região bem como promover uma maior integração da mesma com o entorno. A concepção do partido divide-se em três (3) partes: arquitetônico, paisagístico e urbano.

Arquitetônico: através do conceito de arquitetura Regional e de Revitalização, buscou-se utilizar materiais da região como a madeira para compor algumas partes da estrutura das edificações. Dividida em três (3) setores, o novo Parque do Jandiá possui o mesmo formato em questão ao terreno, porém com novas funções, setorizados de acordo com as necessidades. No primeiro setor localizado no sul do terreno está presente o acesso a duas quadras poliesportivas para atender a comunidade em questão ao esporte.

Um palco próximo ao rio com intuito de múltiplos eventos como shows, festividade religiosa e entre outros; o centro da AVAP (Associação dos Velejadores do Amapá) terá um bloco próximo ao rio facilitando o acesso ao mesmo; playground para o lazer das crianças da comunidade e das proximidades; posto policial para a segurança do complexo e da proximidade do mesmo; baterias de banheiros masculino, feminino e uma banheiro P.N.E; dois quiosques; áreas reservadas aos ambulantes; mirante, que entra na área da revitalização, tudo com a visão de atender a demanda do público; trapiche coberto para apreciação da paisagem; e grande deck de madeira (figura 85).



Figura 85 – Setor 1 do Parque do Jandιά

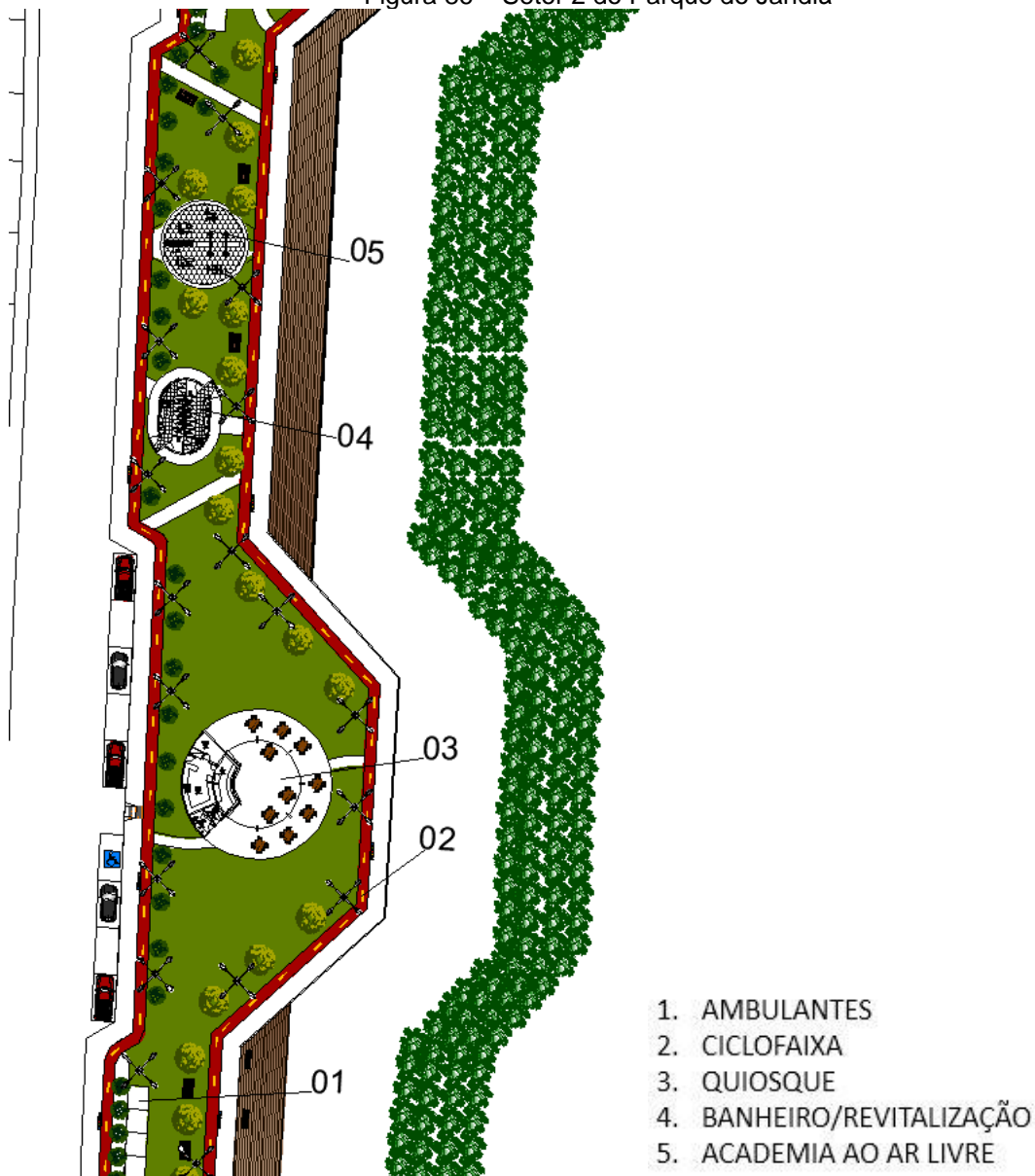


Fonte: <sup>88</sup>ROCHA, Lucas Pacheco, 2017.

No setor central do complexo possui um quiosque centralizado com vista para o rio Amazonas, onde o mesmo será uma revitalização; bateria de banheiros tanto masculino como feminino e um P.N.E; deck de madeira; passeio confortável; ciclo faixa; academia ao ar livre para a prática de exercícios, com ótima ventilação e sombreamento no seu entorno; e por fim áreas reservadas a ambulantes (ver figura 86).

<sup>88</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 10 ago. 2017.

Figura 86 – Setor 2 do Parque do Jandιά



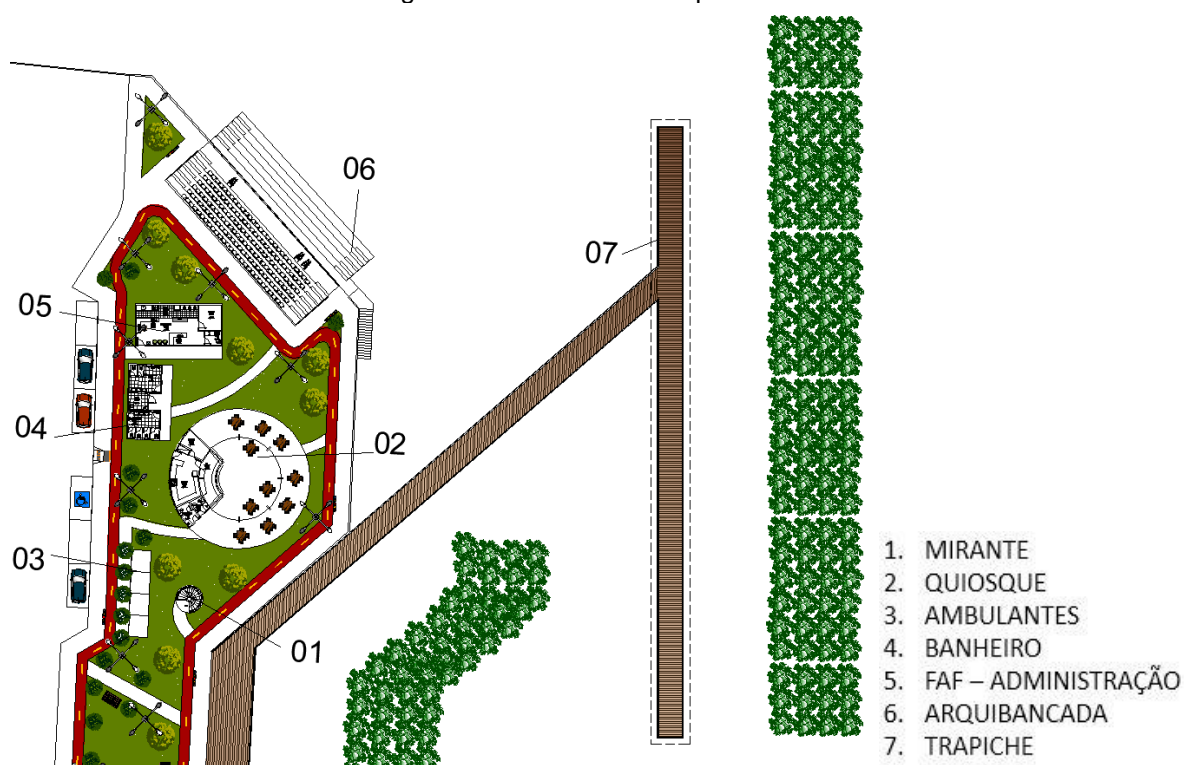
Fonte: <sup>89</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

No terceiro setor, localizado na parte norte do complexo possui uma área mais voltada ao esporte, com centro administrativo a FAF (Federação Amapaense de Futlma) para melhor controle de materiais, organização dos campeonatos e entre outros; terá uma arquibancada para os jogos em estrutura metálica coberta e outra mais rebaixada em concreto locada dentro da praia; deck de madeira; trapiche coberto que também serve como arquibancada para os jogos; área reservada para ambulantes; mirante; bateria de banheiro para o sexo masculino e feminino com P.N.E centralizado entre eles; e um quiosque, hoje existente, a ser revitalizado,

<sup>89</sup> *idem*.

apresentada na figura 87.

Figura 87 - Setor 3 do Parque do Jandia



Fonte: <sup>90</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

Todo o Complexo tem um passeio para pedestres; área para a ciclista com ciclo faixa; passeio com arborização média para sombreamento no trecho dos ambulantes. Todos os acessos são acessíveis para pessoas com deficiência, assim que se chegam ao passeio todos os ambientes tem o mesmo nível para facilitar a circulação. O complexo é coberto por bancos de madeira; iluminação com adequações para cada setor e ambiente; lixeiras; hidrantes; arborização de grande e pequeno porte; áreas com vegetação rasteira e grama baixa para provocar interação social como piqueniques; estacionamento cercado quase todo o complexo para poder atender a demanda (figuras 88 e 89).

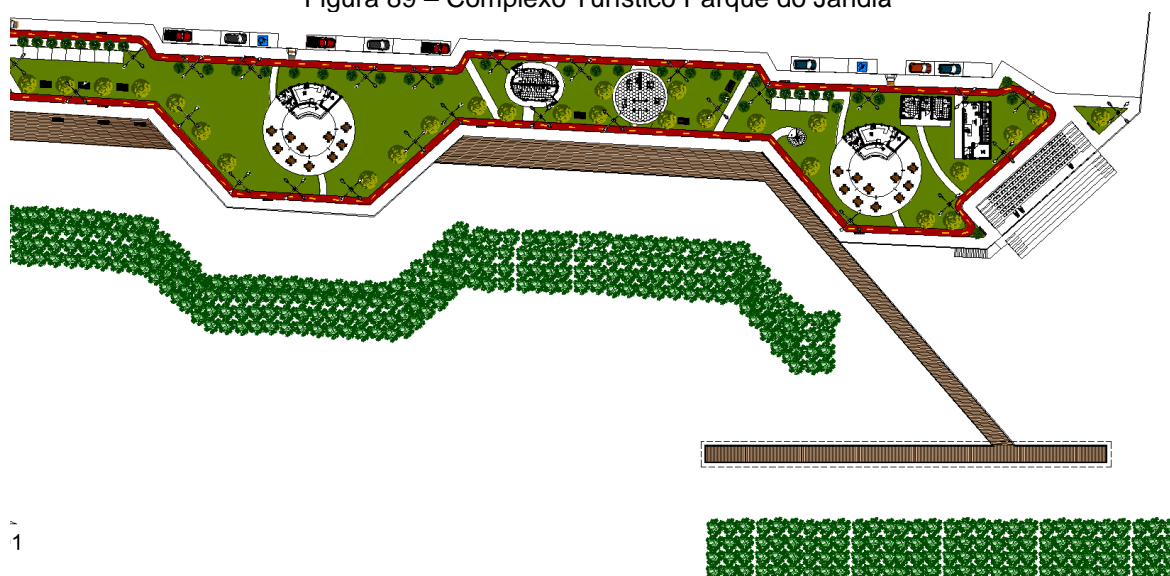
<sup>90</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 10 ago. 2017

Figura 88 – Complexo Turístico Parque do Jandiá



Fonte: <sup>91</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

Figura 89 – Complexo Turístico Parque do Jandiá



Fonte: <sup>92</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

<sup>91</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 10 ago. 2017.

<sup>92</sup> *idem*

E por fim para evitar as fortes ondas que batem no muro de arrimo que provoca o assoreamento foi pensado em uma barreira de madeira logo na frente do muro e logo mais posteriormente aningas, para diminuir a intensidade das ondas evitando as famosas “pancadas”, para que se chegue à barreira de madeira só para o mesmo neutralizar o resto das ondas (Ver figura 90).

Figura 90 – Defesa contra a maré



Fonte: <sup>93</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.

#### 4.4.3 Muro de Arrimo

O muro de arrimo (conhecido como muro de flexão) é um elemento da construção civil que exige um bom conhecimento técnico para sua perfeita execução. Vale destacar que existem inúmeros tipos de muros de arrimo, cada muro possui suas vantagens e desvantagens. Para definir qual o melhor muro para sua construção é necessário levar em consideração as características do terreno e as construções adjacentes. Antes de indicar os passos para a construção do seu muro é válido esclarecer que as condições do seu terreno e de sua obra são fundamentais para a

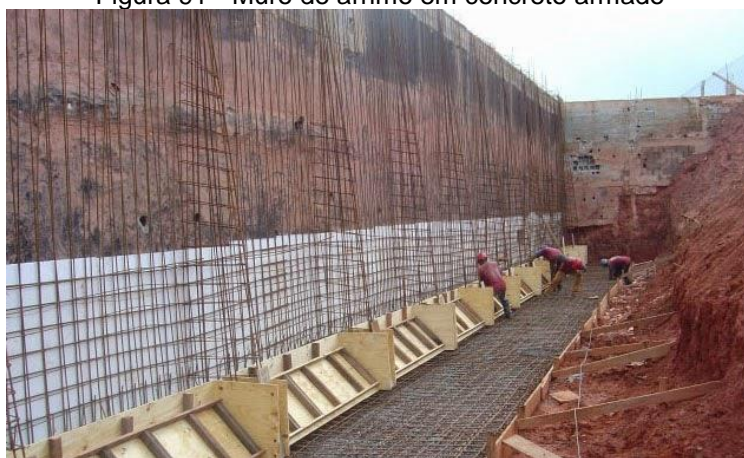
<sup>93</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 10 ago. 2017.



execução do seu muro (figura 91). Por exemplo, você poderá ter um muro de arrimo que servirá para conter um aterro que você pretende executar, ou um muro de arrimo que servirá para conter um talude que foi criado pela execução de um corte na encosta. Isso faz toda diferença na hora de projetar um muro de arrimo.

Para a execução de cortes em encostas é importante ter cuidado com as consequências que poderão surgir com este corte. Antes de fazer qualquer movimentação de terra é recomendável que se procure o auxílio de um profissional.

Figura 91 - Muro de arrimo em concreto armado



Fonte: < <http://3.bp.blogspot.com/concreto%2Barmado.jpg>>, Acesso em: 04 jan. 2018.

O primeiro passo para a execução de um bom muro de arrimo de concreto armado é o desenvolvimento do projeto. Para isso é necessário que você contrate um engenheiro civil que desenvolverá o projeto ideal para sua obra, da qual deverá fornecer a geometria do muro, os materiais a serem utilizados, cuidados na execução e indicação da drenagem a ser adotada. O segundo passo para se fazer um muro de arrimo é o corte na encosta. Este corte deve ser planejado para que não ocorra nenhum tipo de incidente e não cause danos nas edificações da vizinhança. Em seguida o próximo passo é escavar a base do muro de arrimo, que também é chamada de sapata. Esta base é responsável por dar o equilíbrio necessário ao muro de arrimo. A execução correta da base é fundamental para que não ocorra nenhum tipo de problema de estabilidade durante a vida útil do muro de arrimo.

Em seguida lança-se uma camada de concreto magro com espessura de pelo menos 5 centímetros. Esta camada de concreto magro servirá para criar uma superfície uniforme e limpa para montagem das armaduras e futura concretagem. Esta camada de concreto magro pode ser trocada por uma camada de brita, entretanto,

esta camada deve ser muito bem umedecida antes da concretagem. As armações da sapata deverão ser montadas conforme indicação do projeto e são responsáveis por resistir aos esforços de tração que ocorrerem durante a vida útil do muro de arrimo. Neste momento é importante também montar as armaduras que farão a conexão da base com a parede do muro de arrimo. Em seguida deverá ser montada as formas da sapata do muro de arrimo. Esta forma é normalmente executada em tábua de madeira e tem como objetivo conter o concreto e dar a forma correta à base do muro. A concretagem da base do muro poderá ser feita utilizando concretando feito na obra ou concreto usinado. O concreto deverá ser bem vibrado, para que não surja brocas ou qualquer outro tipo de patologia no futuro.

É comum utilizar dois tipos de drenagem em muros de arrimo de concreto armado. Uma delas é muito simples, que é o uso de barbacãs, que são pequenos tubos de PVC posicionados ao longo da parede do muro com intuito de eliminar a água por meio destes pequenos furos. Outra forma é por meio da utilização de um tubo de drenagem entre a parede e a encosta, envolto em material granular e protegido por uma manta geotêxtil. Este tubo conduzirá a água drenada até um sistema de drenagem pluvial. Em seguida a parede do muro deverá ser concretada. Um cuidado fundamental é com a altura de lançamento do concreto, caso a parede do muro tenha uma altura elevada é necessário tomar cuidados para que o concreto não segregue e perca qualidade durante a concretagem. Caso o seu muro seja executado com objetivo de conter um aterro esta é a última fase da sua obra. Você deverá executar o aterro e compacta-lo conforme a indicação de um profissional.

#### 4.5 MEMORIAL JUSTIFICATIVO

O Parque do Jandiá tem como objetivo integrar a comunidade com o meio ambiente, onde podem se conectar com a natureza e desfrutar dos equipamentos urbanos aplicados para lazer, esporte e apreciação, onde o mesmo atende todas as necessidades para que a população do entorno e turistas possam desfrutar da forma mais tranquila possível. A ideia principal do parque é a revitalização, criação de novas arquiteturas, exercer uma economia que gere renda local e o elemento paisagístico como integração. Sobre a revitalização, os ambientes que foram mantidos são

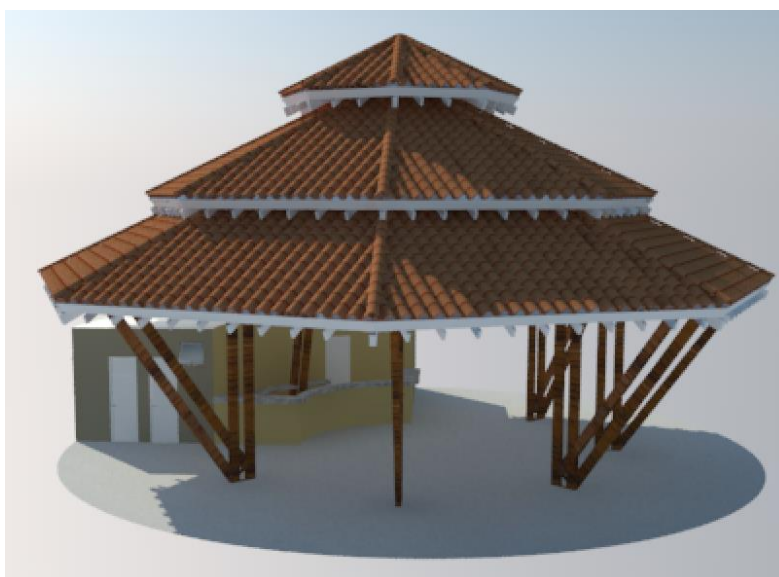


características importantes do espaço como os quiosques em frente ao rio, o mirante para a apreciação e o palco de concha acústica para eventos, e em relação as novas arquiteturas, foram implantadas para que melhorem o espaço e que atenda toda a necessidade do público com uma aplicação paisagística para que os visitantes tenham um contato mais próximo com a natureza.

- **Revitalização**

As arquiteturas para a revitalização foram mantidas para não perder a característica original do parque de quando foi construído, que se elenca em quiosques, mirante, banheiro e o palco. Os quiosques apresentados na (figura 92) foram mantidos por motivo histórico no local, como um dos pontos focais do espaço, situado em ponto estratégico no parque que fica em frente ao rio Amazonas para a apreciação da paisagem e da ótima ventilação, onde irá ser reutilizado por comerciantes da comunidade para ter uma utilização frequente sem abandono do local, foram mantidos 2 de quiosques com base na estimativa de comerciantes dispostos a utilizar o ambiente.

Figura 92 – Quiosque revitalização



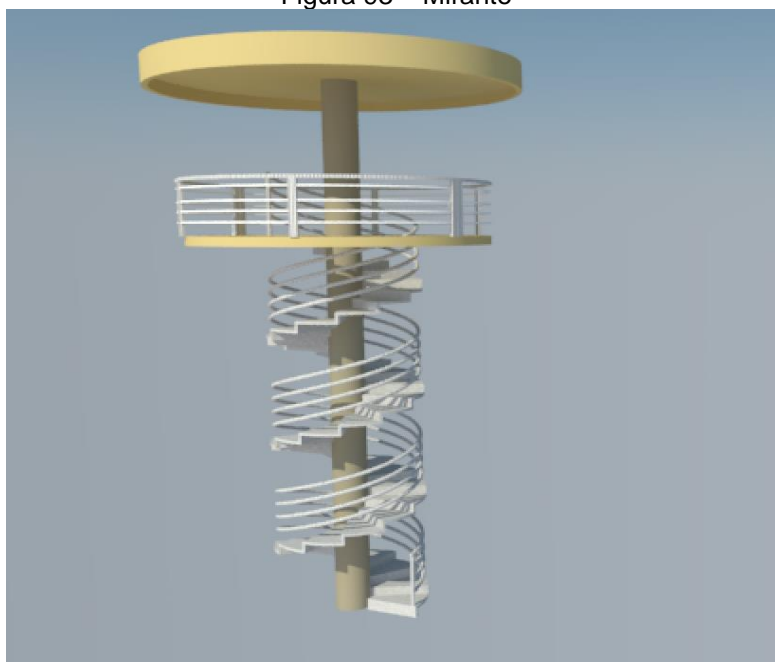
Fonte: <sup>94</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018.

---

<sup>94</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017.apenas uma representação, produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

O mirante permaneceu por conta de seu forte ponto de apreciação do espaço, dele pode-se ver o horizonte em 360° com uma noção do espaço ao seu redor, além de admirar a paisagem e com uma ventilação intensa e refrescante, é uma marca da praça, pois é a arquitetura de maior porte no local, e está localizado no centro do Parque do Jandiá como o eixo do mesmo, um pilar central (figura 93), além de ser lembrado em todas as entrevistas feitas sobre pontos marcantes do parque.

Figura 93 – Mirante



Fonte: <sup>95</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018.

Os banheiros foram mantidos, mas por uma escolha particular, estão aplicados em outro ponto do parque, não permanecendo em sua posição de origem, foram feitos banheiros idênticos para não perder sua estética original, pois é um estilo de arquitetura diferenciada em quesito a banheiros de parques. Um deles possui uma forma oval, onde um lado é banheiro feminino e o outro masculino, com balancins em fitas ainda por cima curvos, com uma cobertura em telha de barro seguindo a estética da arquitetura apresentada na figura 94.

---

<sup>95</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

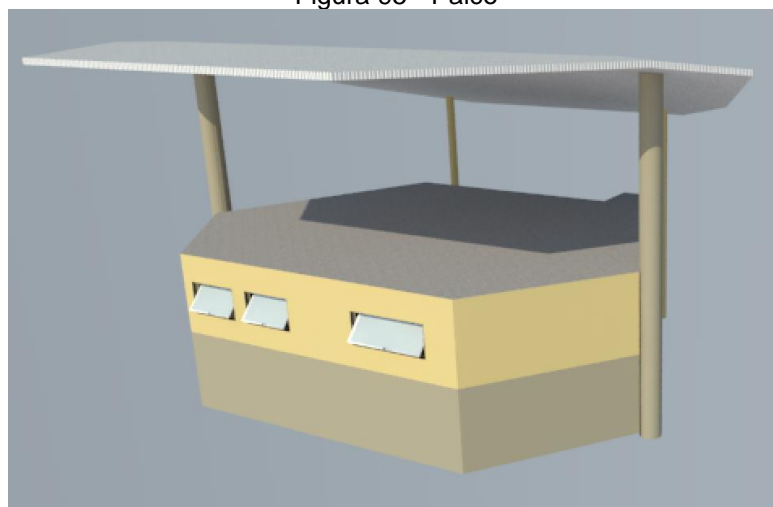
Figura 94 – Banheiro revitalização



Fonte: <sup>96</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018.

O palco que está situado na margem do rio Amazonas como o foco principal do primeiro bloco do parque (figura 95), foi mantido por ser um ponto com múltiplas funcionalidades, além de servir como palco para eventos musicais, danças, peças teatrais, serve também para reuniões e palanque político, até para os shows dos eventos anuais como Macapá verão que não ocorre mais pelo parque não atender mais uma estrutura suficiente, o palco também conhecido como concha acústica pela forma de sua arquitetura e da cobertura que emitem os sons de forma adequada para o público.

Figura 95 - Palco



Fonte: <sup>97</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

---

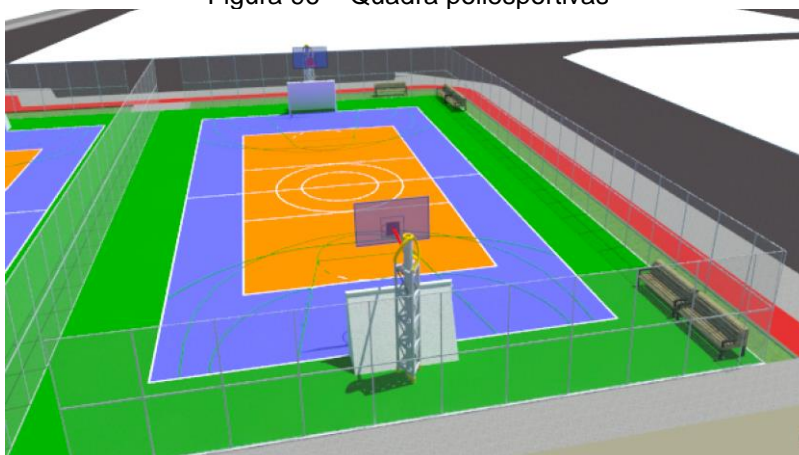
<sup>96</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

<sup>97</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

O projeto não se baseia em apenas revitalizar, mas sim criar novas formas de arquitetura que venha beneficiar a comunidade e a população, e que possa deixar o Parque do Jandiá melhor esteticamente e funcionalmente, atendendo a todos os públicos alvos, tendo blocos de lazer, esporte, segurança, e pontos de comércio em geral como renda econômica para a comunidade. Distribuídos de forma adequada com base em suas necessidades, sendo um parque multifuncional.

Na área do esporte estão como novas arquiteturas duas quadras poliesportivas, situadas na ponta principal do parque e gradeadas por motivo de segurança para os praticantes e os que circulam em seu entorno apresentada na figura 96, a quadra foi um pedido do professor Carlos da Escola Maria Ivone de Menezes, pois o mesmo diz que a quadra do colégio não atende as necessidades para se dar uma aula prática, tanto que ela está interditada a 2 anos, essas duas quadras foram feitas justamente para que não houvesse um congestionamento de praticantes de esporte com apenas uma quadra.

Figura 96 – Quadra poliesportivas



Fonte: <sup>98</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

O prédio da Federação Amapaense de Futlama – FAF foi construído para atender a necessidade de um centro administrativo onde o mesmo não possui um lugar fixo para tal finalidade, onde podem ter um controle dos campeonatos, das organizações de times, das datas de jogos, e entre outros, está locado na extremidade do parque próximo onde os jogos aconteceram para ter um melhor controle e comunicação com os jogos (figura 97). O prédio foi uma exigência do antigo presidente

<sup>98</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

do bairro Luiz Antônio de Figueiredo Brito, para que houvesse novamente o campeonato e que pudesse ter esse setor para administrar o esporte.

Figura 97 – FAF administração



Fonte: <sup>99</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

A Associação dos Velejadores do Amapá – AVAP possuem dois prédios no parque, onde um deles serve como depósito e o outro uma loja, ambos atendendo todas as necessidades, os espaços estão situados em frente à margem do rio para que tenham facilidade ao se chegar ao rio para a prática do esporte, essa associação além da pratica do esporte ensina crianças a velejarem no kitesurf com o intuito de coloca-los no caminho certo mostrando o valor do respeito, da educação, e do comprometimento com suas responsabilidades, na figura abaixo encontrasse a loja AVAP (figura 98).

Figura 98 – Loja AVAP



Fonte: <sup>100</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

<sup>99</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

<sup>100</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

O depósito da AVAP foi construído justamente pensando no armazenamento dos materiais esportivos dos praticantes do kitesurf (Figura 99), onde o mesmo também possui uma copa e um lavabo atendendo todas as necessidades dos velejadores. Foi executado por motivo dos velejadores utilizarem mais de um estabelecimento no Parque do Jandiá de forma improvisada, onde um é utilizado para venda e outro para depósito de seus pertences, com base nesse estudo a AVAP possui dois espaços no parque, com funções distintas e com um conforto apropriado.

Figura 99 – Depósito AVAP



Fonte: <sup>101</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

Em quesito a lazer o parque contém um playground para as crianças, onde foi muito enfatizado a ausência de um parque para as crianças nas entrevistas, em que elas pudessem desfrutar e não se deslocar para tão longe do bairro para se divertirem, esse playground fica localizado quase no centro do primeiro bloco do Parque do Jandiá (figura 100), para que a comunidade tenha um fácil acesso, o mesmo contém bancos em concreto, que auxilia os pais observarem seus filhos. Este banco é cercado por uma mureta paisagísticas de concreto para que tenham uma integração com a natureza e uma boa segurança.

---

<sup>101</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.



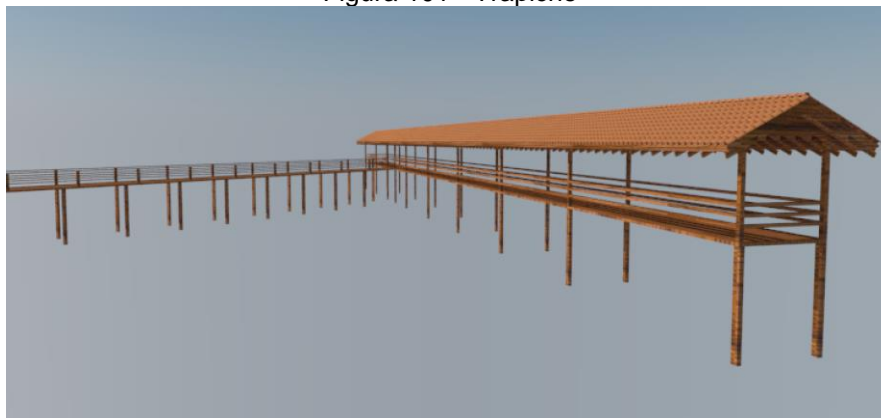
Figura 100 - Playground



Fonte: <sup>102</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

Outra arquitetura aplicada no espaço foram os Trapiches, com o intuito de uma conexão mais próxima ao rio, um ponto de encontros de amigos e famílias, em que o mesmo serve também de arquibancada para apreciação de jogos de futlame e das competições dos velejadores, onde existem dois trapiches, um executado em cada extremidade do parque, para justamente ter esse equilíbrio no local e que tivesse mais um ponto de atração turística. Em cada um dos trapiches o seu ponto de chegada é coberto com telha de barro justamente para não perder a característica do parque em relação as revitalizações, em que suas coberturas são em telhas de barro, isso foi para seguir uma linha de pensamento única nas arquiteturas, uma característica regional (figura 101).

Figura 101 - Trapiche



Fonte: <sup>103</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

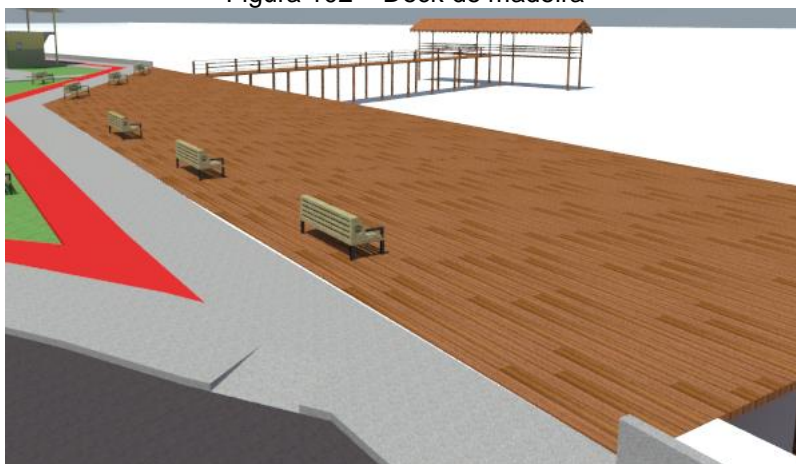
<sup>102</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

<sup>103</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.



Para aumentar a atratividade do local e melhorar sua estética foi imposto decks de madeira para contemplação do espaço (figura 102), para passeios em família e de amigos e entre outras funções que o mesmo pode proporcionar, os decks foram locados em pontos estratégicos e mais de um justamente para atender a demanda de cada bloco do Parque do Jandiá e também com o intuito de se conectar com o ambiente.

Figura 102 – Deck de madeira



Fonte: <sup>104</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

Foi aplicado uma academia ao ar livre para atender a demanda do público atlético apresentado na figura 103, em que atualmente mais pessoas buscam melhoria de vida através do esporte e de exercícios físicos e muitos não têm condições de pagar um estabelecimento para o mesmo, a finalidade da academia é atender as necessidades das pessoas que buscam essa melhoria na saúde e no seu físico, além de proporcionar uma bela vista em seu entorno, um contato com a natureza, uma ventilação natural excelente, elementos importantes para que a pratica dos exercícios sejam mais prazerosos.

---

<sup>104</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

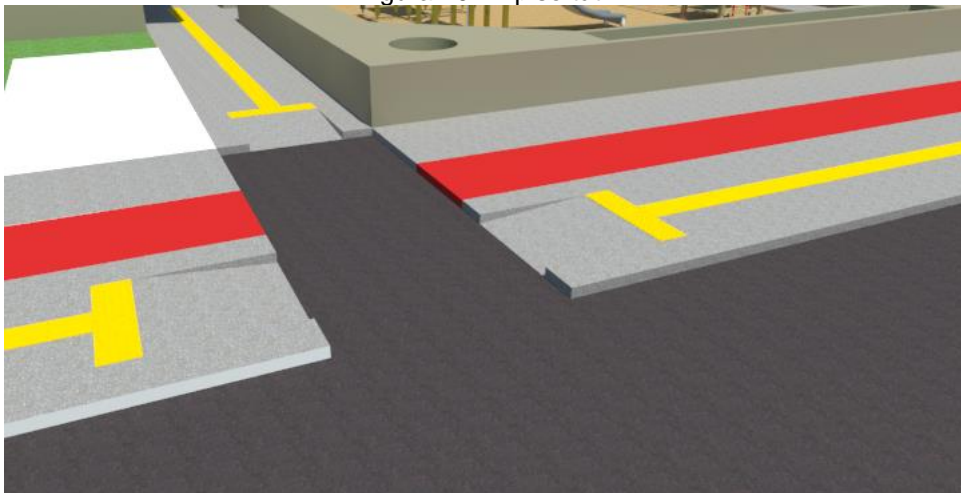
Figura 103 – Academia ao ar livre



Fonte: <sup>105</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

No passeio foi instalado o piso tátil e rampas de acesso para que o mesmo seja transitável a todos os tipos de público (figura 104), onde um dos focos do projeto é integração de todos os tipos de público, o piso tátil foi aplicado em todos os acessos do Parque do Jandιά, desde ao passeio principal que rodeia o mesmo como os acessos de ligação aos estabelecimentos impostos no parque, porque os deficientes visuais tenham a melhor segurança possível ao transitar. As rampas estão locadas nas extremidades e em pontos centrais do parque, porque a população tenha uma vasta opção de acesso.

Figura 104 – piso tátil



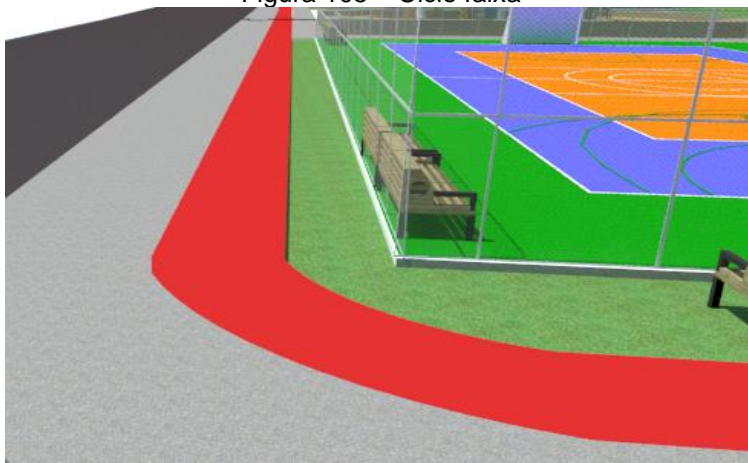
Fonte: <sup>106</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

<sup>105</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

<sup>106</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

O parque agora possui ciclo faixa que cerca o mesmo por toda a sua extensão, para os amantes do ciclismo que podem circular o Parque do Jandiá com segurança aproveitando a paisagem e o clima no decorrer do trajeto, uma aplicação voltada ao lazer e a saúde, a ciclo faixa tem um nível rebaixado comparado ao passeio dos pedestres justamente para não ter conflito de mudança de pista pensando na segurança de todos apresentado na figura 105.

Figura 105 – Ciclo faixa



Fonte: <sup>107</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

Assim como ocorreu a revitalização dos banheiros do parque, também ocorreu a construção de novas baterias de banheiros para atender a demanda do público não só em dias de eventos como Macapá Verão, Shows Regionais, eventos beneficentes e religiosos, mas também por conta dos estabelecimentos econômicos do parque que estão distribuídos no local, onde dois banheiros não atenderiam essa demanda até por conta de suas distancias de alguns pontos. Cada um desses banheiros possui um wc masculino e feminino e um P.N.E no centro suprindo a necessidade de todos, (figura 106).

---

<sup>107</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

Figura 106 Banheiros



Fonte: <sup>108</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

Assim como os banheiros que tiveram uma execução nova além de preservar o antigo, o mirante teve o mesmo método, em que se revitalizou o atual e se criou mais um mirante para que não houvesse um congestionamento de contempladores da natureza assim como turistas, o antigo se manteve em sua localização atual que é na extremidade do bloco central do parque e o novo mirante foi aplicado a extremidade do bloco central em direção ao norte do mesmo, para que houvesse um equilíbrio, em que se possui agora duas torres centrais para apreciação, além de fortalecer uma arquitetura marcante da comunidade citada nas entrevistas (figura 107).

Figura 107 - Mirante novo

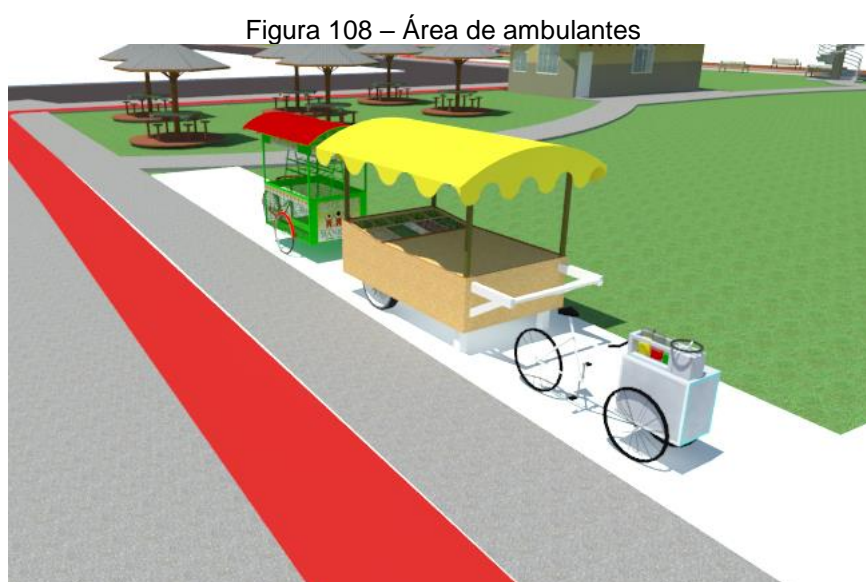


Fonte: <sup>109</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

<sup>108</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

<sup>109</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

Em relação a economia do Parque do Jandiá assim como os quiosques que foram revitalizados para não se perder a renda local, foi executado também pontos reservados a ambulantes, para que a economia local se fortaleça ainda mais e que gere renda para a comunidade, principalmente em grandes eventos, que possa alavancar as vendas deixando o ponto como uma renda fixa. O espaço reservado foi projeto de forma que não atrapalhasse a circulação dos pedestres, ciclistas, automóveis e entre outros, tudo foi pensado para que tenha segurança e uma boa circulação para todos, os pontos dos ambulantes estão locados todos os blocos do parque, uma bateria em cada setor, são lugares reservados para que não houvesse invasão em espaços impróprios como em calçadas, beirada de rua e entre outros, apresentado na figura 108.



Fonte: <sup>110</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

Foi construído um pequeno posto policial no parque para deixar o espaço e os visitantes mais seguros e com confiança para aproveitarem o mesmo, onde se posto policial foi aplicando pensando na justificativa dos moradores que se sentiam inseguros no local, pois só havia uma guarita pequena que comportava 3 guardas, algo que não supria o tamanho do parque como um todo, e com isso a comunidade não podendo aproveitar o espaço que possuem em frente de suas residências. O

<sup>110</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.



posto possui uma área de atendimento, copa, lavabo e vestiário para atender s necessidades dos agentes de polícia. (figura 109).

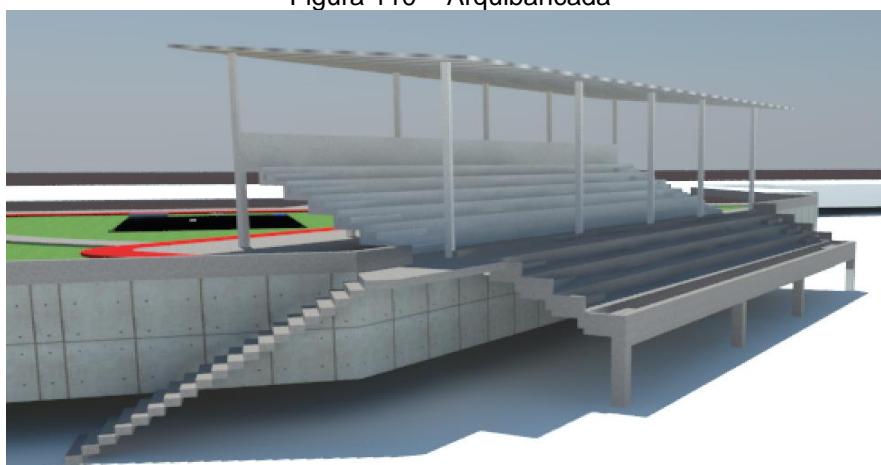
Figura 109 – Posto policial



Fonte: <sup>111</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

O parque agora possui uma arquibancada para os jogos do Futlama, uma em estrutura metálica e outra em concreto aplicada na margem do parque (figura 110) pois antigamente o parque possuía uma arquibancada de madeira quando tinha os jogos e era muito frequentada pelos torcedores dos times e como o parque do jandiá está estruturado para receber os jogos novamente, o mesmo pedia uma arquibancada nova e construída de forma correta para que atenda às necessidades do público.

Figura 110 – Arquibancada



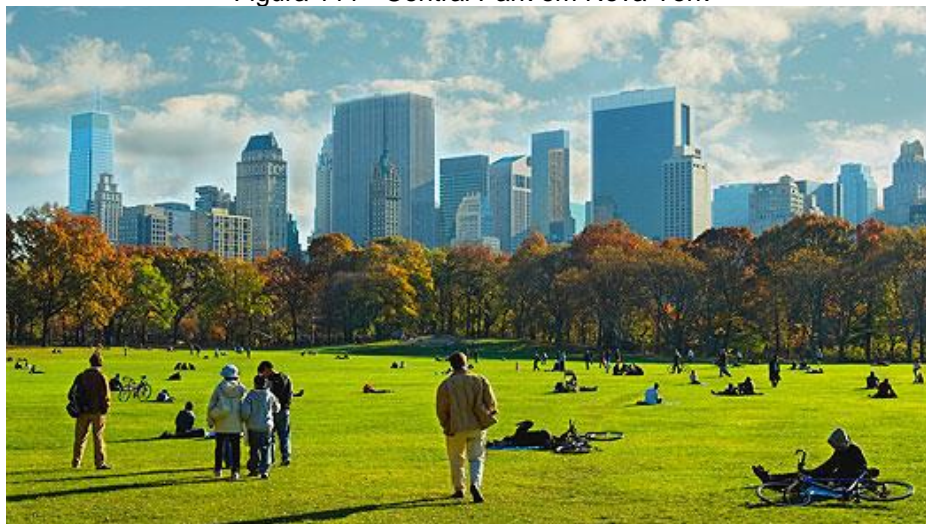
Fonte: <sup>112</sup>ROCHA, Lucas Pacheco – 2018

<sup>111</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

<sup>112</sup> Fonte: ROCHA, Lucas Pacheco – 2017. Produzido por mim no dia 22 jan. 2018.

O projeto para o Parque do Jandiá não se aplica somente a arquitetura, mas também no paisagismo que será um dos pontos principais para uma melhoria estética e funcional para o espaço, onde o paisagismo foi aplicado em toda sua extensão, com vasta aplicação de vegetação distinta, onde cada uma terá uma funcionalidade específica para cada região do parque. O paisagismo do Jandiá possui uma vegetação rasteira, onde a população possa transitar, fazer piqueniques, curtir momentos de lazer com a família, amigos e entre outros motivos, assim como ocorre em grandes parques, igual ao Central Park em Nova York (figura 111), essa vegetação está aplicada em todo o parque, que serve também como ponto de filtração da água da chuva.

Figura 111 - Central Park em Nova York



Fonte:

[http://content.time.com/time/travel/cityguide/article/0,31489,1843404\\_1843415\\_2114553,00.html](http://content.time.com/time/travel/cityguide/article/0,31489,1843404_1843415_2114553,00.html)

Em todo o perímetro do parque existem vegetação de médio e grande porte que possuem duas funções no mesmo, que são sombrear e melhorar a ventilação do local, porém há variações de espécies, onde cada uma está localizada no espaço de forma estratégica, como as Oiti (*Licania tomentosa*) e Pau-fava (*Senna macranthera*) (figura 112 e 113), onde a Oiti acompanha as curvas sinuosas do passeio e do entorno do parque do Jandiá, e a Pau-fava é a que percorre área do playground.



Figura 112 e 113 – Espécies Oiti – *Licania tomentosa* e Pau-fava – *Senna macranthera*



Fonte: <https://www.google.com.br/search?...>

#### 4.6 MEMORIAL DESCRITIVO

##### • ARBORIZAÇÃO<sup>113</sup>

1. **Alfeneiro** (*Ligustrum lucidum*): De 7 à 10 metros de altura. De fácil cultivo é tolerante a poluição, solos pobres, Aceita bem até podas drásticas, podendo ser modificado seu formato e tamanho. Gosta de clima quente à ameno.



2. **Oiti** (*Licania tomentosa*). De 6,00 à 12 metros Suas raízes não são agressivas e são profundas. Por sua sombra farta e bela copa, o oiti é uma escolha frequente na arborização urbana. É também muito tolerante à poluição dos grandes centros urbanos.

<sup>113</sup> Todas as figuras foram retiradas da internet, e de sites como Jardineiro.com e Portal São Francisco.



3. **Pau-Fava** (*Senna macranthera*): Até 8 metros, Copa frondosa e as raízes não são agressivas.



4. **Quaresmeira** (*Tibouchina granulosa*): Até 10 metros, folhagem perene, lindas flores roxas e boa sombra. Aprecia o clima tropical e subtropical, tolerando bem o frio moderado.



ITEM	FOTO	LOCAL
Telha termoacústica		Cobertura do Palco, mirante e arquibancada
Telha de barro		Demais coberturas
Porta metálica		Banheiros Masculinos e Femininos, e Depósito AVAP
Porta de MDF Laqueada		Nas demais esquadrias

<p>Tinta Acrilica Semi Brilho Premium Suvinil Ibiza 900ml.</p> <p>Duas cores diferentes.</p>		<p>Todas as paredes</p>
<p>Guarda corpo em aço inox</p>		<p>Todas as escadas</p>
<p>Madeira Macacaúba</p>		<p>Piso e guarda- corpo nos trapiches</p>
<p>Banco em madeira</p>		<p>Consultar projeto</p>
<p>Piso tátil</p>		<p>Calçadas e ambientes internos (consultar projeto)</p>



<p>Aninga</p>		<p>Barreira para a contenção do Rio Amazonas</p>
<p>Bancada de granito (escuro) para banheiro e pia de granito</p>		<p>Banheiros, Lavabo e Vestiário</p>
<p>Pia de Cozinha Roralit Granitado com Cuba em Inox</p>		<p>Cozinha</p>
<p>Vaso Sanitário com Caixa Acoplada Pettra Topázio Branco</p>		<p>Banheiros, Lavabos e Vestiário</p>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revitalização urbana é imprescindível para manter os edifícios históricos bem como a memória da cidade, mas o objetivo não se aplica somente a isso. As cidades vêm crescendo, e constantes transformações são sofridas por elas. Diferentes áreas perdem visibilidades, são degradadas pelo mau uso ou pela má administração pública, não descartando a possibilidade do problema ser ambas.

E com a preocupação do bem-estar das pessoas no futuro, atrelado a questões ambientais, fazer com que todas as áreas possam ser aproveitadas, a requalificação urbana é cada vez mais exigida. Fica claro que as praças e parques desempenham um papel importante como espaço democrático, tanto antigamente quanto na atualidade, onde se a utiliza para toda comunidade como uso comum, palco de decisões, local de convívio, esporte e lazer.

Para a valorização e preservação das praças e parques públicos, conhecer a importância, os usos e funções destas áreas são essenciais para a sustentabilidade voltada ao meio ambiente e a qualidade de vida da população, no qual a proposta ao objeto de estudo foi pensada justamente para atender todas as necessidades de modo geral, tanto para a população quanto ao meio ambiente, de forma que ajude no meio em que está locada e além de dar vida novamente ao mesmo e ao seu entorno.

## REFERÊNCIAS

ABREU, E.M.A. d.; FERNANDES, A.R.; MARTINS, A.R.A.; RODRIGUES, T.E. Produção de forragem e valor nutritivo de espécies forrageiras sob condições de pastejo, em solo de várzea baixa do Rio Guamá. **Acta Amazônica**, v. 36, n. 1, p. 11-18, 2006.

AMARANTE, C.B., SILVA, J.C.F., SOLANO, F.A.R., NASCIMENTO, L.D., MORAES, L.G., SILVA, G.F., UNO, W.S. Spectrometric study of the leaves of Aninga (*Montrichardia linifera*) collected from the Guama River, Campus of UFPA, Belém-PA. A contribution to the chemical study of the Araceae family. **Revista Científica da UFPA**, v. 7, p.1-19, 2009.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. L. Use of medicinal plants by the caboclos of the Lower Amazon. Barcarena, PA, Brazil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Sér. Botânica**, 1998.

ANDRADE, João Paulo Jeannine Carneiro. **O conceito de Pays e sua discussão na geografia francesa do xix**. In: *XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 25 al 29 de Julio del 2011, Universidad de Costa Rica - Universidad Nacional, Costa Rica*. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica, II Semestre 2011, pp. 1-13.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Ed.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 11-74

BAFFI, Mirthes I. S.; KFOURI, Jamil J. **Estudo preliminar das áreas verdes e espaços abertos de São José do Rio Preto-SP**. Relatório apresentado ao Escritório Regional de Planejamento da Prefeitura de São José do Rio Preto. São José do Rio Preto, 1977.

BAMANA A, TESSIER S, VUILLEMIN A. **Association of perceived environment with meeting public health recommendations for physical activity in seven European countries**. J Public Health. 2008;30: 1-8.

BELÉM, Prefeitura Municipal. **Projeto Básico Portal da Amazônia**. Belém: Secretaria Municipal de Urbanismo; Secretaria Municipal de Saneamento; Gabinete do Prefeito Municipal, 16 jan. 2006. [Projeto básico; planilhas, textos, mapas, plantas técnicas eletrônicas. Versão fornecida em edital de licitação pública para contratação de projetos complementares e obra civil]. Belém: Prefeitura Municipal, jan. 2006. 1 CD-ROM



BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BERTOLUCCI, Fábio Luiz. A área central de Uberlândia: espaço preferencial das atividades informais – os camelôs e os ambulantes. In: Simpósio Regional De Geografia, 2. 2003, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2003. Disponível em <<http://www.ig.ufu.br>>. Acesso em: 21 out. 2017.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1280p.

BRASIL. **Lei no 10.406**, de 10 de Janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/2002/L10406.htm>> Acesso em: 12 out. 2017.

CAVALHEIRO, F. & DEL PICCHIA, P.C.D. Áreas Verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. In: **Congresso brasileiro sobre arborização urbana, I, Vitória/ES**. Anais I e II. 1992. p. 29-35.

CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. B. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Prefeitura da cidade de Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CARVALHO, R. dos A. Uso do solo e morfologia urbana na cidade de Parintins (AM): o caso da Lagoa da Francesa. In: **XIII SIMPUR**, UERJ: Rio de Janeiro, 18-22 de novembro de 2013.

CRUZ, Sandra Helena Ribeiro; SILVA, Iraneide Souza; DE SÁ, Maria Elvira Rocha. SEGREGAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO E DA MORADIA: “PORTAL DA AMAZÔNIA” EM BELÉM-PA. **Temporalis**, [S.l.], v. 15, n. 29, p. 223-246, jul. 2015. ISSN 2238-1856. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7221>>. Acesso em: 25 jul. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.22422/2238-1856.2015.v15n29p223-246>.

CUNHA, A. C.; CUNHA, H. F.; SOUZA, J. A.; NAZARÉ, A.; PANTOJA, S. Monitoramento de Águas Superficiais em Rios Estuarinos do Estado do Amapá sob Poluição Microbiológica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Naturais, v. 1, n. 1, p. 191-199, 2005.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. **Praças: História, Usos e Funções**. Editora da Universidade de Maringá - Fundamentum (15), 2005.

DE JESUS, Lorena Silva. Gestão Social e Governança Urbana: O caso do Portal da Amazônia, Belém - PA. **Administração Pública e Gestão Social**, [S.l.], p. 27-34, out. 2013. ISSN 2175-5787. Disponível em: <<http://www.apgs.ufv.br/index.php/apgs/>>

article/view/576>. Acesso em: 25 jul. 2017. doi:<https://doi.org/10.21118/apgs.v6i1.576>.

ESCADA, M. I. S. **Utilização de técnicas de sensoriamento remoto para o planejamento de espaços livres urbanos de uso coletivo**. 1992. 133 p. Dissertação (Mestrado). Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. São José dos Campos.

FURTADO, M. B. **Contribution to the study of the extraction process and the physical characterization of fiber from Aninga (*Montrichardia linifera* Schott)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará. 2002.

FRANCISCO, Arlete Maria. **Arquitetura e Cidade: habitação vertical em São José do Rio Preto, 1958-2007**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

FRANCISCO, Arlete Maria; FERNANDES, Mayra. O PARQUE SETORIAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E A CONFORMAÇÃO DE UM SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA. **Revista Tópos**, v. 6, n. 1, p. 130-148, 2012.

GAETE, C. M. **Paisagem e Arquitetura: Parque Fluvial Renato Poblete**. 04 Fev 2015. ArchDaily Brasil. (Trad. Romullo Baratto) Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/761449/paisagem-e-arquitetura-parque-fluvial-renato-poblete>>. Acessado 24 Jul 2017.

GEMAQUE SOUZA, C. B. **A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia**. Confins [Online], 5 | 2009, posto online no dia 21 Março 2009, consultado o 07 Julho 2017. Disponível em: <<http://confins.revues.org/5633>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

KFOURI, Jamil José. **Parque de Fundo de Vale de São José do Rio Preto – SP**. Monografia (Especialização em Paisagismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.

KLIASS, R. G. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: PINI, 1993. 212p.

LAURIE, M. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gili, 1983. 306 p.

LIMA, A. M. L. P *et al.* Problemas na utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: Congresso Brasileiro de Arborização Urbana. São Luís. **Anais...**São Luís: Imprensa Emater/MA, 1994. p. 539-550.

LINS, A.L.F.A. & OLIVEIRA, P.L. Origem, aspectos morfológicos e anatômicos das raízes embrionárias de *Montrichardia linifera* (arruda) Schott (Araceae). **B. Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Bot.**, v.10, n. 2, p. 221-236, 1994.

LINS, A. L. F. A. **Morphological and anatomical aspects of roots of genus Montrichardia Crüger. (Araceae)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 1994. 91 pp.

LYNCH, KEVIN. **The Image of the City** (A Imagem da Cidade). Cambridge MA: MIT Press, 1960.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2003.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise. v. 8 (2004) R. RA'É GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR

MAYO, S.J.; BOGNER, J.; BOYCE, P.C. **The Genera of Araceae**. Royal Botanic Gardens: United Kingdom, 1997. 370 pp.

MELAZO, G. C.; COLESANTI, M. T. M. Parques Urbanos: Importantes “espaços verdes” na dinâmica ambiental das cidades In: **II Simpósio Regional de Geografia “Perspectivas para o cerrado no século XXI”**, Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, nov. 2003.

MEUNIER, Isabelle Maria Jacqueline. Percepções e expectativas de moradores do grande Recife-PE em relação aos parques urbanos. **Revista Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba-SP**, v. 4, p. 35-43, 2009.

METZGER, Jean Paul. **O que é ecologia da paisagem?** Biota Neotropica <<http://www.bionetropica.org.br/v1n12/pt/abstract?thematic-review+BN00701122001>> Recebido em 01 de Outubro de 2001, Publicado em 28 de Novembro de 2001. Laboratório de Ecologia de Paisagens e Conservação – LEPaC. Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências – USP: São Paulo, 2011.

NOVAES, R. S. **A dinâmica de uso Da Praça Olavo Bilac no contexto da cidade de Belém**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), UFPA; Belém, 2011, p. 119.

NUCCI, J. C. **Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano**. São Paulo: Humanistas/FFLCH-USP, 2001.

PATE RR; BLAIR SN. **Physical activity and public health: a recommendation from the Centers for Disease Control and Prevention and the American College of**

**Sports Medicine.** JAMA. 1995; 273:402-7.

PORTAL, R.R.; LIMA, M.A.S.; LUZ, V.L.F.; BATAUS, Y.S.L. Vegetables species used as food by *Podocnemis unifilis*, Troschel 1948 (*Reptilia: Testudinae, Pelomedusidae*) in the Pracuúba Region, State of Amapá/Brazil. **Ciência Animal Brasileira** 3: 11-19 2002.

SANTOS, M. **O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção.** 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 384 p.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método.** São Paulo: Edusp. 2008.

SANTOS FREITAS, A; OLIVEIRA PINTO, E. C; ANIDIO MOREIRA. F. S; Projeto Portal da Amazônia: inclusão ou exclusão?. **Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território**, 2014. Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014, p. 292-298. ISBN 978-85-63800-17-6

SAUER, Carlos Eduardo; PINTO, Roberto Carlos. **Sociedade, natureza e espaço geográfico.** Curitiba: InterSaberes, 2015.

SCALISE, W. Parques Urbanos – Evolução, Projeto, Funções e Usos. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília, v. 4, n. 1, p.17-24, 2002. Disponível em: <[http://www.unimar.br/feat/assent\\_humano4/parques.htm](http://www.unimar.br/feat/assent_humano4/parques.htm)>. Acesso em: 07 nov. 2017.

SCHIER, R. A. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia.** R. RA'E GA, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 1996. 240 p.

SINGER, Paul; POCHMANN, Márcio. **Mapa do trabalho informal: Perfil sócio econômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo.** 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SILVA, Vinícius Vieira. HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E IMPRENSA PAULISTA: UM ESTUDO SOBRE O ÁLBUM ILUSTRADO DA COMARCA DE RIO PRETO (1927-1929). **Horizonte Científico**, v. 9, n. 2.

SMANIOTTO COSTA, Carlos. **Metropol Parasol em Sevilha**. Projeto de J. Mayer H. Architects. Projetos, São Paulo, ano 11, n. 130.02, Vitruvius, out. 2011 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.130/4066>>.

SOBRAL, M. L. S. **Os guardiões da memória na praça D. Pedro II**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPA; Belém, 2006, p. 108.

SOUSA, T. B.; CUNHA, E. B. Valoração econômica ambiental: uma estimativa do valor de uso e valor de não uso do rio Amazonas no litoral da capital amapaense. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 4, n. 2, p. 264-286, 2013.

VFH (Virtual Field Herbarium). 2007. (<http://herbaria.plants.ox.ac.uk/VFH/image/index.php?item=116&taxonomy=698>>). Acesso: 07 nov. 2017.

## SITES

DESIGNCONTEXT. Disponível em: <<http://www.designcontext.net/hornsbergs-strandpark-tra-terra-e-acqua/>>.

DISEÑOARQUITECTURA. Disponível em: <<http://www.disenoarquitectura.cl/parque-fluvial-renato-poblete-boza-arquitectos/>>

LIVE GAP. Disponível em: <<http://www.livegap.cl/10-razones-para-no-perderse-el-parque-fluvial-renato-poblete/>>

LANDARCHS. Disponível em: <<https://landarchs.com/hornsbergs-strandpark-a-modern-wonder-of-landscape-architecture/>>.

LANDEZINE. Disponível em: <<http://www.landezine.com/index.php/2013/02/hornsbergs-strandpark-by-nyrens-architects/>>.